

Hermes Zaneti

# JUVENTUDE e REVOLUÇÃO

*Uma investigação  
sobre a atitude  
revolucionária  
juvenil no Brasil*

B-053

Edunb

HERMES ZANETI é mestre em ciência política, pela Universidade de Brasília, professor e advogado. Atualmente é diretor do Instituto Teotônio Vilela e suplente de senador. É organizador da obra *Democracia, a grande revolução*, publicada pela Editora Universidade de Brasília e é o coordenador da coleção Contemporâneos do futuro, também da Editora UnB.

Zaneti foi líder sindical dos professores, foi presidente do Centro dos professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS), da Confederação de professores do Brasil (CPB) e diretor da Confederação Mundial das Organizações de profissionais de ensino CMOPE.

H. Zaneti exerceu dois mandatos como deputado federal, tendo sido membro da Assembléia Nacional Constituinte que elaborou a constituição de 1988, quando foi autor da emenda que concedeu o direito ao voto a partir dos 16 anos.



Hermes Zaneti

## Juventude e revolução

Uma investigação sobre a atitude  
revolucionária juvenil no Brasil

Edunb

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

*Reitor*

Lauro Morhy

*Vice-Reitor*

Timothy Martin Mulholland

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

*Diretor*

Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Airton Lugarinho de Lima Camara,

Alexandre Lima, Estevão Chaves de Rezende Martins,

José Maria G. de Almeida Júnior, Moema Malheiros Pontes Reinhardt Adolfo

Fuck, Sérgio Paulo Rouanet e Sylvia Fischer

*Copyright* © 2001 by Hermes Zaneti

*Impresso no Brasil*

Direitos exclusivos para esta edição:

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

SCS Q. 02 Bloco C Nº 78 Ed. OK 2º andar

70300-500 Brasília DF

Fax: (0--61) 225-5611



Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Equipe editorial: Airton Lugarinho (Supervisão editorial); Rejane de Meneses (Acompanhamento editorial); Joelita de Freitas Araújo (Preparação de originais e revisão); Regina Coeli Marques (Adaptação do original); Raimunda Dias (Editoração eletrônica); Márcio Duarte Macedo (Capa)

Ficha catalográfica elaborada pela  
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

Zaneti, Hermes  
Z28 Juventude e revolução: uma investigação sobre a atitude revolucionária juvenil no Brasil / Hermes Zaneti. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2001.  
242 p.

ISBN 85-230-0619-2

1. Atitude revolucionária – jovens. 2. Grupos sociais. 3. Socialização – jovens. I. Título.

CDU 301.173.7-053.7  
323.27-053.7

Quando eu era jovem e morava no interior, ia à missa aos domingos. O padre, maduro, sabendo do sacrifício que era cultivar a terra dos outros nas encostas do rio das Antas pagando-lhes a terça parte do produto, passava a palma de sua mão em minha cabeça e dizia:

– Sofre, meu filho, sofre que quando tu morreres irás ganhar o Céu.

Eu ouvia aquilo e pensava comigo:

– Será que a vida é um castigo, eu não tenho o direito de ser feliz? – e decidi lutar.

Passados muitos anos, nos estudos de minha dissertação de mestrado, na Universidade de Brasília, capital do país, leio:

“(…) a convicção de que a vida na terra poderia ser abençoada com a abundância, ao invés de amaldiçoada pela penúria, foi, na origem, pré-revolucionária e americana” (Arendt, 1988: 18). Referia-se à Revolução Americana de 1776.

“(…) A revolução, ao voltar-se da fundação da liberdade para a libertação do homem do seu sofrimento, rompeu as barreiras da resistência e liberou as forças devastadoras do infortúnio e da miséria” (Arendt, 1988: 88). Referia-se à Revolução Francesa de 1789.

À juventude, potencial de transformação revolucionária, em quem deposito a esperança de uma sociedade livre e igualitária.



# Sumário

AGRADECIMENTOS, 7

LISTA DE TABELAS, 9

PREFÁCIO, 15

## PARTE I

### PANORAMA REVOLUCIONÁRIO

INTRODUÇÃO, 21

CAPÍTULO I – JUVENTUDE E REVOLUÇÃO, 35

## PARTE II

### APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

CAPÍTULO II – JOVENS BRASILEIROS DO FINAL DO MILÊNIO, 63

CAPÍTULO III – EXISTE UM POTENCIAL REVOLUCIONÁRIO NA JUVENTUDE?, 99

CAPÍTULO IV – REVOLUÇÃO, JUVENTUDE, RELIGIÃO E *STATUS* SOCIOECONÔMICO, 135

CAPÍTULO V – SERIAM OS ESTUDANTES OS REVOLUCIONÁRIOS?, 147

CAPÍTULO VI – FALAM OS QUE FORAM JOVENS REVOLUCIONÁRIOS, 155

**PARTE III**  
**CAMINHOS DE FUTURO**

**CAPÍTULO VII – ATITUDE REVOLUCIONÁRIA NO JOVEM BRASILEIRO. 179**

**CAPÍTULO VIII – PODEMOS GARANTIR DEMOCRACIA, 192**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 211**

**ANEXOS, 217**



# Agradecimentos

Agradeço a todos os que aportaram a sua cooperação para que este trabalho fosse possível.

À Bebel, minha mulher, pelo estímulo e compreensão que a tornaram companheira, à Tainá, à Nicole, ao Rafael e ao Hermes Júnior, meus filhos, a quem espero oferecer o respeito pela construção de um nome de família, em compensação pelo tempo que não lhes dediquei.

Ao Azir, irmão mais velho, alicerce e esteio da família.

À juventude do PSDB, profundamente engajada neste trabalho.

Ao Instituto Teotônio Vilela (ITV), pelo decisivo apoio.

Ao DataUnB, pelo tratamento científico dos dados levantados.

À professora Maria das Graças Rua, pela amizade e contribuição consistente.

À Regina Marques, por acreditar neste trabalho e pela dedicação a esta obra.

À Silvia Todorov e ao Adler do Couto Andrade, pela contribuição crítica.

Ao professor Luiz Pedone, meu orientador.

Ao sempre Reitor, amigo Todorov.

Ao amigo governador Mário Covas, minha homenagem pela sua exemplar história de vida e meus agradecimentos pelo prefácio deste livro.



## Lista de tabelas

Tabela 1. Jovens, por região geográfica, segundo o grau de atitude participativa, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **78**

Tabela 2. Jovens, por tipo de cidade, segundo o grau de atitude participativa, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **79**

Tabela 3. Jovens, por região geográfica, segundo atitude diante da participação política, percentagem. Brasil, 1998/1999, **80**

Tabela 4. Jovens, por tipo de cidade, segundo atitude diante da participação política, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **80**

Tabela 5. Jovens, por região geográfica, segundo comportamento diante da participação política, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **81**

Tabela 6. Jovens, por tipo de cidade, segundo comportamento diante da participação política, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **82**

Tabela 7. Jovens, por região geográfica, segundo o grau de intensidade de atitudes políticas, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **83**

Tabela 8. Jovens, por tipo de cidade, segundo o grau de intensidade de atitudes políticas, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **84**

Tabela 9. Jovens, estudante ou não-estudante, segundo o grau de intensidade de atitudes políticas, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **85**

Tabela 10. Jovens, segundo a atitude diante da situação social do país, em número absoluto e em percentagem. Brasil, 1998/1999, **86**

Tabela 11. Jovens, por região geográfica, segundo a atitude diante da situação social do país, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **86**

Tabela 12. Jovem, por tipo de cidade, segundo a atitude diante da situação social do país, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **87**

Tabela 13. Jovens, segundo a ideologia, em número absoluto e em percentagem. Brasil, 1998/1999, **88**

Tabela 14. Jovens, por região geográfica, segundo a ideologia, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **88**

Tabela 15. Jovens, segundo o grau de conformidade com a situação social do país, em número absoluto e em percentagem. Brasil, 1998/1999, **89**

Tabela 16. Jovens, por tipo de cidade, segundo o grau de conformidade com a situação social do país, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **90**

Tabela 17. Jovens, estudante ou não-estudante, segundo o grau de conformidade com a situação social do país, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **91**

Tabela 18. Jovens, segundo o maior sonho, em número absoluto e percentagem. Brasil, 1998/1999, **92**

Tabela 19. Jovens, segundo o motivo considerado bom para trabalhar e lutar por uma revolução, em número absoluto e percentagem. Brasil, 1998/1999, **93**

Tabela 20. Jovens, segundo seu conceito de revolução, em número absoluto e em percentagem. Brasil, 1998/1999, **94**

Tabela 21. Jovens, segundo o grau de atitude revolucionária, em número absoluto e em percentagem. Brasil, 1998/1999, **94**

Tabela 22. Jovens, por região geográfica, segundo o grau de atitude revolucionária em percentagem. Brasil, 1998/1999, **95**

Tabela 23. Jovens, por tipo de cidade, segundo o grau de atitude revolucionária em percentagem. Brasil, 1998/1999, **95**

Tabela 24. Pessoas, por categoria de idade, segundo a imagem que têm da sociedade quanto à ética/riqueza, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **100**

Tabela 25. Pessoas, por categoria de idade, segundo a imagem que têm da sociedade quanto à honestidade/desonestidade, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **101**

Tabela 26. Pessoas, por categoria de idade, segundo a imagem que têm da sociedade quanto à paz/tranquilidade/violência, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **101**

Tabela 27. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua atitude diante da sociedade, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **102**

Tabela 28. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua atitude diante da afirmação “Quando o governo toma uma medida que prejudica o povo as pessoas não têm como impedir”. em percentagem. Brasil, 1998/1999, **103**

Tabela 29. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua atitude diante da afirmação “A melhor sociedade é aquela onde cada um conhe-

ce seu devido lugar”, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **103**

Tabela 30. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua atitude diante da afirmação “Qual consideram ser a mais importante qualidade de um líder político”, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **104**

Tabela 31. Pessoas, por categoria de idade, segundo a ideologia, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **105**

Tabela 32. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua crença no Diabo, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **105**

Tabela 33. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua crença em magia, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **106**

Tabela 34. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua crença em milagres, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **106**

Tabela 35. Pessoas, por terem ou não crenças místicas, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **107**

Tabela 36. Pessoas, por categoria de idade e por terem ou não crenças místicas, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **108**

Tabela 37. Pessoas, por categoria de idade, segundo quem consideram controlar o poder no Brasil, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **109**

Tabela 38. Pessoas, por categoria de idade, segundo atitude a ser tomada diante de grandes injustiças, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **109**

Tabela 39. Pessoas, por categoria de idade, segundo os motivos pelos quais obedecem, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **111**

Tabela 40. Pessoas, por categoria de idade, segundo atitude que devem ter em relação à vida, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **111**

Tabela 41. Pessoas, por categoria de idade, segundo a atitude diante da possibilidade de realização de seu maior sonho, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **112**

Tabela 42. Pessoas, por categoria de idade, segundo a crença na possibilidade de melhoria de vida dos pobres no Brasil, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **113**

Tabela 43. Pessoas, por categoria de idade, segundo a atitude diante da necessidade de profunda transformação para diminuir a desigualdade social no Brasil, em percentagem. Brasil, 1998/1999, 114

Tabela 44. Pessoas, por categoria de idade, segundo a atitude diante de soluções para os problemas sociais no Brasil, em percentagem. Brasil, 1998/1999, 115

Tabela 45. Pessoas, por categoria de idade, segundo a atitude diante da revolução como meio de transformação social, em percentagem. Brasil, 1998/1999, 116

Tabela 46. Pessoas, por categoria de idade, segundo participação de revolução para realizar a transformação social, em percentagem. Brasil, 1998/1999, 116

Tabela 47. Pessoas, por categoria de idade, segundo atitude diante da revolução por mobilização popular para tomar o poder, em percentagem. Brasil, 1998/1999, 117

Tabela 48. Pessoas, por categoria de idade, segundo participação de revolução por mobilização popular para tomar o poder, em percentagem. Brasil, 1998/1999, 117

Tabela 49. Pessoas, por categoria de idade, segundo atitude diante da luta armada como meio para realizar a revolução, em percentagem. Brasil, 1998/1999, 118

Tabela 50. Pessoas, por categoria de idade, segundo participação em luta armada como meio para realizar a revolução, em percentagem. Brasil, 1998/1999, 118

Tabela 51. Pessoas, por categoria de idade, segundo se estariam dispostas, por uma boa causa, a trabalhar e a lutar por uma revolução, em percentagem. Brasil, 1998/1999, 119

Tabela 52. Pessoas, por categoria de idade, segundo as circunstâncias em que admitiriam o uso da ação armada revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, 120

Tabela 53. Pessoas, por categoria de idade, segundo motivo considerado bom para trabalhar e lutar por uma revolução, em percentagem. Brasil, 1998/1999, 121

Tabela 54. Pessoas, por categoria de idade, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, 122

Tabela 55. Pessoas, por região geográfica, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **123**

Tabela 56. Pessoas, por categoria de idade e região geográfica, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **124**

Tabela 57. Pessoas, por tipo de cidade, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **125**

Tabela 58. Pessoas, segundo o grau de intensidade das atitudes políticas, em número absoluto e em percentagem. Brasil, 1998/1999, **126**

Tabela 59. Pessoas, por grau de intensidade das atitudes políticas, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **127**

Tabela 60. Pessoas, por categoria de idade, segundo o grau de intensidade das atitudes políticas, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **128**

Tabela 61. Pessoas segundo atitude diante da participação política, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **129**

Tabela 62. Pessoas segundo categoria de idade e atitude diante da participação política, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **129**

Tabela 63. Pessoas, por categoria de idade, segundo concepção de revolução, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **130**

Tabela 64. Pessoas, por conceito de revolução, segundo grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **131**

Tabela 65. Pessoas, por categoria de idade, segundo concepção de revolução e grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **132**

Tabela 66. Pessoas, católicas ou não-católicas, segundo o grau de conformidade político-social, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **136**

Tabela 67. Pessoas, por categoria de idade, católicas ou não-católicas, segundo o grau de conformidade político-social, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **136**

Tabela 68. Pessoas, católicas ou não-católicas, segundo a ideologia, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **137**

Tabela 69. Pessoas, católicas ou não-católicas, segundo categoria de idade e tipo de ideologia, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **138**

Tabela 70. Pessoas, católicas ou não-católicas, segundo grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **139**

Tabela 71. Pessoas, católicas ou não-católicas, segundo categoria de idade e grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **140**

Tabela 72. Pessoas, por *status* socioeconômico, segundo grau de conformidade político-social, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **141**

Tabela 73. Pessoas, por *status* socioeconômico, segundo a categoria de idade e o grau de conformidade político-social, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **142**

Tabela 74. Pessoas, por *status* socioeconômico, segundo a ideologia, em percentagem. Brasil 1998/1999, **143**

Tabela 75. Pessoas, por *status* socioeconômico, segundo a categoria de idade e ideologia, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **144**

Tabela 76. Pessoas, por *status* socioeconômico, segundo grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **145**

Tabela 77. Pessoas, por *status* socioeconômico, segundo grau de atitude revolucionária e categoria de idade, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **146**

Tabela 78. Pessoas, por categoria de idade, segundo a condição de estudante ou não-estudante, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **147**

Tabela 79. Pessoas, estudantes ou não-estudantes, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **148**

Tabela 80. Jovens, estudantes ou não-estudantes, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **149**

Tabela 81. Maduros, estudantes ou não estudantes, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **149**

Tabela 82. Pessoas, estudantes ou não-estudantes, por categoria de idade, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999, **151**

Tabela 83. Idade dos entrevistados ao optarem pela revolução, **156**

Tabela 84 – Percentual de conceito de revolução pelos que têm atitude revolucionária, **185**



# Prefácio

*Mário Covas*  
*Governador do estado de São Paulo*

País de jovens, são escassos, porém, entre nós, os trabalhos voltados ao conhecimento mais profundo desse vasto segmento da população brasileira. “Futuro da nação”, segundo consagrado lugar-comum, poucos pesquisadores ousaram identificar o que os jovens pensam, a motivação para interferirem ou não na política nacional.

Hermes Zaneti está entre eles, com este amplo e instigante levantamento da relação juventude–revolução. Trabalho complexo, destinado, sem dúvida, a provocar polêmicas, reflete duas das preocupações que têm acompanhado o autor há longo tempo: as transformações sociais que se impõem ao país e o papel que compete aos jovens na sua consecução.

Formando um contingente que corresponde a 20% da população, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os jovens vivem, como ressalta o autor, “perplexidades desconcertantes, perguntas ainda sem respostas, conflitos sem solução”.

Os estudiosos já mostraram que, atualmente, em nossa sociedade, tanto a esfera privada quanto a pública são caracterizadas pela velocidade e pela intensidade. A rapidez com que tudo se transforma, no entanto, reduz o poder que têm os indivíduos de prever as ações pessoais e os destinos coletivos. Esse é um dos problemas mais inquietantes da nova realidade. Mas é, também, um fator que realça a importância dos jovens. São eles, por excelência, os atores sociais mais sensíveis e suscetíveis a mudanças e os únicos capazes de esta-

belecer novos diálogos e de identificar novos conteúdos no modelo social que se forma.<sup>1</sup>

Que perspectiva de futuro têm os jovens de hoje? Como motivá-los a participar dos rumos e da construção de uma sociedade que atenda aos seus anseios e lhes dê perspectiva de uma vida feliz? Em que sociedade os adultos os convidam a ingressar? – indaga o autor do presente trabalho, logo às suas primeiras linhas. E chama a atenção dos mais velhos sobre sua responsabilidade por um mundo em que os valores econômicos e financeiros estariam prevalecendo sobre a ética, a moral e a política.

Experimentado, desde muito cedo, nas hostes do magistério – onde desenvolveu, também, atividades sindicais, destacando-se os dois mandatos em que presidiu a Confederação dos Professores do Brasil –, Hermes Zaneti possui um longo convívio com a juventude. E, por isso mesmo, a profunda preocupação com sua presença na discussão dos grandes temas nacionais. Daí ser sua a autoria da emenda que instituiu o direito de voto a partir dos 16 anos de idade, em boa hora acolhida pela Assembléia Nacional Constituinte e incorporada à Constituição Federal.

Mas quem são, afinal, estes quase 32 milhões de indivíduos que, segundo o recenseamento citado, encontram-se na faixa dos 16 aos 25 anos? O que pensam sobre a realidade brasileira? Como se posicionam frente à necessidade de mudanças?

Fundador do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e diretor do Instituto Teotônio Vilela, o professor Zaneti recorreu ao apoio dos órgãos locais do PSDB, em especial da sua Juventude. Foram identificadas 21 cidades, repercutindo todas as regiões geográficas do país. Uma amostra suficientemente representativa foi levantada com um coeficiente de confiança de 95% e margem de erro de 2,5%. Para assegurar consistência à pesquisa qualitativa, tomou-se o cuidado de ouvir especialistas do comportamento dos jovens do grupo etário em pauta.

Para proceder-se à investigação sobre as relações entre idade e atitude revolucionária, que é a pedra angular da tese proposta, não só

---

<sup>1</sup> Vide o artigo “O futuro pede passagem”, de Felícia R. Madeira e Cecília P. Mameri, em *20 anos no ano 2000 – Estudos sociodemográficos sobre a juventude paulista*, São Paulo, Fundação Seade, 1998.

líderes jovens foram entrevistados, como também militantes dos movimentos revolucionários dos anos 60.

O olhar retrospectivo desses ativistas – amadurecidos em um confronto que não foi apenas o das idéias – atualiza-se, em particular, no depoimento de um deles, que ao conceito de revolução como enfrentamento armado, que possuía então, contrapõe a sua concepção presente, que a associa à radicalização da democracia. “ao surgimento de novos sujeitos sociais e políticos”, à combinação de “liberdade política com a idéia de igualdade social, que é a utopia possível e revolucionária nos dias de hoje”. Recoloca-se aqui, como acentua Hermes Zaneti, a idéia de democracia como instrumento revolucionário, mas também como conteúdo.

O que pensam a respeito os jovens de hoje? As respostas aos questionários mostraram que a revolução que concebem é um “processo permanente de transformações profundas e de mudanças estruturais. Não é uma acumulação de forças que ao final provoca uma ruptura, uma tomada violenta do poder”, ou seja, também para eles a democracia parece ser o caminho do avanço. Há rejeição às vanguardas revolucionárias, mas verifica-se, igualmente intensa, a descrença nos atuais instrumentos políticos e partidários.

No entanto, mostra-se elevado o percentual dos jovens que se revelaram adeptos de atitudes revolucionárias – 77% do universo pesquisado contra 71% dos indivíduos com mais de 25 anos, índice este também, seja ressaltado, bastante expressivo. Atitude revolucionária que, como é destacado, não deriva do *status* econômico, nem da religião, condição de estudante, região geográfica ou características da cidade habitada – uma conclusão que a um só tempo se confronta com estereótipos ideológicos, sem que isso signifique reiterar a “idéia feita” da rebeldia da juventude.

Em tal contexto, como reunir as forças para as transformações desejadas? Como lhes assegurar a “organicidade” necessária para que possam operar com eficiência? Está aí um desafio aos sindicatos, partidos, organizações sociais. Está aí a urgência de estabelecer um programa mobilizador, do qual Hermes Zaneti enuncia, desde já, algumas das principais propostas.

É indispensável estimular a participação política do jovem, mas é também premente combater os fatores de exclusão juvenil, seja no mercado de trabalho, na educação, na cultura.


Sendo esse um problema que se reproduz em escala mundial, em nosso continente foi criado o Programa Regional de Ação para o Desenvolvimento da Juventude na América Latina (PRADJAL), um acordo para a instituição de organismos executivos oficiais que tratassem do tema. No Brasil existem poucos órgãos voltados mais diretamente aos jovens.

No intuito de articular políticas adequadas e implementar mecanismos de participação dos diversos setores sociais direcionados a esse segmento, o governo de São Paulo – estado em que, desde 1986, está em atividade o Conselho Estadual da Juventude – propôs a criação da Secretaria da Juventude, sancionada por lei em novembro passado.

A investigação realizada por Hermes Zaneti, procedida com muito critério e rigor, oferece valiosos subsídios à compreensão da nossa juventude.

Muito bem-vinda, portanto, a publicação do que foi inicialmente uma tese acadêmica, disponibilizada agora para toda a sociedade.

São Paulo, março de 2000



Parte I  
Panorama revolucionário



# Introdução

Em toda a história da humanidade, em quase todas as civilizações<sup>1</sup> podemos constatar o potencial do jovem para provocar ações políticas transformadoras. Para a civilização ocidental moderna, um dos exemplos mais marcantes desse fenômeno foram os acontecimentos de maio de 1968 na França, cujos efeitos têm servido como inspiração dos jovens para muitas manifestações políticas em diferentes países do mundo.

Na China, na Coreia, na ex-URSS, na África do Sul e em vários outros países, os jovens têm sido atores de cenas políticas que interferem a fundo na realidade social e política. Na Europa, eles têm promovido manifestações para influenciar a situação política de outros países do mundo.

Em várias situações, as manifestações jovens não estão ligadas às estratégias de partidos políticos. Já em outras estão fortemente direcionadas por esse tipo de organização, dependendo muito do momento histórico ou de um sistema de valores com os quais eles se identificam. Esse potencial da juventude no sentido de uma ação transformadora não é, necessariamente, positivo para a humanidade. Diferentes motivações têm despertado o vigor da juventude e funcionado como um verdadeiro motor propulsor para rumos muito diferentes, considerados de uma perspectiva político-ideológica ou sob um determinado conjunto de valores. As motivações que levaram os jovens a apoiar Hitler e Mussolini não foram, com certeza, as mesmas dos jovens de maio de 1968 em Paris, até porque os primeiros respaldaram líderes com propostas totalitárias e os outros conduziram seu

---

<sup>1</sup> Britto, 1968; Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, 1995.

próprio movimento e forçaram mudanças políticas no sentido coletivo e que emergiram de suas próprias aspirações e necessidades.

A história do Brasil registra importantes movimentos da juventude, como a mobilização dos universitários em torno da União Nacional dos Estudantes (UNE) em memoráveis campanhas nacionais como, por exemplo, a do “O Petróleo é Nosso”. O movimento estudantil de 1968, que confrontou o regime militar, a mobilização pela conquista do direito de voto aos 16 anos e, mais recentemente, a campanha dos “caras-pintadas”, que culminou com o *impeachment* do presidente da República, são, também, episódios marcantes. A ação autônoma dos jovens no Brasil parece ser o celeiro de gestação e geração de importantes lideranças políticas e culturais, bem como de impactos capazes de promover alterações políticas, sociais e culturais.

A história parece indicar que esses movimentos têm tido como limite influenciar nas mudanças e não conquistar poder formal como partidos políticos, pois têm um caráter mais coletivo, como potencial para a ação política institucional.

Todavia, vivemos um momento de grande perplexidade neste final de século. As fronteiras ideológicas tornaram-se tão tênues que a visão mais realista nos dá a impressão de estarmos à deriva, a bordo de um mundo que perdeu seu rumo. Além disso, as conquistas da revolução científica e tecnológica, principalmente na área das comunicações, permitem-nos, pela primeira vez em nossa história, perceber nossa dimensão planetária. A consequência mais estarrecedora dessa situação é o questionamento das mais firmes convicções ideológicas. Como decorrência, é necessário refletir sobre o conjunto de valores que a sociedade atual oferece para o engajamento do jovem no processo político.

Que perspectiva de futuro tem o jovem de hoje? Como criar um campo civilizatório capaz de motivar o jovem a participar da definição do rumo e da construção de uma sociedade que atenda a seus anseios e lhe dê a perspectiva de uma vida feliz? Essas são algumas das questões que motivaram a pesquisa que deu origem a esse trabalho.

Observa-se, hoje, o engajamento de muitos jovens em movimentos religiosos, místicos e outros do gênero. Isso parece indicar uma necessidade do jovem de “pertencer”. De que forma essa necessidade poderia ser canalizada para algo mais identificado com o processo



político, social e cultural na construção do desenvolvimento sustentável? A rapinagem sobre a natureza é de tal ordem que, em um pequeno período histórico, se tomado como referência o tempo de existência do planeta, o homem está destruindo o que a natureza levou bilhões de anos para gerar, que são as condições de vida sobre a Terra.

A diversidade de problemas de um planeta que pode ser tornado inabitável pelo crescimento exponencial da população e seus reflexos ambientais, em um mundo dividido entre uma minoria de países ricos e uma imensa maioria de pobres, não se resolve de maneira simplista. A exclusão social e mesmo política de camadas imensas da população e até de países e regiões do planeta dos frutos do desenvolvimento será apresentada aos jovens como fato consumado ou há caminhos de superação dessa realidade que podem engajar os jovens em um processo de transformação com reversão desse quadro?

Podemos verificar que o incremento da participação popular e jovem nas representações parlamentares, o aumento da mobilização social e jovem no plano das deliberações políticas, a organização de grupos, associações, sindicatos, etc. modificam a geografia do espaço público e, em boa parte, abrem a perspectiva transnacional da cidadania. Como será o mundo da “globalização”? Que papel cabe ao jovem diante dessa perspectiva?

Assim, além das questões políticas de como se organizar para conviver, a juventude tem um imenso desafio adicional, que é o de mudar a relação entre o homem e a natureza para possibilitar a sobrevivência da humanidade na Terra. O problema que se apresenta, portanto, é o de uma espécie de dupla globalização: a que coloca pessoas e nações em disputa diante de interesses inter-relacionados e a que coloca o conjunto de pessoas da sociedade humana diante da necessidade de assegurar condições de vida no planeta para o futuro. Essas exigências de um mundo novo, a par de constituírem um imenso desafio, podem representar excelentes oportunidades. Desafio porque há um jogo de inclusão e exclusão decorrente de uma disputa globalizada. Oportunidade porque a ameaça à sobrevivência global pode apontar caminhos de cooperação inimagináveis noutros tempos. Essas perspectivas podem aguçar a criatividade e oferecer, especialmente à juventude, alternativas de reconceber o mundo a que queiram pertencer no futuro.

Se a juventude é, como pensamos, uma ponte entre o passado e o futuro da humanidade, e se queremos ter esse futuro, precisamos interessar a juventude para novos objetivos que, ao invés da disputa e do conflito, estimulem a cooperação e a convivência, evitando buscar a superação das necessidades por meio da agressão à natureza, estabelecendo com ela uma relação de harmônica integração.

Em uma reunião com um grupo de jovens entre 14 e 22 anos, em janeiro de 1997, no Rio Grande do Sul, como parte da elaboração deste trabalho, perguntamos o que é o mundo para eles. Ouvimos que o mundo é um jogo de interesses, que tudo são interesses, que o mundo é movido pelo dinheiro, que a sociedade que não tem moeda é uma sociedade primitiva e que os países estão interligados pelo dinheiro. Claro que essa mostra não tem validade científica, mas, sem dúvida, nos leva a perguntar: a que sociedade chegamos?

O valor econômico, o valor financeiro, parece tornar-se o único valor real da sociedade atual e parece estar-se impondo sobre a ética, sobre a moral, sobre a política, a religião, etc. O problema é que esse valor mesmo é uma convenção, ou uma ficção etérea, conhecida como dinheiro ou moeda, cujo valor é absolutamente manipulável, e mesmo volátil. Se parássemos para refletir, provavelmente estaríamos tão assustados quanto os jovens atuais e nos perguntaríamos: é nessa sociedade que os adultos nos convidam a entrar?

Mas a vida segue seu curso e a natureza contempla a possibilidade de um futuro para a humanidade. Poderíamos perguntar à juventude qual o seu compromisso com o mundo do futuro no qual ela vai viver. Se essa sociedade não serve, o que pode a juventude fazer para mudá-la? Para construir um novo rumo? Para ativar sua potencialidade dentro de um outro conjunto de valores?

O fato é que a sociedade do deus Dinheiro, que nos levou a uma competição desenfreada, a um individualismo extremado, faliu. É preciso fazer algo urgentemente! A ciência política tem um compromisso com isso.

### **Voto como instrumento de transformação**

O voto é um poderoso instrumento para viabilizar a transformação política e social. Acreditando nisso e no potencial da juventude,

foi aprovada pela Assembléia Nacional Constituinte de 1988 emenda que concede aos jovens o direito de voto facultativo a partir dos 16 anos.

Historicamente, há uma relação direta entre o direito de voto e a idade. Em 1824, passaram a ter direito ao voto os brasileiros do sexo masculino que tivessem renda mínima de 100 mil réis e que, pelo menos, tivessem 25 anos de idade. Em 1891, a idade foi reduzida para 21 anos; a partir de 1932, as mulheres funcionárias públicas passaram a votar. Em 1934, a idade para o exercício do voto foi reduzida para 18 anos, e em 1937 todas as mulheres receberam esse direito.

É importante considerar, ainda, as diferenças de tratamento em razão da idade para vários ramos do Direito. A Constituição atual autoriza o jovem a trabalhar a partir dos 14 anos. A filiação partidária pode dar-se a partir dos 16 anos. Quando o jovem só podia votar aos 18 anos, a Lei de Segurança Nacional, instrumento político da ditadura militar, considerava o jovem responsável, criminalmente, a partir dos 16 anos. O jovem pode apresentar-se às Forças Armadas para o serviço militar, em caso de guerra, com a idade de 16 anos.

É oportuno destacar um episódio marcante ocorrido durante a votação do direito de voto facultativo entre 16 e 18 anos, na Assembléia Nacional Constituinte. Naquela oportunidade, o senador Afonso Arinos, o mais velho dos constituintes, ao defender o direito de voto aos jovens, afirmou que a tradição, no Brasil, não era a de atribuir responsabilidades políticas aos jovens aos 16 anos, mas sim aos 15 anos. Referiu, como testemunho, o episódio da história do Brasil, da declaração da maioria de d. Pedro II para que o mesmo pudesse assumir o trono. Seu discurso motivou os constituintes e foi decisivo para a aprovação daquele dispositivo.

Os fatos demonstram que o jovem tem vontade de participar e responsabilidade, pois nas eleições de 1989 verificou-se um número de aproximadamente três milhões e meio de eleitores na faixa etária de 16 a 18 anos incompletos exercendo o direito de voto garantido pela Constituição de 1988. Esse número é bastante expressivo para um país que passou mais de duas décadas sob um regime no qual seus cidadãos não podiam exercer o direito de escolha de seus representantes. Esses jovens eleitores provêm de famílias que não puderam exercer a liberdade democrática plena durante os 21 anos de

ditadura militar. Mesmo assim eles se mostraram dispostos a participar da vida política do país, por meio do voto, como afirma Hora (1990).

Por um lado, essa experiência acena para a real possibilidade de consolidação da via democrática em nosso país. Por outro, não dispomos de dados quantitativos e qualitativos que comprovem que tivemos, de fato, um acréscimo de eleitores conscientes de seus direitos de cidadãos. Mas a certeza é que a realidade eleitoral foi modificada pelos jovens eleitores.

### Quem é o jovem?

Pretendemos compreender melhor o período da vida humana conhecido como *jovem* e sua relação com *atitude revolucionária*.

Quem é o jovem? Quais suas características? Qual é a idade abrangida pela juventude? Como se comporta no espaço e no tempo? Ou seja, o jovem comportou-se sempre da mesma maneira ao longo da história e nas diferentes regiões e países? O que motiva o jovem?

Essas são algumas entre muitas perguntas que podemos fazer a respeito do jovem. Seguramente não temos intenção de responder a todas elas de forma a esgotar o assunto aqui. Procuraremos, no entanto, aproximar-nos, o melhor possível, da compreensão dessa questão.

Situaremos a juventude como uma etapa de vida do homem, com suas características, qualidades e limitações, com suas perspectivas, sua história. Que papéis a sociedade humana reservou, em diferentes épocas e diferentes culturas, às várias fases da vida do homem, em geral descritas como infância, juventude, fase adulta e velhice?

Mas o que é ser jovem? A juventude está situada num contínuo, é uma fase, uma etapa da vida humana. Não há uma classificação rígida nem das etapas de vida do homem, nem da categoria juventude. Esses conceitos têm variado segundo diferentes culturas e diferentes épocas. Citamos aqui dois exemplos:

- 1- A sociedade tradicional camponesa na França parece ter comportado oito categorias: 1) primeira infância (da concepção ao fim do aleitamento); 2) as crianças; 3) a) os jovens, b) as jovens; 4) os

recém-casados; 5) os pais e mães de família; 6) os viúvos e as viúvas; 7) os velhos; 8) os falecidos (Britto, 1968, I:18-19).

2- A sociedade japonesa reconhece e designa diversas idades da vida: a criança, do nascimento aos seis anos; *shônen*, o menino e a menina de seis anos a cerca de 15 anos; *seinen*, o rapaz ou moça; enfim, *otona*, as pessoas mais velhas, os adultos. (...) Mas a coisa não fica tão fácil quando se trata de precisar os limites de idade da categoria: Que fronteiras anteriores e posteriores se devem adotar? O dicionário ajuda muito pouco: suas indicações, quando não são vagas, são suspeitas de arbitrariedade (Britto, 1968, I:119).

Se as diferentes etapas da vida humana em geral não têm um critério para serem classificadas, assim, também, ocorre com a própria juventude. De acordo com Britto: “Os estudos científicos referentes às idades infantil e juvenil, bem como os inícios de um empirismo sociológico, datam do século XVIII” (Britto, 1968, I:37).

Ao consultarmos os estudos já desenvolvidos, constatamos que a definição da idade do jovem cresce em sua complexidade pelos diferentes fatores que a envolvem e que não se esgotam em sua idade cronológica. Por isso, diferentes instituições têm usado períodos variados para classificar a juventude. A Organização Internacional da Juventude define os limites etários entre 15 e 24 anos, enquanto a WHO/OPAS entre dez e 20 anos.

A pedido da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), Stoetzel ficou encarregado de caracterizar a juventude do Japão do pós-guerra e

depois de considerar os critérios baseados sobre o crescimento fisiológico, os critérios legais da maioridade e os critérios socioeconômicos do casamento, da paternidade e da independência econômica, o autor, em conclusão, é obrigado a estabelecer, com “bastante arbitrariedade”, os limites de 15 a 25 anos (*apud* Britto, 1968, I:13).

Diferentes critérios entram nessa definição. Assim, considerações como maioridade legal, casamento, paternidade ou maternidade, juventude rural ou urbana, juventude trabalhadora, estudantil, etc. em diferentes culturas e épocas históricas têm determinado varia-

ções sobre os limites de idade para a juventude. No entanto, é possível demarcar contornos que nos permitam concluir por um entendimento sobre a idade caracterizada como juventude.

Considerando os estudos realizados, a evolução fisiológica, os comportamentos ditados pela cultura (sexo, casamento, etc.), os estudos, o trabalho, a evolução dos meios de comunicação, os direitos de participação política, a maioridade legal e a responsabilidade civil e criminal, adotamos a idade mínima de 16 anos e a máxima de 25 anos para definir a idade do jovem. A partir dos 16 anos os jovens já podem votar, podem inscrever-se para filiação em partido político, podem incluir-se nas Forças Armadas em caso de guerra, etc. Aos 25 anos o jovem, no geral, já concluiu seus estudos de formação, tem condições de obter um emprego com profissão mais definida e mesmo de casar e/ou constituir sua família. Pode, portanto, constituir-se em um cidadão autônomo. Por essas razões parece razoável fixar essa faixa etária como *jovem*.

### **Atitude revolucionária**

A história da humanidade tem-nos mostrado que há na juventude uma potencialidade latente que pode ser mobilizada por uma via revolucionária. Chamamos de atitude revolucionária a disposição de adotar a revolução como saída para os problemas políticos e sociais. Mas o que é a revolução? Que proposta revolucionária seria capaz de mobilizar a juventude nos dias atuais?

Para responder a essas questões, precisamos fazer outras como, por exemplo: o que é um processo transformador e o que é um processo revolucionário? São a mesma coisa? O que é revolução? Quando um processo é revolucionário e quando é contra-revolucionário?

Para Gianfranco Pasquino:

A revolução é a tentativa, acompanhada do uso da violência, de derrubar as autoridades políticas existentes e de as substituir, a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico-constitucional e na esfera socioeconômica (Bobbio *et alli*, 1995: 1.121 - 1.131).

Esse conceito será o único ou há outros conceitos? Tem havido evolução no conceito de revolução?

Dois aspectos distintos caracterizam uma revolução: a razão e a finalidade. A razão que motiva uma revolução, basicamente, é o descontentamento com o *status quo*, que pode gerar a ira revolucionária. Sua finalidade, em geral, é a construção de uma ordem nova, na busca de liberdade, de mais igualdade, enfim, da felicidade do povo. Mas um processo revolucionário, destinado a implantar uma ordem nova, encontrará, fatalmente, a resistência da velha ordem que pretende derrubar. Por isso é importante termos presente a questão da contra-revolução. De acordo com Norberto Bobbio:

A contra-revolução pode ser entendida não só como movimento subsequente a uma revolução vitoriosa, com o objetivo de destruir suas vantagens, mas também como um movimento orientado tanto a impedir que se dê uma revolução, quanto a pôr obstáculo a mudanças de grande envergadura que ameacem seriamente as bases do poder de certos grupos dominantes (Bobbio, 1995:1.129).

A revolução pode buscar a transformação da realidade social, política e econômica de forma violenta. Essa mesma transformação pode ser buscada por meio de um processo de reformas sucessivas e permanentes que levem, em maior prazo, aos mesmos resultados. Estaríamos, então, diante de duas alternativas: reforma ou revolução.

Parece haver uma profunda ligação entre reforma e revolução, e não é certo que, ao realizar reformas, se pode estar evitando a revolução. É importante saber que, embora existam condições objetivas, numa realidade dada, para dar lugar à convulsão revolucionária, essas condições, embora necessárias, não são suficientes. A ocasião revolucionária para realizar-se exige a “vanguarda revolucionária organizada em partido político ou em ‘foco’ e ativa na propaganda e na elaboração ideológica, já que o aburguesamento e a apatia são justamente os maiores obstáculos ao despertar das massas” (Bobbio *et alli*, 1995:1.130).

Acreditamos que nem isso seja suficiente se não houver a presença da atitude revolucionária.

Na sociedade globalizada de hoje, um enfrentamento revolucionário, a princípio localizado, pode constituir uma ameaça a todo um

sistema, de onde uma iniciativa revolucionária deve levar em conta a possibilidade de uma reação global e, por conseqüência, muito mais difícil de romper. Isso pode influenciar a atitude revolucionária, inibindo-a pela consciência da necessidade de um enfrentamento muito mais amplo e de interesses contrariados muito mais poderosos.

### **Motivação para a atitude revolucionária**

Na história humana ocorreram processos de transformação social e política que contaram com a decisiva participação dos jovens. Esses movimentos tiveram diferentes direções político-ideológicas que confirmam a existência de determinadas motivações capazes de mobilizar os jovens. É preciso identificar que motivações são capazes de mobilizar a juventude e, em especial, o que é capaz de motivar o jovem a participar de um movimento revolucionário. A motivação pode levar o jovem para qualquer direção? O jovem pode apoiar um movimento progressista ou conservador, indistintamente?

Parece-nos necessário, também, considerar o fato de que os jovens podem estar “alienados, apáticos, ausentes”. Nesse caso, os jovens poderiam ter essa característica da atitude revolucionária mais acentuada do que os maduros, mas não teriam disposição de acioná-la por falta de motivação, ou seja, um potencial não acionável. Que causas poderiam motivar esta atitude caso ela se verifique? Parece necessário, aqui, precisar um indicador para conceituar: “alienado, apático, ausente”. Destacamos a definição de P. Chiodi sobre alienação:

(...) ao nível de máxima generalização, a alienação pode ser definida como o processo pelo qual alguém ou alguma coisa (segundo Marx, a própria natureza pode ficar envolvida no processo de alienação humana) é obrigado a se tornar outra coisa diferente daquilo que existe propriamente no seu ser (Bobbio *et alli*, 1995: 20-23).

Acrescida da parte final do conceito de Sartre (*Crítica da razão dialética*), “(...) e os homens se tornam objeto de processos que não controlam” (Bobbio *et alli*, 1995: 22). O estado ou comporta-



mento “apático” é definido como sendo “(...) um estado de indiferença, estranhamento, passividade e falta de interesse pelos fenômenos<sup>2</sup> políticos. É um comportamento ditado muitas vezes pelo sentimento de alienação” (Bobbio *et alli*, 1995: 56).

A condição ausente deve ser entendida aqui como um reforço de argumento para caracterizar o jovem como estando fora do fenômeno político.

## Participação política

Igualmente necessário é compreender de forma clara o que significa envolvimento político. Nossa compreensão aqui é de participação política, ou seja, uma atitude pró-ativa em relação ao processo político. Assim,

na terminologia corrente da ciência política, a expressão “participação política” é geralmente usada para designar uma variada série de atividades: o ato do voto, a militância num partido político, a participação em manifestações, a contribuição para uma certa agremiação política, a discussão de acontecimentos políticos, a participação num comício ou numa reunião de seção, o apoio a um determinado candidato numa campanha eleitoral, a pressão exercida sobre um dirigente político, a difusão de informações políticas e por aí além (Bobbio *et alli*, 1995: 888).

Essa participação pode dar-se em diferentes níveis e intensidade. Assim, a participação pode ser com a “presença”, sob a forma de “ativação” ou mesmo de “participação no sentido estrito”, significando tomar parte no próprio processo de decisão política.

---

<sup>2</sup> Do conceito de fenômeno “(...) fenomenologia, é um pensar a realidade de modo rigoroso. (...) Fenômeno: é a palavra que diz da fenomenologia. Compreendendo e interpretando seu sentido e significado, o mundo da fenomenologia se mostra. (...) vem da palavra grega *fainomenon* – que deriva do verbo *fainestai* – e significa o que se mostra, (...) aparece. É o que se manifesta para uma consciência. (...) Consciência, na fenomenologia, é intencionalidade, é o estar voltado para (...) atentivamente” (Bicudo e Esposito, 1994:17).

## Motivação política

Neste estudo é destacada a expressão “o que é capaz de motivar”. Se for verdade que, em algumas situações, o jovem pode mostrar-se alienado, apático, ausente, que motivação ou motivações poderiam levá-lo a se interessar e participar do fenômeno político e atuar no processo para ditar seu rumo?

Entendemos como política, de acordo com Norberto Bobbio, que (...) “na época moderna, o termo perdeu seu significado original, (...) passando a ser comumente usado para indicar a atividade ou conjunto de atividades que, de alguma maneira, têm como termo de referência a *polis*, ou seja, o Estado” (Bobbio *et alli*, 1995: 954).

A motivação, no sentido usado neste contexto, deve ser entendida como algo capaz de criar interesse ou chamar a atenção dos jovens no campo da política. Algum estímulo que tenha o poder de fazer com que o jovem “se ligue”, se interesse pelos assuntos da política.

Analisamos, também, a relação entre *status* socioeconômico e sua possível influência na motivação da atitude revolucionária. Pretendemos saber se as motivações capazes de mobilizar o jovem variam de acordo com o *status* socioeconômico, ou não; se o fato de não ter compromissos de família própria, trabalho ou *status* socioeconômico estabelecido torna o jovem mais “solto, disponível”, levando-o a engajamentos não condicionados pela sociedade.

Mas para investigar com profundidade a existência de atitude revolucionária nos jovens brasileiros, foi necessário estabelecer os conceitos de juventude e de revolução, além de analisar com bastante objetividade os fatores que poderiam influenciar na atitude revolucionária. O desenvolvimento do trabalho seguiu as etapas especificadas a seguir.

### *O que é juventude e o que é revolução?*

Esta análise está organizada em seis capítulos. No primeiro, apresentamos informações atualizadas sobre o que já foi produzido sobre o assunto juventude, suas características, delimitação de sua idade, história de diferentes movimentos dos quais tenha participado, tendências políticas, seu engajamento e sua participação no processo

político e revolucionário. Abordamos, em seguida, o assunto da revolução. O que é, formas, objetivos, instrumentos para viabilizá-la e conteúdo da revolução.

### *Um retrato da juventude brasileira*

No segundo capítulo traçamos um retrato da juventude brasileira, obtido da pesquisa realizada. Procuramos conhecer o que pensa, como reage, que idéias tem sobre a vida e a política, que perspectivas apresenta. Desvendamos o que ela pensa de si mesma.

### *Existe atitude revolucionária?*

No terceiro capítulo verificamos se existe uma atitude revolucionária e como essa se manifesta no jovem brasileiro, se ela existe em todos os entrevistados e se é mais intensa nos jovens do que nos maduros, se sofre a influência das diferentes regiões do país e dos diferentes tipos de cidade. Constatamos sua existência medindo sua frequência, consistência e intensidade.

### *Religião, status socioeconômico e atitude revolucionária*

No quarto capítulo analisamos a relação entre religião e *status* socioeconômico para saber se essas duas variáveis condicionam a atitude revolucionária.

### *Estudante e não-estudante são revolucionários?*

Verificamos, no quinto capítulo, qual a relação entre a condição de estudante e atitude revolucionária. Se a atitude revolucionária realmente existir, estaria ela condicionada pelo *status* de estudante? Investigamos isso na ótica de estudante e não-estudante, jovens e maduros, pois não basta saber se o fato de ser estudante influenciaria a atitude revolucionária, mas é preciso saber os possíveis diferentes impactos nos distintos grupos de idade.

### *Revolucionários brasileiros da década de 60*

O relato de 14 revolucionários brasileiros que atuaram na década de 1960 é apresentado no Capítulo VI. O que pensavam naquele tempo e o que pensam hoje. Procuramos comparar os seus depoimentos com os resultados da pesquisa que desenvolvemos. Tentamos saber se a idade influenciou suas possíveis mudanças.

### *Atitude revolucionária no jovem brasileiro*

No Capítulo VII apresentamos a análise dos dados, configuramos a situação do jovem brasileiro diante da pesquisa e analisamos as conclusões.

### *Podemos garantir democracia?*

O Capítulo VIII, elaborado após a apresentação da dissertação, traz as preocupações e reflexões emanadas a partir da pesquisa e apresenta questionamentos, apontando alguns rumos possíveis como caminhos para levantar um debate sobre possíveis saídas.

## Capítulo I

# Juventude e revolução

### **O comportamento do jovem**

O comportamento do jovem foi e continua sendo um desafio para a compreensão de muitos autores. Dispomos hoje de um número reduzido de pesquisas a respeito do comportamento do jovem na sociedade, e menos ainda de trabalhos publicados, principalmente se compararmos, por exemplo, com o que temos publicado sobre a infância. A maioria das pesquisas ainda se encontra nas universidades e centros de pesquisa, pouco divulgadas e apenas para consulta.

Os estudos de Bráulio Tarcísio Pôrto de Matos, Deyse Martins Hora e Marcelo James Vasconcelos Coutinho, como teses universitárias, e o livro de Augus Campbell *et alli* tratam, genericamente, do assunto juventude e sua relação com a política, com pouco enfoque sobre a motivação política da juventude e suas influências.

O primeiro estuda a influência da família; a segunda autora, a influência dos meios de comunicação de massa no comportamento político e eleitoral dos jovens entre 16 e 18 anos, quando têm sua primeira oportunidade para votar.

O terceiro estudo aborda o fator idade sobre o comportamento eleitoral tendo em conta um conjunto de indicadores. O quarto autor citado tem como foco, também, o fator idade sobre o comportamento eleitoral.

Com a ajuda de vários autores, buscamos estabelecer algumas características do comportamento da juventude, como o jovem e sua condição no espaço e no tempo (jovem rural, jovem estudante, jovem

trabalhador) e, finalmente, o jovem e sua relação com a política, pois nossa atenção está voltada mais para a juventude como força motora de processos transformadores e revolucionários mais profundos e o possível uso de ferramentas políticas mais ousadas e intensas para a conquista desses objetivos.

A pesquisa sobre a existência de atitude revolucionária no jovem, mais acentuada do que nos maduros, e a relação entre essa atitude revolucionária e a influência do *status* socioeconômico da família do jovem, por seu ineditismo, apresentou dados muito relevantes para a compreensão do comportamento político dos jovens.

### **O jovem e a família**

Bráulio de Matos examinou o efeito do processo de socialização primária sobre a formação da consciência política em um grupo de jovens eleitores brasileiros. O estudo foi realizado com jovens que, pela primeira vez, votaram nas eleições presidenciais de 1989, para saber qual a orientação política seguida por eles e sobretudo como formaram suas escolhas.

O autor, por meio de entrevistas, buscou identificar a orientação concreta seguida por esses adolescentes e estimar o grau de consciência por eles atingido. Foi teoricamente formulada e empiricamente induzida uma série de aspectos sociopsicológicos considerados constitutivos de uma personalidade democrática (tolerância à diversidade, baixo autoritarismo, filosofia positiva da vida, necessidade de auto-realização, autonomia moral, entre outros), bem como possíveis fatores explicativos de sua formação (socialização familiar, comunidade, classe social, etc.). A pesquisa foi feita em várias cidades brasileiras.

Ele concluiu que quanto maior a intervenção socializadora da família, maior o desenvolvimento nos jovens daqueles aspectos sociopsicológicos favoráveis a uma forma de vida democrática, ainda que isso não se reflita diretamente na coloração ideológica do voto juvenil, ou seja, a intervenção educadora da família constitui efetivamente uma condição necessária (embora não suficiente) para a democracia. A existência de um meio comunitário relativamente estável, como quadro de valores comuns compartilhados pelos membros

da coletividade, tende a favorecer o desenvolvimento da consciência do indivíduo.

Afirma o autor que:

(...) empiricamente, embora o grupo-amostra não possua fundamento probabilístico, mas exploratório, os dados revelaram uma frequência elevada de casos em que as famílias não fecundam em suas crianças uma capacidade de gerirem projetos de vida próprios, o que resulta ser um fator a mais de legitimação precária do sistema político brasileiro (Matos, 1993:VII).

O processo político brasileiro foi analisado em sua relação com a consciência política e sua evolução envolvendo, especialmente, a juventude. Aqui, consciência política é a expressão dos interesses próprios na generalidade da convivência humana, que tanto pode envolver cooperação quanto conflito entre sujeitos que formam o corpo político correspondente à fronteira estatal.

Após apresentar uma larga exposição de todos os dados empíricos, o autor apresenta um rol de conclusões, das quais destacamos apenas duas:

8 – A instituição do voto facultativo aos 16 anos de idade pela Constituição Federal de 1988 contém em si o pressuposto de um certo aprimoramento subsequente do sistema de representação política nacional. Se o adolescente brasileiro já possui interesses próprios cristalizados, competência para realizar escolhas coerentes em torno desses interesses e responsabilidades para assumir as conseqüências daí advindas, então a atuação política do jovem cidadão poderá mesmo ser tomada como contraponto corretivo da exagerada volubilidade e erraticidade comumente notada no voto adulto (Matos, 1993: 403-404).

A conclusão indica-nos a capacidade do jovem em orientar seu voto segundo seus próprios interesses, incluindo a possibilidade de corrigir os rumos do voto dando-lhe mais consistência. Tomando o voto como instrumento de intervenção no processo político, poderíamos dizer que o jovem, por meio do voto, tem condições de influir nos rumos de nossa sociedade.

10 – De modo geral, os resultados empíricos encontrados corroboram a hipótese central do estudo: a intervenção socializadora da família apresentou um peso especial (sem eliminar, contudo, a força co-determinante da classe social e da comunidade) na conformação dos referidos aspectos da personalidade do adolescente, ainda que tal efeito edificativo não tenha se refletido estritamente na orientação política do jovem eleitor (...) (Matos, 1993:404).

O autor confirma a influência da família, da classe social e da comunidade na conformação de determinados aspectos da personalidade do adolescente, mas ressalva que isso não se verificou na orientação política do jovem eleitor, ou seja, o jovem tem critérios próprios, que podem ser diferentes dos de sua família, de sua classe social ou de sua comunidade em relação à sua orientação política. O jovem é capaz de adotar atitudes autônomas em relação ao processo político eleitoral e formular sua própria escala de valores políticos, ultrapassando as estruturas sociais imediatas que o cercam. Ou melhor, o jovem é capaz de adotar uma atitude política diferenciada.

Em diversas oportunidades, embora constatada a influência decisiva da família na formação do jovem, o autor afirma que essa influência se distingue no caso do voto e da ideologia, mostrando, claramente, um espaço a ser estudado na relação política do jovem com sua família e sua relação com o *status* socioeconômico.

## O jovem e os meios de comunicação

A análise “Comunicação de massa e política na percepção dos jovens de 16 e 17 anos” caracteriza a percepção que os jovens têm a respeito da influência dos meios de comunicação de massa na formação dos conceitos sobre a política brasileira. Entre outros objetivos, identifica os conceitos adquiridos pelos jovens de 16 e 17 anos sobre partido político, democracia e voto e verifica o grau de maior ou menor politização, envolvimento e interesse em assuntos de política.

A pesquisa teve por área de execução a Rede Oficial de Ensino do Segundo Grau no município do Rio de Janeiro. Foram colhidos dados de 377 alunos, de dez escolas, por meio de questionário elabo-



rado com questões abertas e fechadas, as quais permitiram traçar o perfil dos jovens que o responderam, coletar dados a respeito de suas famílias, seus interesses políticos e pela eleição presidencial de 1989, além de estabelecer a percepção desses jovens a respeito da influência que os meios de comunicação de massa têm na aquisição de suas idéias sobre política.

A autora faz um histórico do período em que o povo brasileiro ficou sem o exercício do direito de voto em razão da ditadura militar. Relata a retomada do processo e destaca, na Constituição brasileira de 1988, o direito de voto facultativo atribuído aos jovens na idade entre 16 e 18 anos incompletos. Destaca o processo de socialização política e os agentes que nele atuam, especialmente a família, a escola, os sindicatos, as instituições religiosas, os partidos políticos, os meios de comunicação de massa e outros. O pressuposto fundamental é o de que a família é o quadro de referência da criança, assim, na mesma proporção em que atua na socialização geral, deve atuar na socialização política, pois é a primeira agência de socialização para a política.

Teoricamente, fundamenta seus estudos em um conjunto de autores, destacando as diferentes posições apresentadas tanto em relação à comunicação em si como em relação desta com a educação. Situa, especialmente, o pensamento da Escola de Frankfurt, com Walter Benjamin, Leo Lowenthal, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Max Horkheimer, lembrada como precursora de um trabalho específico sobre os efeitos dos meios de comunicação na sociedade capitalista, com especial atenção à questão da manipulação. Aborda, também, o uso dos meios de comunicação de massa na educação.

Chama especial atenção o fato de que 49,4% dos jovens entrevistados não tiveram condições de expressar nenhum conceito sobre partido político. É animador, no entanto, o fato de que esse índice se reduziu no caso do conceito de democracia para 34,9% e se reduziu ainda mais no caso do voto para 18,1%. Destacamos o fato de que das informações obtidas pelos jovens sobre o voto, 39% vieram da TV, 20,8% do jornal, 11,4% do rádio, 11,2% de familiares, 8% do professor/escola, 7,8% de amigos, 0,7% da Igreja, 0,1 do sindicato. Outro dado importante levantado no estudo é o de que 75,1% dos jovens em idade entre 16 e 18 anos, com direito a voto facultativo, portanto, inscreveram-se para votar.

A autora sugeriu, em função desse alto índice, que haveria algum engajamento político especial das respectivas famílias desses jovens, o que poderia ter influenciado o ânimo do jovem pela eleição e a ação para ser eleitor. Porém, essa indicação não oferece consistência, pois o engajamento da família na política é frágil.

Fica evidente que aproximadamente 50% dos entrevistados apontaram uma grande influência dos meios de comunicação de massa, tanto para justificarem seu interesse ou desinteresse pelas eleições quanto para conceituarem partido político, democracia e voto. Os meios de comunicação de massa, na percepção da metade do grupo pesquisado, prestam grande colaboração na construção de sua representação do real; no entanto, sua eficácia não é máxima. A outra metade não admitiu o predomínio desses meios nas suas opiniões.

É necessário prestar atenção, aqui, para a consciência dos jovens entrevistados sobre a importância de saberem como se formam seus conhecimentos, sua escala de valores, a fonte de suas informações e os interesses que estão em jogo, para que, a partir daí, possam formar seus próprios juízos e adotar suas próprias decisões, contrariando a idéia de que a juventude pode ser manobrada pelos adultos, pois, no senso comum, “é facilmente influenciável”.

Na oportunidade da aprovação pela Assembléia Nacional Constituinte do direito de voto aos 16 anos, o líder do Partido da Frente Liberal (PFL), deputado federal José Lourenço, disse que estaríamos inaugurando a fase histórica da “corrupção dos pirulitos”, insinuando que os candidatos poderiam corromper os jovens com doces, ou melhor, ilusões.

Este estudo mostra que o jovem não é assim submisso, que pode adotar suas próprias atitudes, pois do contrário não teria condições de ser diferente dos maduros, com suas próprias características.

Uma outra conclusão a ser anotada é a de que:

Os jovens investigados possuem idéias distorcidas sobre política. Percebem a “politicagem” que, lamentavelmente, é verdadeira no contexto brasileiro, mas não possuem uma perspectiva da possibilidade de conquistar novos espaços e formas lícitas de legítima participação do cidadão. Eles não conseguem distinguir que a política não é essa prática nefasta que se instalou no país, não sendo possível aceitar que essa situação continue como fato consumado, sem esperanças de reversão (Hora, 1990:117-118).

A autora retrata aqui um espírito de inconformismo dos jovens em relação à forma de se fazer política no Brasil. Anota que os jovens não vêem possibilidade de participação política por meio de novos espaços e formas lícitas.

Cabe aqui perguntar se, tendo vontade de participar, como se depreende, e tendo no processo político atual um referencial que não querem adotar, estariam dispostos a criar outro referencial que implicasse o enfrentamento com o atual?

Conclui ainda que:

Os meios de comunicação de massa são aparelhos ideológicos mais potentes hoje do que a escola. O Estado detém o poder destes meios na medida em que se sabe é seu maior cliente, portanto seu grande mantenedor, além de gerir as concessões, como é o caso dos canais de TV (Hora, 1990:120).

Poder-se-ia concluir, também, que o Estado, pelos meios de comunicação, poderia manipular os jovens e tolher-lhes a vontade. Mas não é assim. A autora mostra a influência dos meios de comunicação de massa sobre a formação da opinião dos jovens e o domínio que as elites exercem sobre tais meios e, por consequência, sobre os jovens. Mostra, porém, que há razoável grau de resistência, de onde vem a esperança de que é possível formar jovens autônomos capazes de seguir rumos diferentes dos que a mídia pretende determinar, mesmo em um país onde as elites política e econômica possuem os mesmos atores.

Uma importante conclusão é a de que os jovens pesquisados não são exatamente tão vulneráveis como uma análise superficial poderia sugerir. Para a autora: “Ao contrário, eles são pessoas que podem e querem pensar e agir, têm esse direito e são capazes, se não lhes for negada a ‘alfabetização do olhar’, do ler e do ouvir”.

### **Comportamento eleitoral do jovem**

“Comportamento eleitoral: O jovem em perspectiva” é um estudo de Marcelo James Vasconcelos Coutinho (1995) e trata da influência

do fator idade sobre o comportamento eleitoral. Ele analisa as relações entre idade e comportamento político e focaliza o comportamento dos eleitores com idade entre 16 e 18 anos, sob os aspectos de cultura política, tipologia do voto e identificação partidária. Verifica, então, “se e como a idade do eleitor afeta a sua relação com a política”.

As hipóteses tradicionais consideram que quanto mais velho um indivíduo, mais interesse tem por política; que quanto mais idade, maior a participação política, sendo que os mais jovens são vistos como mais progressistas e os mais velhos como mais conservadores. Coutinho investiga a possibilidade de ver confirmadas ou refutadas essas hipóteses. Fundamenta-se em autores consagrados como Paul F. Lazarsfeld *et alli* (*apud* Coutinho, 1995), o qual diz que:

(...) há um consenso de que a juventude é politicamente radical, e que carrega consigo a semente da mudança política, principalmente, por ser mais independente e idealista nas suas opiniões. Contudo, essa faixa etária que supostamente mudaria a tradição, muito pouco realiza na prática (Coutinho, 1995: 28).

Cabe aqui destacar a observação do autor sobre a radicalidade política da juventude, carregando a semente da mudança. Essa observação remete-nos a considerarmos, desde logo, a possibilidade da existência de uma atitude potencial diferenciada na juventude, que estaria disponível para um processo de transformação política. Parece, no entanto, segundo o autor, que essa atitude estaria em estado de dormência, já que “muito pouco realiza na prática”. Isso seria assim mesmo? Ou seja, a juventude teria uma espécie de potencial pirotécnico apenas para efeitos visuais sem inserção prática? A observação sugere que o potencial existe, mas não é mobilizável. Apresenta, depois, as faixas etárias adotadas no seu estudo, a partir do que faz algumas observações. Mostra que os jovens são os que menos se sentem representados por quaisquer agentes públicos. Destaca o aspecto de que quanto mais jovem, mais negativa a avaliação dos parlamentares, mostrando que nenhum dos jovens entre 16 e 18 anos os avaliou positivamente.

Existe, aí, a constatação de um divórcio entre os jovens entrevistados e a estrutura institucional. Há uma insatisfação dos jovens, diferentemente dos adultos, que deve ser anotada e que pode indicar a

busca, pelos jovens, de caminhos diferentes dos tradicionais, nos quais não se sentem representados. Tanto é assim que o autor constatou que os jovens consideraram que o importante é que o governo seja eficiente, mesmo que não tenha sido eleito. Essa constatação mostra a disposição dos jovens de apoiarem caminhos não-institucionais para a busca da eficiência governamental, o que é uma clara indicação de uma atitude diferenciada dos jovens, capaz, inclusive, de buscar a criação de alternativas de poder institucional.

Outra interessante observação do autor é que os jovens são os que mais demandam igualdade e, ao mesmo tempo, os que mais rejeitam o voto universal, ocorrendo o contrário com os idosos. Se demandam por igualdade é porque constataam a desigualdade. Essa busca é mais acentuada nos jovens do que nos idosos. Isso indica que os idosos já aceitam o *status quo*, não têm disposição para o enfrentamento, o que não ocorre com os jovens. Ao não aceitarem a desigualdade, mas rejeitarem o voto universal, os jovens podem estar indicando a opção por instrumentos mais radicais de intervenção no processo político.

Por fim, o autor afirma que:

(...) retificou-se a análise clássica nas suas três maiores acepções sobre o jovem:

1- A primeira, que sustentava ser o jovem mais desinteressado pela política, mostra-se equivocada ao omitir que os mais velhos também o são. Após o exame dos dados, ficou claro o relativo interesse em geral, e o menor desinteresse dos jovens frente aos outros grupos etários.

2- A segunda hipótese, que concebia o jovem como um cidadão caracteristicamente apático, mostra-se pouco significativa. (...)

3- E, finalmente, a terceira hipótese, que descrevia o jovem como progressista e os mais velhos como conservadores, não se sustentou, visto que os brasilienses, em sua maioria, se mostraram extremamente contraditórios em suas atitudes e comportamentos, independentemente de suas respectivas idades (Coutinho, 1995: 51-52).

Então, podemos dizer que os jovens têm mais interesse do que os adultos pela política, embora se verifique a não-aceitação, por parte dos jovens, do atual quadro político institucional.

Pelo que vimos dos três estudos, fica evidente a análise enfocada no aspecto eleitoral, basicamente, sugerindo, para eventuais mudanças, o caminho das reformas pela via eleitoral normal. A análise de uma transformação mais radical como a via revolucionária não foi contemplada.

### Características do comportamento do jovem

Se pensamos que há uma faixa etária da vida do homem à qual chamamos juventude, então precisamos demarcar quais as características que a constituem. Assim como não foi fácil demarcar a faixa de idade do jovem, não o é definir suas características, compreender o que constitui um “período de tempo” demarcado com suas próprias idéias, valores, descobertas, inovações e turbulências, com raízes no passado, tentando antecipar o futuro, os conflitos que tudo isso provoca e a maneira como isso influencia a massa e a multiplicidade dos contemporâneos (Britto, 1968, II: 20).

A complexidade é ainda maior se levarmos em conta que a juventude é dinâmica no sentido de sua permanente renovação, é um período da vida da humanidade no qual os indivíduos jovens entram e saem e, com essa rotatividade, influenciam e são influenciados pelo conjunto. Parece, todavia, que ao longo do tempo as características fundamentais da juventude não tiveram mudanças assim tão fundamentais. A indicação é de que as mudanças ocorridas são mais de estilo e vestimenta e que não é possível caracterizar uma geração de jovens como um todo uniforme e distinto de outra geração. Walter Jaide afirma que: “Uma geração não será simplesmente um rebanho com certa tendência. Pelo contrário, é uma *complexio oppositorum*, na qual existem tendências muito diversas e até claramente opostas” (Jaide, 1963: 63-74, *apud* Britto, 1968, II: 20), para depois concluir:

(...) rotular as gerações é uma atitude um tanto quanto semelhante aos rótulos afixados em muitas garrafas de vinhos alemães. Por exemplo: haverá alguma proporção de *leibfrauenmilch* na garrafa, segundo a indicação do rótulo. Em geral, porém, verifica-se a mistura de vinhos de bem outra origem, em proporções difíceis de

aquilatar e de modo nenhum fermentados até atingir a unidade. O que aborrece o conhecedor em tais rotulagens talvez seja consolador para aquele que julga a juventude. O rótulo designa apenas o padrão “forjado” do paladar, não a tendência que se formou (Jaide, 1963: 63-74, *apud* Britto, 1968, II: 27).

É preciso, pois, ter cuidado ao abordar o tema juventude porque não estamos tratando de uma uniformidade, de um padrão determinado por uma fôrma. Parece, no entanto, que algumas características podem ser atribuídas à condição de jovem, como, por exemplo, a busca de autonomia, a revolta, a agressividade, a organização grupal, uma certa força latente a que chamamos “potencialidade”, etc.

No período crítico de transição entre a infância e a idade adulta, o indivíduo procura ganhar autonomia. Tem um impulso de libertação e individualização que o leva a estabelecer uma luta contra a estagnação e a influência retrógrada da família, motivando-o a procurar um apoio no grupo. É comum, hoje, por exemplo, ouvirmos falar em “gangues” e “galeras” como agrupamentos de jovens nos quais eles buscam sua afirmação pessoal fugindo do controle das instituições tradicionais e saciando sua necessidade de “pertencimento”. René Fau afirma que é na proteção da agressividade do grupo que o adolescente elabora sua autonomia intelectual para aprender a julgar as coisas e as pessoas por critérios objetivos. Elaborar sua autonomia moral, pois vai, agora, precisar julgar diante de seu tribunal interior o bem e o mal, sem temer o castigo nem esperar recompensa. Por fim, sua autonomia afetiva que envolve sua evolução sexual estabelecendo laços fora do grupo familiar, que era o limite de sua afetividade na infância. Depois, textualmente, acrescenta:

Essa agressividade individualista na criança é grupal no adolescente. Tal característica é essencial: é por absorver a agressividade individual de seus membros que o grupo é socializador: é por seu dinamismo de oposição que ele dá ao adolescente a serenidade que lhe é necessária: é sob sua proteção que o adolescente pode desenvolver sua autonomia (Fau, 1952: 43-44, *apud* Britto, 1968, III: 44-46).

E para ter uma atitude revolucionária mais acentuada, o jovem precisa ser mais agressivo, já que revolução implica agredir o *status quo* para alterá-lo; implica ação grupal ou coletiva, já que revolução não é tarefa para um indivíduo apenas; implica autonomia, já que ninguém faz revolução estando dependente, submisso, eis que supõe atitudes diferentes do padrão estabelecido.

David Matza, após citar a opinião de uma série de autores, diz-nos haver diferenças de opinião quanto à origem, mas não quanto ao acordo geral de que há um assunto que carece de explicação que é a *revolta da juventude* (Matza, 1961: 102-118, *apud* Britto, 1968, III: 82). Essa afirmação dá suporte à idéia de que a atitude revolucionária tem como base a revolta contra o *status quo*, e esse registro confirma esse sentimento na juventude.

Discutindo o radicalismo da juventude, o mesmo autor questiona: “Sobre o que podemos então discutir? Primeiro, dentro do ciclo vital o ápice do estado de revolta é atingido durante o período da juventude, antes e depois do qual os índices de revolta são consideravelmente inferiores” (Matza, 1961: 102-118, *apud* Britto, 1968, III: 83).

O autor caracteriza aqui esse sentimento de revolta dentro do período da juventude. Repetimos a importância desse sentimento assim caracterizado especificamente para esse período, diferenciando a juventude e fundamentando as condições necessárias à atitude revolucionária. Observações registradas por estudiosos do assunto, e lembradas por Britto em sua obra reiteradamente citada, parecem indicar que essa revolta, esse inconformismo com o *status quo*, está presente em diferentes sociedades e em diferentes atividades nas quais se situa a juventude. No jovem operário, em que a revolta não seria contra a família, como aconteceria com os jovens de cultura ou burgueses, mas contra a autoridade patronal e dos adultos na empresa. Nos países desenvolvidos e estáveis, onde pela importância de suas afirmações queremos destacar o que nos diz Georges Lapassade:

(...) como acontece, por exemplo, que se verifique num país altamente desenvolvido, cujos cidadãos em sua totalidade têm um nível de vida relativamente elevado, (...) onde a população é homogênea, cheia de tradições e estruturas sociais estáveis e hostil à violência – como acontece que se encontre, em tal país, os mesmos sintomas de ruptura entre a juventude e a sociedade que se



conhece num país de condições diametralmente opostas e onde se poderia esperar ver a manifestação desses sintomas? (Lapassade, 1963: 183-195 *apud* Britto, 1968, III: 114).

A pergunta do autor indica que as características próprias da juventude transcendem as fronteiras dos países e, especialmente, não se cingem a seus estágios de desenvolvimento, ou seja, o período da juventude contém uma marca que lhe é inerente e que, por isso mesmo, transcende outras condicionantes sociais, geográficas ou econômicas. O autor menciona, ainda, a ruptura entre a juventude e a sociedade, numa espécie de enfrentamento permanente, a qual podemos entender como necessária à existência de atitude revolucionária mais acentuada na juventude. Isso se dá independentemente da condição de pobreza, de progressos materiais ou de oportunidades de instrução ou trabalho que, acompanhados de perturbações sociais, afetam mais a juventude.

Essa característica da juventude, como vimos, está presente em países com diferentes estágios de desenvolvimento. Nos países emergente a revolta de que estamos tratando, a garra e a determinação de mudar a realidade, parece ter sido canalizada mais por intermédio dos jovens estudantes. Tem sido atribuído habitualmente, nesses países, papel decisivo aos estudantes nos movimentos políticos modernizadores e sobretudo revolucionários, como nos diz, a propósito, Britto, para em seguida nos advertir:

No entanto, nessa quase que imediata correlação da ação estudantil com uma atuação revolucionária, não haveria certa complacência para com um mito estudantil? Isto é, a importância *atribuída* aos movimentos estudantis, o seu quase que imediato radicalismo, o seu aspecto espetacular, não seriam sobretudo os produtos de uma “ideologia estudantil”, talvez de uma ideologia universitária que os fatos estão muito longe de confirmar? (Britto, 1968, IV: 43-44).

Essa advertência parece indicar que estaríamos mais diante de uma fantasia do que propriamente de algo mais consistente em relação à condição de jovem/estudante e ação política transformadora.

Sem dúvida, muito ainda teremos de estudar para melhor compreender e definir as características próprias da juventude, mas os estudos já realizados autorizam a concluir que há determinadas características que, estando presentes de forma mais acentuada em determinada faixa etária, podem ser entendidas como próprias da juventude: o espírito de revolta, a inquietação, a busca do novo, da transformação, a contestação, a ação em grupo e a busca da autonomia, na libertação e na individualização, entre outras.

### **Estudantes são revolucionários?**

Nos diferentes tempos e lugares, em diferentes culturas, em diferentes sociedades, com diferentes ocupações e modos de vida, o jovem tem tido o mesmo comportamento? Como é a vida e quais são as reações do jovem rural? Do jovem estudante? Do jovem trabalhador?

Os diferentes movimentos de jovens mostram que, basicamente, esses estão vinculados à condição simultânea de serem jovens e estudantes. Haveria alguma explicação para esse fato? No Brasil, por exemplo, os estudos mostram os movimentos dos jovens sempre vinculados à sua condição de estudante. A União Nacional de Estudantes (UNE) tem sido o grande instrumento de luta dos estudantes brasileiros. Tudo parece indicar que os grandes movimentos de jovens se dão nos movimentos estudantis ou a partir deles. Viveriam os jovens estudantes um “mundo extraterritorial”?

Seymour Martin Lipset ajuda-nos a compreender essa questão:

Este artigo apresentou alguns dos aspectos relacionados à tendência que têm os estudantes de serem mais atuantes em política do que a juventude que não pertence a uma universidade e de serem mais esquerdistas em suas correntes políticas do que a classe média, à qual a maioria pertence ou irá pertencer após deixar a universidade (Lipset, 1964: 61-69 *apud* Britto, 1968, II:133).

O autor atribui ao caráter inovador que a universidade imprime à sociedade a razão dessa tendência. O que é importante destacar,

porém, é o fato de o autor dizer que os jovens que estudam são mais atuantes em política do que os não-estudantes. Haveria, então, uma distinção interna na categoria dos jovens entre os que estudam e os que não estudam?

Além disso, diz serem mais esquerdistas do que a classe média à qual a maioria pertence ou virá a pertencer no futuro. Esse segundo registro noticia que os jovens, em sua condição de estudantes, tomam posição política distinta de sua classe social e mais à esquerda. Isso indica que esses jovens têm disposição de se engajarem num processo político de transformação social para a construção de uma sociedade mais igualitária, independentemente de sua origem ou vinculação social.

O fato é que, realmente, o ambiente da universidade tem estimulado grandes movimentos de juventude em diferentes épocas e diferentes países do mundo. A convivência de grande número de jovens, com suas organizações, forma na universidade um ambiente favorável à agitação política pela facilidade de sua mobilização, especialmente quando se trata de oposição às autoridades estabelecidas (Lipset, 1965: 38-47 *apud* Britto, 1968, IV: 52-53).

Mas o indivíduo tem essa atitude porque é jovem ou porque é estudante, independentemente de ser jovem ou não?

Os movimentos estudantis têm sempre a mesma tendência? Podem ser abafados e/ou manipulados? E as universidades e escolas favorecem sempre uma atitude transformadora?

Britto afirma que um estudo levado a efeito no mundo árabe mostrou que é possível restringir a atividade política estudantil e que isso foi obtido com o aumento do número de exames, com mais exigências para a manutenção da matrícula e com mais estímulo à ciência e à tecnologia (Britto, 1968, IV: 49).

Parece que essa manipulação dos jovens de acordo com o interesse do regime político é possível. Ela pode abafar ou impedir a manifestação daquele espírito transformador, daquele questionamento que a escola poderia, em princípio, favorecer.

Julgamos útil ao melhor entendimento desse ponto, pela sua expressão política numa das maiores revoluções de que se tem notícia, lembrar que Léon Trotski disse que as novas gerações russas não se formavam dentro das condições de liberdade, mas sob o jugo intol-

rável da camada dirigente. Ele acentua que na universidade, na escola, no jardim de infância ou na creche as principais virtudes do homem são a fidelidade ao chefe e a obediência sem discussão (Trotsky, 1936: 545-552 *apud* Britto, 1968, IV: 33).

Esses depoimentos informam a busca de diferentes formas de manipular a juventude, mas longe de negar a existência de uma atitude revolucionária mais acentuada na juventude, parecem confirmá-la e temê-la.

Essa capacidade de mobilização política que se associa à condição de jovem e estudante se encerra no próprio âmbito escolar ou pode estender-se para a sociedade como um todo, para além dos muros da escola? É um pouco retomar a questão para saber se os movimentos estudantis são apenas pirotecnia ou podem atuar na sociedade real; se o movimento estudantil tem limite no questionamento, na contestação, na agitação ou se tem condições de tornar-se revolucionário à medida que possa quebrar o círculo vicioso universitário e atuar noutro contexto.

Estudando movimentos específicos em alguns países, Antoine Griset e Marx Kravetz ilustram esse entendimento com a seguinte passagem:

Assim os estudantes cubanos (ou argelinos, marroquinos, vietnamitas) (...) eles tomam consciência de pertencer a uma comunidade nacional que lhes permite quebrar o círculo estudantil: vêem-se não mais como grupo social específico, mas como parte de uma sociedade nacional a libertar. A ruptura se faz então e permite a passagem a uma consciência revolucionária real pela presença de um grupo revolucionário em luta e, ligado a ele, de uma revolta de significado social e não mais estudantil (Griset e Kravetz, 1965: 2.067-2.089 *apud* Britto, 1968, IV: 89).

O texto parece explicitar a existência de atitude revolucionária no jovem que pode ter sido estimulada pela sua condição de estudante, mas que ao extrapolar as dimensões da universidade para inserir-se no processo revolucionário pode indicar que essa atitude estaria ligada à condição de jovem e não à condição de estudante.

Analisando, ainda, outros tipos de jovens, poderíamos referir-nos aos jovens rurais. Segundo Bode, “juventude, no sentido próprio da

palavra, nem existe no campo” (Britto, 1968: 58). Essa afirmação tem origem no fato de que os jovens no meio rural têm praticamente uma vida de adultos em razão de seu engajamento desde cedo no trabalho e de sua convivência normal com o pequeno conjunto de pessoas que os rodeiam. Parece, no entanto, que a impaciência e a revolta contra o *status quo* se fazem presentes também no jovem rural.

Jacques Guigou, estudando os problemas da juventude rural, anota:

“Conjugaremos nossos esforços para realizar, nós próprios, as transformações que se impõem: sacudir as resistências do meio, abrir-nos para as soluções comunitárias, tentar experiências novas, que nos permitirão pôr em movimento o mundo rural e aí encontrar nosso lugar”. declara corajosamente o editorial da *Juventude Rural*, jornal mensal da juventude das aldeias belgas (Bode, 1932 *apud* Britto, 1968, II: 78).

Isso reforça a idéia de que independentemente de onde esteja o jovem, de sua ocupação, de sua residência ou classe social, há uma marca que o identifica e o torna disponível a um processo transformador ou revolucionário. Pode-se perceber que em diferentes tipos de jovens está presente um potencial de mobilização, de contestação, de transformação, que caracteriza a juventude de forma distinta. Mesmo quando esse potencial é manipulado, esse mesmo fato constitui testemunho de sua presença. No exemplo dos árabes, exigindo mais nos estudos para desviar essa potencialidade da atividade política estudantil. No exemplo russo, reprimindo para evitar questionamentos ao regime e às suas lideranças.

### Jovens e rebeldes

Destacamos até aqui o potencial de mobilização da juventude motivado especialmente por sua tendência ao inconformismo com o *status quo*. Parece que a juventude vem como que *de fora* da sociedade para estabelecer com ela um conflito. Tudo parece indicar que esse potencial pode ser mais facilmente mobilizado numa *falange*

*contra os pais* ou contra um sistema político dominador e indesejável ou desigual.

Otávio Ianni, em estudo sobre o jovem radical, lembra-nos:

As tensões daí decorrentes produziram a radicalização política da juventude, o que explica, afinal, a acentuada participação desse segmento da população nas atividades políticas em países como Cuba, Brasil, etc. Examinando de modo circunstanciado o caso extremamente ilustrativo de Cuba, Sartre afirma: “Desde que era preciso uma revolução, as circunstâncias determinaram que a juventude a levasse a efeito. Só a juventude tinha cólera e angústia suficientes para o empreendimento; pureza suficiente para vencer” (Ianni, 1962: 153-179 *apud* Britto, 1968, I: 234).

Nesse trecho o autor lembra duas coisas. Primeiro, a radicalização política do jovem como tal, sem nenhum qualificativo, quer de estudante ou qualquer outro. Isso fortalece a idéia de que a juventude tem essa tendência independentemente de qualquer outra condição. Segundo, lembra a forte expressão usada por Sartre em relação à revolução cubana. A juventude foi a grande propulsora da revolução cubana, pois levou até a burguesia nacional a sentir simpatia pelos “jovens rebeldes” das montanhas (Wolf, 1984).

Parece existir uma crença corrente de que devemos ver no jovem sempre um progressista. A realidade, no entanto, parece mostrar que o jovem pode ser um progressista ou um conservador. Karl Mannheim (1967) afirma que: “(...) A juventude não é nem progressista nem conservadora por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade” (*apud* Britto, 1968, I: 74). Significa dizer que a potencialidade existe, mas que pode ser acionada em diferentes direções segundo seu entendimento.

Otávio Ianni, citado por Britto (1968: 226), ilustra essa afirmação com dois exemplos. Primeiro, o das lutas entre Argélia e França, no qual os dois radicalismos, o de direita e o de esquerda, nutriam-se da juventude. Segundo, o do nazismo, a quem a juventude alemã forneceu numerosos líderes e agitadores (Britto, 1968, I: 237).

Temos aqui, mais uma vez, referida a existência de um potencial diferenciado na juventude. Temos, igualmente, a indicação de que este pode ser mobilizado para diferentes rumos. Nada, no entanto,

indica que ela se submeta à mordida da opressão ou ao jugo da injustiça, dois elementos fundamentais de qualquer processo revolucionário. É bem ilustrativo que Trotski, falando da luta que a burocracia soviética desenvolvia contra a juventude para manter-se no poder, assim se expressava:

De que lado se orientará a juventude em caso de transtorno político? Sob que bandeiras unir-se-á? Ninguém, e muito menos a juventude, pode, agora, responder com segurança a essas questões. Tendências contraditórias trabalham sua consciência. Em último lugar, acontecimentos históricos de importância mundial determinarão suas massas a se pronunciar: guerra, novos sucessos do fascismo, ou, ao inverso, vitória da revolução proletária do Ocidente. A burocracia convencer-se-á em todo caso que essa juventude sem direitos constitui na história um fator exclusivo de primeira força (...) A autocracia russa, exprimindo-se em 1894 pela palavra do jovem tzar Nicolau II, respondia aos membros dos *zemstvos* que expressavam timidamente o desejo de serem admitidos à vida política: "Sonhos insensatos". Memoráveis palavras. Em 1936, a burocracia responde às aspirações ainda confusas, da jovem geração soviética, pela injunção brutal de "cessar as tagarelices". Estas palavras entrarão assim na história. O regime stalinista não as pagará menos caro que o regime encabeçado por Nicolau II (Trotski, 1936: 545-552 *apud* Britto, 1968, IV: 38-39).

## Protagonistas das revoluções

De tudo o que foi dito anteriormente, pode-se concluir que há uma etapa da vida humana chamada juventude que se pode localizar entre os 16 e os 25 anos. Essa etapa possui características próprias e constitui uma ponte entre a criança e o adulto. Nessa etapa da vida há uma potencialidade latente "disponível" que pode ser mobilizada em diferentes direções, por diferentes motivações. Parece que a associação da condição de jovem e estudante torna essa potencialidade mais "palpável", mais presente e mobilizável. Essa potencialidade se manifesta mais freqüentemente como revolta e pode mais facilmente ser canalizada quando o objetivo que se busca é "contra". Alguns

exemplos, no Brasil, podem ajudar a ilustrar esse entendimento como: “Fora, Collor”, “contra o aumento das anuidades das universidades”, “contra o aumento da bandeja no restaurante universitário”, “contra a ditadura militar” e tantos outros citados por vários dos autores. Foi observado, igualmente, que essa potencialidade da juventude pode ser manipulada, “abafada”, ou mesmo desviada.

Notamos, ainda, que não há material mais consistente sobre o assunto escrito nos últimos anos. Observamos que não se deram grandes movimentos de jovens nesse período. Realmente os últimos grandes movimentos aconteceram no ano de 1968, em nível mais ou menos generalizado. Na última parte desse período vivemos grandes transformações na ordem política universal. Com a queda do Leste, o fim do “Império Soviético”, extinguiu-se a bipolaridade do mundo. A partir daí, o mundo passou a ser “monopolar”, “multipolar” ou outra classificação que se queira dar, mas, com certeza, passou por profundas mudanças geopolíticas.

Que reflexos têm esses fatos na formulação de objetivos capazes de mobilizar o jovem? A derrota do “socialismo de Estado” não significou a vitória do capitalismo, pois os grandes problemas da humanidade continuam sem solução. Parece razoável pensar que esses fatos todos tenham influenciado sobre aquela potencialidade do jovem.

E o fenômeno da globalização que vivemos hoje, que efeitos tem sobre a juventude ao tentar compreender um mundo que é novo e que constitui um desafio aos próprios adultos? A globalização é estimulada pelo desenvolvimento dos próprios meios de comunicação, os quais parecem mais favorecer a padronização ditada pelo mercado do que a solidariedade necessária à formação de uma sociedade mais igual e, portanto, mais humana. Os meios de comunicação estariam, assim, formando indivíduos mais bem informados mas atomizados, de tal sorte que a capacidade de manipulação desses meios poderia estar sendo usada para inibir essa potencialidade transformadora do jovem.

Outra reflexão que nos ocorre fazer é a de que, eventualmente, essa calma do período presente na juventude não seja por ela estar satisfeita, mas por estar desiludida. Do tipo “não adianta lutar”. A sensação de impotência diante dos grandes desafios de uma sociedade injusta, desigual e, em consequência, individualista e violenta. O equívoco da caminhada humana até aqui teria provocado a neces-



sidade da fuga da juventude. “Já que não dá para viver neste mundo que nossos velhos criaram, vamos fugir dele”, diriam os jovens. Poderia estar aí uma boa razão para o uso intenso de drogas nos dias atuais.

Mas é realmente assim? Os jovens desistiram de lutar?

Outra reflexão que nos ocorre, ainda, é a que busca esclarecer a razão por que os jovens tendem a se mobilizar mais em sua condição de estudantes. Parece razoável pensarmos que, nessa condição, os estudantes formam uma espécie de “mundo à parte, um mundo de brincadeirinha, de faz de conta”, que a sociedade adulta tolera desde que “não mexam” em suas instituições, incluindo suas lideranças estabelecidas. Mas isso não é pacífico, e vários autores mostraram que essa insatisfação, essa inconformidade do jovem, não se limita à sua condição de estudante e muito menos se cinge às paredes das universidades.

Tudo considerado, podemos concluir que a juventude é detentora de uma potencialidade que a inquieta e que pode torná-la protagonista de processos revolucionários. Cabe indagar, entretanto: o que significam, precisamente, revolução e processo revolucionário?

## **Revolução: conteúdos e objetivos**

A palavra “revolução” tem tido diferentes significados quer ao longo da história, quer atualmente. Surgiu como termo astronômico para designar o movimento regular, sistemático e cíclico das estrelas, que se repetia, portanto sempre da mesma forma, sem novidade nem violência. A idéia é, pois, de um movimento natural e irresistível. A palavra revolução ligada com ênfase exclusiva à irresistibilidade, segundo Arendt, deve ter sido usada pela primeira vez na “noite de 14 de julho de 1789, em Paris, quando Luís XVI recebeu do duque de La Rochefoucauld-Liancourt a notícia da queda da Bastilha, da libertação de uns poucos prisioneiros e da defecção das tropas reais frente a um ataque popular” (1988:38).

Como diz Florestan Fernandes “(...) A palavra revolução tem sido empregada de modo a provocar confusões” (1984:7). O conceito de revolução tem sido amplo e diverso. Usa-se, com frequência,

para designar alterações contínuas ou súbitas que ocorrem na natureza, na cultura, na ciência, na tecnologia ou na política. Diz-nos ainda Florestan: “No essencial, porém, há pouca confusão quanto ao seu significado central: mesmo na linguagem de senso comum sabe-se que a palavra se aplica para designar mudanças drásticas e violentas da estrutura da sociedade” (Florestan Fernandes, 1984: 7-8).

Investigamos o problema da atitude revolucionária e não propriamente da revolução. A atitude diz mais respeito à disposição, ao ânimo de fazer a revolução do que à ação revolucionária em si. A atitude se relaciona à vontade de fazer, à motivação para fazê-la, e o comportamento, à forma de executar. A atitude revolucionária está mais ligada à razão, o *porquê*, no sentido do conteúdo, do objetivo da revolução e o comportamento, à *forma* de realizá-la. Essa distinção é importante porque, com alguma frequência, tem-se confundido o conteúdo da revolução com a forma de fazê-la. A revolução é um processo. Pode ser até mesmo um processo com diferentes fases, por exemplo, conforme diz Melotti (1971:34): “A insurreição pode ser uma fase do processo revolucionário, quando ela tem sucesso no seu objetivo. Se a perturbação da ordem pública obtém sucesso é revolução, se fracassa e é dominada, é um motim”.

Um conjunto de atos revolucionários pode produzir a revolução. Por mais planejados que possam ser, ninguém pode prever a seqüência de atos revolucionários que levem, ao fim e ao cabo, a realizar a revolução. Por isso, a forma dos atos revolucionários pode nem sempre estar prevista. Por outro lado, uma revolução contraria interesses estabelecidos e isso leva a uma incógnita de como será a reação de quem tem os seus interesses contrariados. Afinal, como nos ensina Decouflé, “(...) O projeto revolucionário constitui essencialmente uma contradição com o projeto estabelecido” (1970: 23).

Não parece possível prever, com razoável segurança, como uma revolução começa, como evolui e como termina. O ambiente que possibilita sua eclosão e a evolução dos acontecimentos posteriores podem determinar a forma do processo revolucionário, embora seu conteúdo tenha sido previamente estabelecido. O essencial é a atitude revolucionária, uma espécie de combustível que aciona o processo, uma espécie de energia latente, disponível e pronta para ser acionada. A atitude revolucionária pode fazer acontecer a revolução e

determinar sua forma, mas nenhuma revolução se fará sem atitude revolucionária. Esta e as circunstâncias que a tornam possível fazem acontecer a revolução.

A Revolução Bolchevista, na Rússia, a Revolução Maoísta, na China, a Revolução Castrista, em Cuba, a Revolução dos Cravos, em Portugal, a Revolução em Chiapas, no México, a Revolução de Ghandi, na Índia, são algumas das muitas revoluções do século XX e constituem exemplos de diferentes formas de revolução como por guerrilha, por assalto violento ao poder, por mobilização e organização popular, por denúncia, ou outras formas. Constituem, igualmente, diferentes exemplos de conteúdos revolucionários em função de seus objetivos, que vão desde a libertação das necessidades, com vistas a uma sociedade mais justa, até o rompimento da dependência externa e da opressão interna em busca da liberdade.

Tem havido confusão, com alguma frequência, entre revolução com ação armada e violência revolucionária. Portanto, além da confusão entre o conteúdo da revolução, o objetivo da revolução, que é a instauração do novo, a instauração do projeto revolucionário para realizar as mudanças ou as transformações pretendidas, e os diferentes caminhos, os métodos, os instrumentos utilizados para realizá-la, há outra: uma confusão com um desses meios, a violência com a própria revolução. Revolução não é sinônimo de violência nem é, necessariamente, usada a violência para fazer a revolução, assim como nem toda violência é revolucionária. Todos sabemos o quanto os ensinamentos de Marx serviram de fundamento teórico para um sem número de revoluções. Sobre essa questão é oportuno lembrar o que escreveu Arendt:

(...) A fonte retórica marxista da Nova Esquerda coincide com o constante crescimento da convicção inteiramente não-marxista, proclamada por Mao Tsé-tung, segundo o qual o “poder brota do cano de uma arma”. Certamente, Marx tinha consciência do papel desempenhado pela violência na história, mas esse papel era para ele secundário: não a violência, mas sim as contradições da antiga sociedade causaram o seu fim.

Segue, depois: “Tem-se frequentemente observado, e algumas vezes deplorado, que a esquerda revolucionária sob a influência dos

ensinamentos de Marx rejeitava o emprego dos meios violentos” (Arendt, 1985: 7-8), e mais “(...) a violência, contrariamente ao que tentam nos dizer os seus profetas, é a arma mais da reforma do que da revolução” (Arendt, 1985: 44).

A revolução é movida pela fé em um mundo melhor, mais humano, mais livre, mais igualitário. Conforme já vimos, para a constituição desse mundo novo que a revolução propõe são contrariados interesses estabelecidos. Isso provoca reações e, portanto, uma das características da revolução é o enfrentamento entre os interesses estabelecidos e os novos ideais, as novas aspirações, os novos interesses que vão constituir um novo conjunto histórico. A resistência ao novo e o conflito decorrente são inerentes ao processo revolucionário. Disso não decorre, necessariamente, o uso da violência. O enfrentamento supõe o uso da força, nem sempre o da violência. Por isso a revolução pode dar-se no próprio processo político institucional, por exemplo, por meio do voto. O Chile de Salvador Allende poderia ser apontado como forma de acesso ao poder, com objetivo revolucionário, pela via institucional, o voto. Sua proposta era, sem dúvida, revolucionária, tanto que sua implantação foi impedida pela contra-revolução violenta que, à época, a conjuntura internacional permitia.

**Assim, definimos revolução como um processo de profundas mudanças ou transformações estruturais na busca de uma sociedade nova, livre e/ou igualitária, com uso de força e instrumentos institucionais como o voto e a organização e mobilização populares, por exemplo, e/ou instrumentos não-institucionais como a violência revolucionária, entre outros.**

Diferentes fatores parecem indicar que há uma evolução no conceito de revolução e na forma de fazê-la, mas uma coisa é certa: nenhuma revolução se fará sem a atitude revolucionária. Se essa atitude é assim tão importante, e estamos convencidos que o é, como pode ser detectada? Alguma camada da população a detém especialmente? Quem são os revolucionários?

Após exaustivo estudo, ao final de seu livro, Decouflé (1970: 127) assim se expressa:

Muitas questões continuam sem resposta, ao final deste ensaio. Aqui está uma delas, escolhida devido à sua aptidão para forne-

cer, por si só, matéria para um livro: existirá um pessoal revolucionário? Os "homens da revolução", no seio de cada sociedade histórica, serão eles recrutados em camadas especiais da população e obedecendo a métodos específicos?

Entendemos que sim. Pelo menos há uma camada da população que é mais revolucionária: a juventude. Assim como a corrente da água é a garantia da perenidade do rio, assim a juventude é a garantia da perenidade da humanidade. Assim como a corrente da água agita o rio, torna-o às vezes caudaloso, rompe-lhe, às vezes, os limites da margem e agride e arrasta tudo o que lhe vem pela frente, assim a energia da juventude produz essa atitude revolucionária que resulta, para a humanidade, nos mesmos efeitos da corrente para o rio. Claro, não é exclusiva da juventude, mas é nela muito mais forte do que nos maduros. É essencial.

Erik Erikson<sup>3</sup> mostra-nos o caminho de crise, de conflito da juventude na construção de sua identidade. Observamos que esse pode ser o fundamento psicológico para a existência da atitude revolucionária mais acentuada na juventude. À medida que a juventude busca a construção de sua identidade, à medida que essa construção esbarra em obstáculos que lhe dificultam esse caminho, surge o conflito, o enfrentamento, ou seja, há uma idealização da identidade buscada, um sonho sobre o vir a ser e um *não espaço* para esse objetivo. Surge, então, a vontade de remover esses obstáculos. Nosso intuito, no entanto, não foi identificar a possível origem ou a possível causa da existência da atitude revolucionária que poderia ser identificada como anteriormente mencionado, mas sua existência mais acentuada nos jovens do que nos maduros, ou seja, não investigamos a razão psicológica do motivo pelo qual o jovem tem uma atitude revolucionária mais acentuada, mas a constatação de sua existência na esfera política.

---

<sup>3</sup> Erik Erikson, *Identidade: juventude e crise*, 1972.



## Parte II

# Apresentação da pesquisa





## Capítulo II

# Jovens brasileiros do final do milênio

### **Juventude nacionalista, progressista e revolucionária**

Na história do Brasil, a juventude tem sua própria história. Ao contrário de alguns outros países, onde há relatos de jovens envolvidos em movimentos de diferentes orientações políticas, os movimentos estudados, no Brasil, mostram uma juventude nacionalista, progressista, revolucionária. Podemos lembrar a participação da juventude brasileira na campanha “O Petróleo é Nosso”, no suporte para as “Reformas de Base”, na luta pela ampliação de vagas escolares, no enfrentamento com a ditadura militar, na “Passeata dos 100 Mil”, na conquista do direito de voto aos jovens, nos episódios “Diretas Já” e “Fora, Collor”, entre outros. Soube organizar-se para agir coletivamente e, assim, influir nos rumos da sociedade. Exemplos dessas organizações na história da juventude brasileira são a União Nacional dos Estudantes (UNE), a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Universitária Católica (JUC), os “caras-pintadas” e as juventudes partidárias, entre outras. Mas, como a população brasileira em geral, a juventude também se renova, caminha, muda e se altera. Os jovens do Brasil de hoje seriam os mesmos de sempre?

Classificamos como jovem a população na faixa de idade entre 16 e 25 anos. No Brasil, hoje, de acordo com o último censo do IBGE, representam mais ou menos 32 milhões, em torno de 20% da população, dos quais cerca de 78% vivem na zona urbana.

## A realidade dos jovens brasileiros

A juventude brasileira deste final de milênio vive perplexidades desconcertantes, perguntas ainda sem respostas, conflitos sem solução. Vive os problemas de um mundo em processo de globalização acelerada, onde as ideologias que fundamentavam as convicções e conformavam a geopolítica da sociedade humana faliram. Vive um mundo que põe em xeque as identidades culturais nacionais, lança à exclusão social países e regiões inteiras do planeta e impõe relações de todo tipo, especialmente econômicas, de maneira supranacional, questionando a efetiva existência de soberania dos países. Vive, no Brasil, a disputa por vagas insuficientes, especialmente nas universidades, numa sociedade que exige sempre e cada vez mais qualificação. Vive à procura de um emprego, que é escasso, para o qual se exige experiência e conhecimento que a juventude ainda não tem.

São esses apenas alguns dos desafios que ela é chamada a enfrentar. A exclusão social interna, numa sociedade extremamente desigual, que atinge camadas significativas de nossa sociedade é uma ameaça real a impor à juventude a falta de uma perspectiva de futuro. Essa juventude convive com a liberação sexual pela cultura, mas que é freada pela Aids, pelo risco da gravidez precoce, pelo conflito do aborto. Vive uma sociedade virtual globalizada pela universalização da televisão e da Internet, criando expectativas no geral ilusórias pela impossibilidade prática de viabilizá-las. Nessas circunstâncias, um número significativo de jovens torna-se alvo fácil da sanha gananciosa de traficantes e passam a usar a droga como forma de fugir de um mundo real e criar um mundo de fantasia e ilusão. Organizam-se, em número sempre crescente, em “galeras” e “gangues”, em busca de segurança que a sociedade não lhes oferece, em disputa de territórios para demarcar sua influência e em busca de afirmação individual para construir sua identidade. Com essas condições, crescem as insatisfações, os conflitos, as ansiedades e angústias e, não raro, degeneram em violência. Uma publicação recente do IBGE<sup>4</sup> indica a escalada da violência no Brasil e chama a atenção para o massacre

---

<sup>4</sup> *Síntese de indicadores sociais*, IBGE, 1999.

da juventude, afirmando que a violência atinge sobretudo os jovens, entre os quais é a maior causa de mortes. Esse é o panorama geral da realidade dos jovens brasileiros.

## A pesquisa da atitude revolucionária

Existe alguma relação entre a idade e a presença de uma “atitude revolucionária”? Seria a “atitude revolucionária” mais acentuada nos jovens do que nos maduros? Qual a influência do *status* socioeconômico, da religião e da condição de estudante nessa “atitude revolucionária”?

Essas perguntas motivaram a realização de uma pesquisa quantitativa e qualitativa. Os dados foram coletados por meio de um questionário com 86 perguntas, aplicado em 2.082 entrevistados residentes em 21 cidades brasileiras, abrangendo todas as regiões do país.

Tomamos como variáveis independentes a idade, ordenada em grupos etários, de forma que consideramos jovens os de idade entre 16 e 25 anos e maduros os que têm 26 anos e mais; o *status* socioeconômico da família do jovem, a religião do indivíduo e a condição de estudante ou não-estudante.

Realizamos a pesquisa para saber se a atitude revolucionária é mais acentuada nos jovens do que nos maduros, se é influenciada pelo *status* socioeconômico, pela religião do indivíduo ou pela condição de estudante.

As relações, possivelmente existentes, entre idade e atitude revolucionária, seriam influenciadas pelo ambiente urbano ou pelas características regionais?

Possui a juventude características capazes de potencializar ações políticas transformadoras e revolucionárias? Que características são essas?

Para verificar como o *status* socioeconômico influencia a atitude revolucionária, levamos em consideração os indicadores de renda familiar e o *status* ocupacional (profissão do indivíduo ou do responsável por ele e a situação ocupacional). No caso dos jovens que não eram responsáveis pelo seu próprio sustento, usamos a profissão e a situação ocupacional do responsável pelo seu sustento.

A atitude revolucionária foi analisada mediante indicadores de atitudes, colhidos por meio de questionário, contemplando três dimensões: frequência, intensidade e consistência das atitudes, isto é, a frequência, a intensidade e a consistência das atitudes revolucionárias variam inversamente à idade, independentemente do *status* socioeconômico, da religião dos indivíduos ou da condição de estudante.

Para a fundamentação da pesquisa qualitativa, realizamos discussões com pesquisadores do comportamento de jovens na faixa etária proposta para o estudo, como sociólogos, psicólogos, antropólogos, cientistas políticos e outros, assim como entrevistas com líderes jovens, tanto políticos como estudantis, com líderes de expressão política que participaram de movimentos políticos e/ou revolucionários na época de sua juventude (década de 1960).

O objetivo dessa parte do trabalho foi o de melhor caracterizar a atitude revolucionária, como ela é percebida, como ela evolui e como ela muda durante a vida das pessoas, ou pela sua realização ou pela transformação de atitude da pessoa diante do objetivo de mudança pela via da revolução.

Consideramos importante obter dados das diferentes regiões geopolíticas do Brasil em razão de seus diferentes estágios de desenvolvimento. Como, por exemplo: mais industrializado/urbano no Centro/Sul *versus* menos industrializado/urbano no Norte/Nordeste. Para obter essa visão mais ampliada, coletamos dados não só das diferentes regiões, mas de cidades diferenciadas quanto ao tamanho e à função: capitais de estado, cidades de pequeno e de médio porte.

### **Como foi feita a pesquisa**

A amostra foi composta por 2.082 entrevistas. De acordo com Gil (1991: 101), esta é uma amostra representativa para um universo infinito, ou seja, acima de 100 mil indivíduos, com uma margem de erro de 2,5% e um coeficiente de confiança de 95,5%. As entrevistas foram realizadas em 21 cidades brasileiras. A seleção de cidades e a determinação do tamanho da amostra foram feitas levando em conta a disponibilidade de recursos técnicos e humanos para a coleta de dados.

O conjunto de cidades foi dividido em três grupos: 11 capitais, cinco cidades médias (mais de 15 mil habitantes) e cinco cidades pequenas (menos de 15 mil habitantes), estas consideradas como tendo características mais rurais (Quadro 1). Todas as regiões geográficas do país foram representadas. Foram pesquisadas duas capitais para cada região, com exceção da região Sudeste onde, em função de sua alta densidade populacional, selecionamos três capitais. Em todas as regiões, além das capitais, selecionamos, também, uma cidade média e uma pequena.

O grupo maior de cidades é de capitais, pois acreditamos que nelas haja maior politização de seus habitantes em virtude de serem sede dos governos estaduais. Os demais grupos urbanos serviram de contraponto a essa suposição. Durante a análise dos dados, os três grupos foram comparados nos aspectos relativos à influência das regiões, à condição de capital ou não, bem como às características mais ou menos rurais quanto à sua influência sobre as atitudes revolucionárias nas diferentes faixas etárias.

Foi utilizado um sistema de amostragem domiciliar por cotas de renda familiar, para que os questionários fossem distribuídos de modo proporcional à população, desde que nenhuma cidade fosse representada por menos de 50 questionários. Isso para não prejudicar o tratamento estatístico, que fica muito limitado em amostras pequenas. Assim, 13 cidades<sup>5</sup> foram representadas na amostra por 50 unidades. As demais, todas capitais, foram representadas em quantidade proporcional às populações.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), desenvolvida anualmente pelo IBGE, utiliza nove classes de renda,<sup>6</sup> desde sem rendimento até acima de 20 salários mínimos. Para distribuir a amostra proporcionalmente à população segundo a renda familiar, foram utilizadas as informações oficiais mais recentes, da PNAD 1995.

---

<sup>5</sup> Campo Grande, Florianópolis, Rio Branco, Londrina, Anápolis, Mossoró, Volta Redonda, Altamira, Amarínópolis, Nova Hertz, Demerval Lobão, Riachuelo e Pirajuba.

<sup>6</sup> Sem rendimento; até  $\frac{1}{2}$  SM; de  $\frac{1}{2}$  a 1 SM; de 1 a 2 SM; de 2 a 3 SM; de 3 a 5 SM; de 5 a 10 SM; de 10 a 20 SM; mais de 20 SM (SM=Salário mínimo).

As classes de renda familiar foram arbitradas conforme mostra o quadro a seguir:

<b>Classe</b>	<b>Descrição</b>	<b>Critério</b>
<b>A</b>	<b>Rica ou Alta</b>	Renda familiar igual ou superior a 20 salários mínimos (R\$ 2.600,00 ou mais)
<b>B</b>	<b>Média</b>	Renda familiar variando de cinco a 20 salários mínimos (R\$ 650,00 a 2.600,00)
<b>C</b>	<b>Pobre ou Baixa</b>	Renda familiar até cinco salários mínimos (até R\$ 650,00)

Nota: Salário mínimo a valores de julho/98 (R\$130,00)

As nove classes da PNAD foram agregadas em três para que a distribuição de rendimentos ficasse semelhante à utilizada neste trabalho.<sup>7</sup> Para assegurar uma quantidade mínima de questionários, foram necessários acréscimos, de forma que a amostra foi distribuída conforme o quadro a seguir.

<sup>7</sup> Esta fase do trabalho contou com a consultoria técnica do DataUnB.

**Quadro 1. Distribuição planejada da amostra por tipo de cidade e classe de renda familiar**

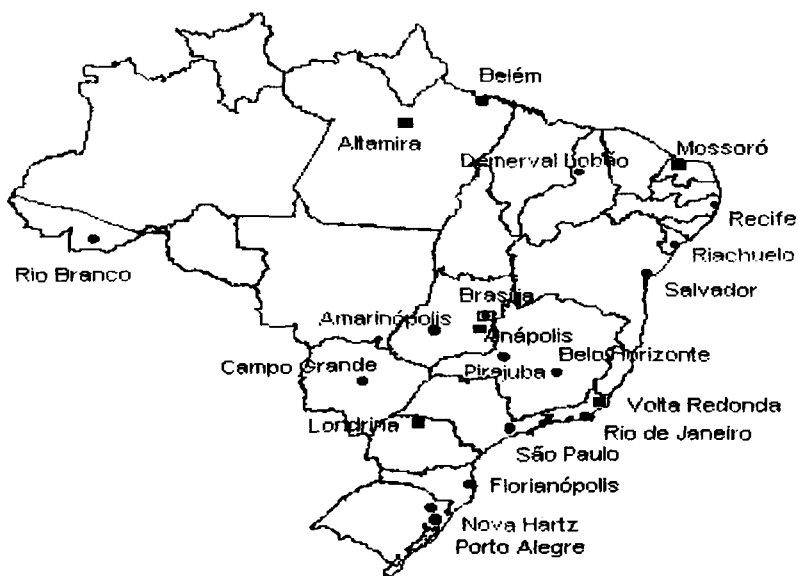
Cidade	Estado	Nº de Quest. por Classe de Renda Familiar			Total
		A	B	C	
PORTOALEGRE	RS	2	9	61	72
FLORIANÓPOLIS	SC	2	7	42	51
SÃO PAULO	SP	15	90	440	545
RIO DE JANEIRO	RJ	7	42	258	307
BRASÍLIA	DF	5	19	76	100
CAMPO GRANDE	MS	2	4	45	51
BELOHORIZONTE	MG	2	10	105	117
SALVADOR	BA	2	7	114	123
RECIFE	PE	2	5	68	75
BELÉM	PA	2	4	60	66
RIOBRANCO	AC	2	6	43	51
<b>Total Capitais</b>		<b>43</b>	<b>203</b>	<b>1.312</b>	<b>1.558</b>
LONDRINA	PR	2	5	44	51
ANÁPOLIS	GO	2	4	46	52
MOSSORÓ	RN	2	3	47	52
VOLTAREDONDA	RJ	2	7	42	51
ALTAMIRA	PA	2	3	46	51
<b>Total Cidades Médias</b>		<b>10</b>	<b>22</b>	<b>225</b>	<b>257</b>
AMARINÓPOLIS	GO	2	4	46	52
NOVAHERTZ	RS	2	6	44	52
DEMERVALLOBÃO	PI	2	2	48	52
RIACHUELO	SE	2	2	47	51
PIRAJUBA	MG	2	4	45	51
<b>Total Cid. Pequenas</b>		<b>10</b>	<b>18</b>	<b>230</b>	<b>258</b>
<b>TOTAL</b>		<b>63</b>	<b>243</b>	<b>1.767</b>	<b>2.073</b>

Identificamos, então, nas 21 cidades, os locais onde se concentram as populações das classes A, B e C. Isso foi feito pelos ór-

gãos locais do Instituto Teotônio Vilela, diretórios do PSBD ou Juventudes Locais da JPSDB, por meio de informações obtidas em prefeituras ou outros órgãos técnicos. O objetivo foi sortear bairros de cada classe de renda familiar e, dentro deles, ruas onde seriam abordados os entrevistados.

Foi determinado que seria entrevistada uma pessoa de, no mínimo, 16 anos, no domicílio, sorteada pelo entrevistador entre os moradores presentes. O entrevistador deveria listar os moradores presentes e utilizar o quadro de sorteio (Anexo E) para determinar qual seria o entrevistado. O sorteio visou selecionar amostra que reproduzisse a proporção de pessoas por sexo e faixa etária, supondo o equilíbrio entre pessoas do sexo masculino e feminino e uma distribuição por faixa etária proporcional à da população.

Os entrevistadores, recrutados nas Juventudes Locais da JPSDB, receberam instruções por escrito sobre como proceder para coletar os dados. As instruções contemplavam todas as etapas do trabalho, desde a seleção do domicílio até o comportamento a ser adotado durante a entrevista. O tempo estimado de coleta, de dois meses, acabou estendendo-se além do previsto, em virtude de problemas diversos, embora previsíveis por causa da quantidade grande de cidades e da dispersão em várias unidades da Federação.





Foi determinado como meta chegar a 100% da amostra, visto que, em trabalhos dessa natureza, realizado em muitas cidades em várias unidades da Federação, é comum ocorrer perdas em virtude de problemas de vários tipos na coleta de dados. Para controlar o trabalho dos entrevistadores, foram feitas checagens em todas as cidades a partir dos dados de identificação dos domicílios visitados. Dos questionários preenchidos, foi retirada uma amostra para verificação. Ao detectar qualquer problema, a checagem foi reforçada na cidade ou na área, o que ocasionou alguns retornos a campo para substituir questionários rejeitados. Os problemas identificados foram totalmente contornados, de modo a garantir a fidedignidade dos dados.

A análise dos dados foi feita, principalmente, por meio de tabelas de freqüências e cruzamentos entre duas ou mais variáveis. O teste de qui-quadrado foi utilizado para confirmar a existência de associações significativas entre as variáveis.

## **Principais fatores investigados**

A partir das perguntas do questionário construímos algumas variáveis derivadas para melhor trabalhar os dados. As principais variáveis criadas foram:

### *a) Atitude revolucionária*

Para trabalharmos de forma mais concisa, decidimos criar a variável “atitude revolucionária”, a partir de algumas questões que consideramos objetivamente ligadas ao conceito. Atribuímos, a seguir, uma pontuação, de 1 a 3 pontos, para cada uma das questões selecionadas, segundo arbitramos como mais intensa (3) ou menos intensa (1) a atitude revolucionária do entrevistado para cada questão :

Questão	Pontuação
82a	1
82b	3
83a	1
84a	2
84b	3
85	2
86	3
87	2
Total	17

Escala de 0 a 17 pontos

0 = não/contra, para todas as questões.

17 = sim/a favor, para todas as questões.

Com esses dados, criamos os códigos para atitude revolucionária: inexistente; baixa; média; alta.

### *b) Intensidade das atitudes políticas*

As questões 64 a 77 do questionário foram criadas, especialmente, para obter as informações sobre a participação política dos entrevistados. Com ela, e tendo em vista que está posta aí uma gradação, buscamos medir a intensidade de suas atitudes e de seu comportamento político. Considerando a gradação da atividade, distribuímos os respondentes em cinco categorias: passivo, reativo, moderado, pró-ativo e radical.

### *c) Crenças místicas*

Criamos, com base nas questões 19 a 23 (Anexo A), um conjunto de indicadores do qual resultou a classificação dos entrevistados

em céticos (não acredita em nada – Deus, reencarnação, diabo, magia e milagres), indecisos (acredita em um ou dois dos itens) e convictos (acredita em três ou mais dos itens).

d) *Atitude participativa*

A partir da combinação de “vontade de participar” e “participa”, questões 13 a 18 do questionário, foi criada essa variável com quatro categorias: apático (se não tem vontade e não participa de nenhum dos movimentos sociais), pouco participativo (se tem vontade, mas não participa), medianamente participativo (se tem vontade e participa de um dos movimentos) e participativo (se tem vontade e participa de dois ou mais movimentos).

e) *Status socioeconômico da família*

A variável *status* socioeconômico da família foi obtida cruzando-se as variáveis profissão do responsável ou do respondente com a variável renda familiar. A escolaridade não foi usada como indicador socioeconômico porque sua relação se mostra enviesada. Esse viés resulta, em primeiro lugar, do acentuado processo de escolarização das camadas mais jovens. Em segundo lugar, é consequência de que muitos dos que se encontram na faixa etária entre 16 e 25 anos ainda não chegaram à idade de ingressar na universidade ou podem não ter concluído o curso superior.

Obteve-se, assim, um quadro da renda familiar e da profissão. Foram definidas quatro categorias:

4 – *Alto*: quando a profissão do declarante ou responsável exige nível de escolaridade superior e a renda familiar está acima de R\$1.300,00;

3 – *Médio alto*: quando a profissão do declarante ou responsável exige nível de escolaridade de segundo grau e a renda familiar está acima de R\$1.300,00 ou tem nível de escolaridade superior e a renda familiar é inferior à referida;

2 – *Médio baixo*: quando a profissão do declarante ou responsável pode ser exercida por nível de escolaridade de segundo grau ou

superior e a renda familiar é de até R\$1.300,00;

1 – *Baixo*: quando a profissão não exige nenhum nível de escolaridade e a renda é inferior a R\$ 650,00.

#### *f) Conceito de revolução*

Formulamos, no questionário, uma questão aberta para sabermos o conceito de revolução por parte dos entrevistados. Dada a gama de entendimentos sobre esse conceito, resolvemos, primeiro, distribuir o tipo de respostas em dez categorias (Tabela 64), para, em seguida, concentrar em três categorias (Tabela 20).

#### *g) Índice de conformidade*

Com base nos quesitos 46 a 49, 55, 59, 61, 63 e 79 do questionário, formulamos o índice de conformidade. Os itens de cada quesito foram classificados para conformista (1), moderado (2) ou revolucionário (3). Em seguida foi tirada a média (soma dos valores dividida por 9, que é o número de variáveis). A média foi assim classificada: de 0 a 1,5 = 1 (conformista); de 1,6 a 2,5 = 2 (moderado); de 2,5 ou mais = 3 (revolucionário).

#### *h) Índice de atitudes*

Para apurar o índice de atitudes, foi feita a média das dez variáveis (26 a 35 do questionário) classificando-se como positiva na média próxima de 1 (média até 1,50) e negativa na média próxima de 2 (média maior que 1,51). Isso porque havia duas opções, sendo indicada com o número 1 a positiva e com o número 2 a negativa.

#### *i) Ideologia*

O índice de ideologia foi definido com base nos quesitos 50 a 54 do questionário. O critério foi o de atribuir 1 para conservador e 2 para progressista em cada uma das questões. Quando a média ficou

próxima de 1 (até 1.50), classificou-se como conservador e quando ficou próxima de 2 (maior que 1.51), como progressista.

Para verificar se a atitude revolucionária dos jovens poderia sofrer influência de acordo com a região geográfica do país e o tamanho da cidade em que habitam, as variáveis derivadas descritas foram agrupadas segundo a região geográfica e o tamanho da cidade.

Procuramos verificar se a condição de estudante influenciava também a atitude revolucionária, com relação aos não-estudantes. Ao pesquisar de que forma o jovem percebe os valores sociais, foi possível construir um índice para avaliar seu grau de satisfação com os valores sociais vigentes. O que pode ser observado também por região geográfica e tipo de cidade. O mesmo método foi aplicado para a variável ideologia (analisada como progressista e conservadora), para o grau de conformidade (incluindo aqui a condição de estudante e os principais sonhos), para diferentes conceitos de revolução.

A intensidade da atitude revolucionária e sua frequência, além de sua consistência, foram pesquisadas nas diversas regiões e tipos de cidade.

## **Entrevista estruturada**

Um dos instrumentos usados para viabilizar a pesquisa qualitativa foi a entrevista estruturada. Com essa finalidade realizamos entrevistas com 14 revolucionários brasileiros da década de 1960. Dividimos os entrevistados em quatro grupos segundo nossa avaliação, para buscarmos um espectro mais amplo – evidentemente sem conhecimento por parte dos entrevistados – sobre nossa opinião para a classificação de cada um.

Os grupos ficaram assim formulados:

A – Os que não mudaram – Critério: Os que permaneceram com as mesmas convicções e defendem a revolução como forma de mudança.  
B – Os que mudaram um pouco – Critério: Os que mantêm suas convicções, mas admitem métodos não-revolucionários para viabilizá-las.

- C – Os que mudaram mais – Critério: Os que mudaram em parte suas convicções e defendem métodos democráticos para viabilizá-las.
- D – Os que mudaram para a direita – Critério: Os que abriram mão de suas convicções.

### Questões investigadas

Assim, em síntese, tomamos como variáveis independentes:

- ◆ a idade, ordenada em grupos etários, de forma que consideramos jovens os indivíduos cuja idade se situa entre 16 e 25 anos e maduros aqueles que têm 26 anos ou mais;
- ◆ o *status* socioeconômico da família do jovem;
- ◆ a religião do jovem; e
- ◆ a condição de estudante ou de não-estudante do jovem.

Dessa forma, era nossa expectativa descobrir:

- ◆ se a atitude revolucionária seria mais acentuada nos jovens do que nos maduros;
- ◆ se a atitude revolucionária dos jovens seria influenciada por seu *status* socioeconômico;
- ◆ se a atitude revolucionária do jovem seria influenciada pela religião; e
- ◆ se a atitude revolucionária do jovem seria influenciada por sua condição de estudante.

Além disso, investigamos:

- ◆ se as relações possivelmente existentes entre idade e atitude revolucionária seriam influenciadas pelo ambiente urbano ou por características e especificidades regionais;
- ◆ se a juventude possuiria características capazes de potencializar ações políticas transformadoras e revolucionárias: se possuísse, que características seriam essas?

Neste capítulo, temos, portanto, uma primeira tentativa de compreensão sobre o perfil do jovem brasileiro nos campos social e político.

## Perfil dos jovens entrevistados

Os jovens entrevistados em nossa pesquisa<sup>8</sup> possuem características representativas dos jovens brasileiros. De um total de 2.082 entrevistados, são 573 (28%) os jovens, dos quais 75% moram nas capitais, 10% nas cidades médias e 15% moram nas pequenas cidades. Residem na região Sudeste 47%. São estudantes 56% deles, 68% católicos, 40% estão trabalhando, sendo que sua remuneração é equivalente à dos maduros, com exceção dos que ganham acima de R\$1.300,00, faixa em que os maduros que ganham mais do que os jovens é de 5%. No geral, excetuando a formação de nível superior e maior, em razão de os jovens ainda não terem idade para isso, os números mostram uma acentuada evolução nos níveis de escolaridade dos jovens em comparação com os maduros. Por exemplo, enquanto 24% dos jovens têm primeiro grau incompleto, 38% dos maduros estão nessa situação, e enquanto 51% dos jovens têm segundo grau completo, 29% dos maduros estão aí classificados. Dos jovens entrevistados, 39% são do sexo masculino e 61% do sexo feminino, sendo 62% de cor branca.

Vamos conhecer um pouco mais sobre os jovens de nosso questionário,<sup>9</sup> como pensam, como reagem. Seriam eles jovens apáticos, indiferentes e alheios à realidade que os cerca, capazes de aceitar tudo como se fosse definitivo, sem esperança e sem futuro?

## 1. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA – ATITUDE E COMPORTAMENTO

### Participação baixa

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, formulamos um indicador para medir a participação do jovem na sociedade. Esse indica-

---

<sup>8</sup> A base de dados que vamos usar para nossas constatações e reflexões é o questionário anexo.

<sup>9</sup> Trata-se de uma subamostra de 573 indivíduos do total de 2.082 questionários aplicados.

dor, denominado “atitude participativa, pode ser compreendido como a disposição do jovem para se envolver no debate, na discussão e na definição dos rumos da vida em sociedade, em seus diferentes aspectos e matizes. Para tanto, os jovens foram classificados em quatro categorias: “apático”, “pouco participativo”, “medianamente participativo” e “participativo”. Assim, a partir da Tabela 1, observamos que 20% dos jovens são apáticos e 80% estão distribuídos entre as categorias de pouco participativo (63%), medianamente participativo (8%) e participativo (9%). Constatamos que o maior índice de apáticos está na região Sudeste (26%), o maior de pouco participativo, na região Centro-Oeste (76%) e os maiores de medianamente participativo (14%) e participativo (14%) no Nordeste.

**Tabela 1. Jovens, por região geográfica, segundo o grau de atitude participativa, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude	Região geográfica					Total
	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	
Apático	19	26	15	13	10	20
Pouco participativo	66	59	76	74	62	63
Medianamente part.	10	7	4	4	14	8
Participativo	6	8	5	9	14	9
Total	100	100	100	100	100	100

### **Participação nas cidades pequenas é melhor**

Quando distribuímos os jovens entrevistados no critério de atitude participativa, segundo o tipo de cidade (Tabela 2), podemos ver que a maioria dos participativos está situada nas pequenas cidades (16%), numa evolução inversa ao tamanho das cidades (cidades médias – 10%, capital – 7%). Constatamos que a atitude participativa não tem associação com a condição de estudante ou não-estudante. Em



geral, há uma predominância de pouca participação em todos os tipos de cidade. No entanto, é maior a participação nas cidades de pequeno porte.

**Tabela 2. Jovens, por tipo de cidade, segundo o grau de atitude participativa, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude participativa	Tipo de cidade			Total
	Capital	Média	Pequena	
Apático	20	24	13	20
Pouco participativo	64	60	64	63
Medianamente participativo	9	5	8	8
Participativo	7	10	16	9
Total	100	100	100	100

### **Maioria contra os instrumentos políticos atuais**

Investigamos depois a variável participação política, desmembrada em atitude e comportamento (questões 64 a 77, Anexo A). A atitude indica, aqui, a disposição ou vontade da participação política: já o comportamento indica a concretização dessa vontade.

Assim, a Tabela 3 mostra a relação entre essa variável e a região geográfica, sendo que o teste qui-quadrado aponta uma associação bem definida. Verificamos que a maioria dos jovens (55%) é contra a participação política – atitude. Ao fazermos sua distribuição pelas diferentes regiões do país, no entanto, constatamos que essas atitudes não são uniformes, já que na região Centro-Oeste 75% dos entrevistados são a favor. O maior índice contra foi localizado na região Norte.

**Tabela 3. Jovens, por região geográfica, segundo atitude diante da participação política, percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude	Região geográfica					Total
	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	
A favor	42	38	75	27	62	45
Contra	58	62	26	73	38	55
Total	100	100	100	100	100	100

Ao distribuímos essa variável por tipo de cidade (Tabela 4), constatamos que o mais alto índice a favor (79%) está nas pequenas cidades e o mais alto índice contra está nas capitais (61%).

**Tabela 4. Jovens, por tipo de cidade, segundo atitude diante da participação política, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude participativa	Tipo de cidade			Total
	Capital	Média	Pequena	
A favor	39	48	79	45
Contra	61	52	21	55
Total	100	100	100	100

O teste qui-quadrado aponta associação entre as duas variáveis. Seria o caso de perguntar aqui se o fato de, em geral, nas capitais, como nas grandes cidades, o maior anonimato, que dilui a individualidade na imensidão das massas populares, diluiria, também, a atitude/participação política? E se nas pequenas cidades que facilitam a iden-

tificação pessoal, a individualidade seria capaz de gerar um clima de confiança num ambiente que facilitaria essa participação?

Examinaremos, a seguir, a variável participação política – comportamento (Tabela 5), na qual o teste registra associação bem definida. A indicação aqui é a do passo seguinte, ou seja, “a atitude indica a disposição, a vontade, e o comportamento a concretização dessa vontade, sua efetivação”. Ao distribuímos os entrevistados de acordo com sua posição, segundo as diferentes regiões do país (Tabela 5), foi obtida uma associação bem definida entre as duas variáveis. Aqui se mantém a tendência dos jovens entrevistados contra a participação política (66%). Porém, vamos encontrar que 74% dos jovens entrevistados da região Centro-Oeste têm um comportamento favorável à participação política. Há, portanto, uma coerência dos jovens entrevistados do Centro-Oeste em sua disposição de participar, a atitude (75%), com a efetivação dessa vontade, o comportamento (74%). Lembremos que a capital do país, Brasília, foi uma das cidades pesquisadas junto a outras que lhe ficam relativamente próximas. Esse fato explicaria esses percentuais?

**Tabela 5. Jovens, por região geográfica, segundo comportamento diante da participação política, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Participação política	Região geográfica					Total
	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	
A favor	31	18	74	34	48	34
Contra	69	82	26	66	52	66
Total	100	100	100	100	100	100

Usamos, depois, o tipo de cidade para cruzarmos com a variável comportamento/participação política. Aí constatamos uma significativa associação, pois enquanto apenas 25% dos entrevistados das capitais estão a favor da participação política, nas cidades pequenas esse percentual sobe para 73% (Tabela 6).

**Tabela 6. Jovens, por tipo de cidade, segundo comportamento diante da participação política, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Participação política – comportamento	Tipo de cidade			Total
	Capital	Média	Pequena	
A favor	25	46	73	34
Contra	75	54	27	66
Total	100	100	100	100

Ainda aqui fica confirmada a coerência da juventude segundo o tipo de cidade, pois atitude e comportamento, quando a variável comparada é participação política, ficam muito próximos. *Os jovens têm atitude e comportamento participativo em cidades pequenas.*

De todo modo, os percentuais apresentados sugerem que a maioria dos jovens é contrária à participação política e à concretização dessa vontade, demonstrando baixa disposição ou vontade de participar.

## 2. INTENSIDADE DA ATITUDE POLÍTICA

### Moderados como maioria

Ao estudarmos a intensidade das atitudes políticas dos jovens entrevistados (Tabela 7), percebemos que o maior percentual, entre as cinco categorias em que foram classificados, é de moderados (34%), que somados aos pró-ativos (15%) e radicais (2%) perfazem um total de 51% com índice positivo de intensidade de atitude política. Vimos, no índice anterior, que a maioria dos jovens era contra a participação política. Vemos agora que a maioria dos jovens tem atitude política intensa. Isso parece indicar que a compreensão de par-

participação política – atitude ou comportamento – diz respeito aos instrumentos institucionais normais, como campanhas políticas, comícios, voto; enfim, ação em partidos políticos tradicionais, por meios tradicionais. Ao verificarmos a influência da região geográfica sobre a intensidade da atitude política, ela parece reforçar esse entendimento, pois encontramos que o mais alto índice de moderados (50%) e o maior índice de reativos (32%) estão na região Centro-Oeste. Na região Norte está o maior índice de passivos, na região Nordeste está o maior índice de pró-ativos e na região Sul está o maior índice de radicais. Ora, tudo parece indicar que os jovens da região Centro-Oeste estão mais engajados no processo político tradicional, acreditando mais nas vias institucionais normais, até mesmo em decorrência, conforme registramos, da proximidade da capital política institucional do país.

**Tabela 7. Jovens, por região geográfica, segundo o grau de intensidade de atitudes políticas, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude políticas	Região geográfica					Total
	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	
Passivo	26	28		34	6	22
Reativo	28	28	32	29	24	28
Moderado	30	30	50	24	44	33
Pró-ativo	14	13	16	10	23	15
Radical	2	1	2	2	2	2
Total	100	100	100	100	100	100

### Capitais com maior índice de passivos

Se conduzirmos nossa análise da intensidade da participação política por tipo de cidade (Tabela 8), cujo teste indica associação

bem definida, há, no geral, uma variação da intensidade das atitudes políticas inversamente proporcional ao tamanho das cidades, das capitais com o maior índice de passivos (25%), às cidades pequenas com o maior índice de radicais (5%). Uma tendência persistente parece indicar que nas cidades menores há uma presença mais forte dos jovens no processo político institucional, conforme já tivemos a oportunidade de observar.

**Tabela 8. Jovens, por tipo de cidade, segundo o grau de intensidade de atitudes políticas, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Intensidade das atitudes políticas	Tipo de cidade			Total
	Capital	Média	Pequena	
Passivo	25	20	8	22
Reativo	30	34	11	28
Moderado	31	24	55	33
Pró-ativo	13	22	21	15
Radical	2	–	5	19
Total	100	100	100	100

### **Estudantes são ativos moderados**

Embora estatisticamente não haja associação, é preciso registrar, novamente aqui, a tendência de os estudantes terem uma atitude política mais intensa do que os não-estudantes. Basta, para isso, ver a Tabela 9, que indica que quando há baixa intensidade (passivo e reativo), a coluna de não-estudantes é maioria, virando a coluna em moderado pró-ativo e radical. Isso parece indicar que a convivência nos coletivos da escola, as turmas, a organização estudantil favorecem a intensidade da participação política.

**Tabela 9. Jovens, estudante ou não-estudante, segundo o grau de intensidade de atitudes políticas, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Intensidade das atitudes	Estudante		Total
	Sim	Não	
Passivo	19	27	22
Reativo	26	31	28
Moderado	38	29	34
Pró-ativo	16	13	14
Radical	2	1	1
Total	100	100	100

### 3. PERCEPÇÃO DAS CONDIÇÕES SOCIAIS

#### Insatisfação alta

É marcante, de acordo com os percentuais apresentados na Tabela 10, o índice de atitude negativa dos jovens entrevistados (89%). Isso pode sugerir uma intensa insatisfação com o *status quo*, o que é necessário para a existência da atitude revolucionária, já que ninguém faria revolução para mudar um estado de coisas em relação às quais tivesse uma atitude positiva.

**Tabela 10. Jovens, segundo a atitude diante da situação social do país, em número absoluto e em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude	Nº	%
Pró-ativo	54	11
Radical	453	89
Total	507	100

### Insatisfação menor no Norte

Um índice positivo de 42%, mais de quatro vezes superior à média das demais regiões, é encontrado na região Norte. Os mais acentuados percentuais negativos encontram-se nas regiões Sul e Sudeste, com 93% cada uma. Esses dados podem ser vistos na Tabela 11, a qual indica associação entre as duas variáveis.

**Tabela 11. Jovens, por região geográfica, segundo a atitude diante da situação social do país, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude	Região geográfica					Total
	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	
Positiva	7	7	10	42	12	11
Negativa	93	93	90	58	88	89
Total	100	100	100	100	100	100



## Insatisfação alta na cidade grande

O tipo de cidade (Tabela 12) pode ajudar-nos a melhor compreender as atitudes dos jovens. Mais uma vez, o percentual de atitude positiva favorece os jovens entrevistados das pequenas cidades (22%), decrescendo de acordo com o tamanho das mesmas, ou seja, das médias (12%) e das capitais (8%). Não por acaso, é exatamente nas regiões Sul e Sudeste, onde se encontram as mais altas concentrações urbanas, que os índices de atitude negativa são mais elevados.

**Tabela 12. Jovem, por tipo de cidade, segundo a atitude diante da situação social do país, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude	Tipo de cidade			Total
	Capital	Média	Pequena	
Positiva	8	12	22	11
Negativa	92	89	78	89
Total	100	100	100	100

Não há associação estatística entre essa variável e a condição de estudante, o que é surpreendente, pois seria razoável pensar que o estudante tivesse uma atitude mais positiva em razão das melhores perspectivas que a escola deveria oferecer.

## 4. IDEOLOGIA

### Maioria progressista

É notável o índice de progressistas entre os jovens entrevistados, 74%, ou seja, três quartos deles (Tabela 13). Se levamos em conta

que “progressista” é o “transformador”, é o que busca o novo. é o que se engaja num processo de mudança política e que, por isso mesmo, não aceita o *status quo*, teremos o significado desse percentual como potencial para indicar o caminho para a atitude revolucionária no jovem. Precisamos ter presente que a ideologia indica o rumo da direção política. Não é a maior ou menor participação política, nem sua consistência ou intensidade, mas o seu rumo, o seu norte.

**Tabela 13. Jovens, segundo a ideologia, em número absoluto e em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Ideologia	Nº	%
Conservador	127	26
Progressista	367	74
Total	494	100

Não há associação estatística entre a ideologia e a região geográfica (Tabela 14). Apenas registramos que os mais altos índices de conservadores estão nas regiões Centro-Oeste e Nordeste, com 31% cada. Os maiores índices de progressistas estão na região Sul (81%) e na região Norte (82%).

**Tabela 14. Jovens, por região geográfica, segundo a ideologia, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude	Região geográfica					Total
	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	
Conservador	19	26	31	18	31	26
Progressista	81	74	69	82	69	74
Total	100	100	100	100	100	100

Da mesma maneira, não se observa associação entre ideologia e tipo de cidade. Portanto, nem região geográfica nem o tipo de cidade influenciam a ideologia. A associação de ideologia é mesmo com a idade dos jovens em si, visto que 74% são progressistas. É de importância singular essa constatação para nosso estudo, visto que é requisito essencial à atitude revolucionária a determinação de transformar a realidade e o rumo dessa transformação que o progressista carrega consigo.

## 5. CONFORMIDADE

### Moderados, mas não conformistas

O índice de conformidade foi criado para medir a aceitação ou não do *status quo* pelos jovens entrevistados. Ao não se conformar com a realidade como está e pretender agir para transformá-la, o jovem vai revelando sua motivação, sua atitude de rebeldia, sua oposição ao projeto estabelecido e sua disposição para atuar em favor de um projeto revolucionário. Aqui, embora o maior percentual corresponda aos moderados (73%), é preciso ter presente que os revolucionários (22%) são bem superiores aos conformistas (5%), segundo se pode ver na Tabela 15.

**Tabela 15. Jovens, segundo o grau de conformidade com a situação social do país, em número absoluto e em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de conformidade	N <sup>o</sup>	%
Conformista	23	5
Moderado	335	73
Revolucionário	103	22
Total	461	100

## Os revolucionários estão nas capitais

Ao cruzarmos região geográfica e tipo de cidade com a conformidade, percebemos que não há associação entre essas variáveis. Dessa forma, mais uma vez fica confirmada essa característica majoritariamente avançada da juventude no processo político. Moderadamente ou imoderadamente (o revolucionário), o jovem entrevistado tem o perfil de quem não se conforma com as coisas como estão.

Queremos destacar duas observações pertinentes. A primeira é a tendência indicada na Tabela 16 de que o moderado vai crescendo inversamente ao tamanho da cidade. “Menor a cidade, maior o número de moderados”. A segunda é a de que o revolucionário vai crescendo na razão direta do tamanho das cidades e é mais numeroso nas capitais. Isso pode estar associado ao fato antes examinado da maior ou menor identificação dos jovens, de seu possível anonimato em relação ao tamanho das cidades, só que aqui de forma inversa, ou seja, quando se exige uma ação mais intensa ou revolucionária, pesa sobre o jovem das cidades menores a carga do controle social na relação de família, vizinhança, etc. É mais difícil contrariar interesses estabelecidos de pessoas que nos são próximas. Tenha-se presente, todavia, que não estamos falando de ausência de inconformidade, mas de uma leve tendência a reduzir sua frequência e intensidade nas cidades menores. Aliás, há uma tradição de que as atitudes oposicionistas e revolucionárias se desenvolvem nos grandes centros urbanos, como ocorreu no Brasil, na década de 1970.

**Tabela 16. Jovens, por tipo de cidade, segundo o grau de conformidade com a situação social do país, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de conformidade	Tipo de cidade			Total
	Capital	Média	Pequena	
Conformista	4	8	8	5
Moderado	71	75	80	73
Revolucionário	25	17	12	22
Total	100	100	100	100

## Estudantes são mais revolucionários

É marcante a associação da condição de estudante com o índice de conformidade nos jovens pesquisados. Conforme se vê na Tabela 17, os jovens conformistas e estudantes são 3%, os conformistas não-estudantes, 8%, e os moderados estudantes, 69%, contra 76% dos não-estudantes. Agora, quando se trata da categoria revolucionário, 28% são estudantes, contra 16% de não-estudantes, portanto os jovens estudantes, na categoria revolucionários, são 12% a mais do que os não-estudantes. Destacamos, aqui, o fato de que a condição de estudante acentua a intensidade da presença do jovem no processo político – embora não seja condição *sine qua non*. Isso se deve ao fato de que em grupo, nas escolas e nas universidades, o jovem pode dar forma e intensidade à sua energia transformadora e criativa, que pode ser canalizada por meio dos coletivos que a convivência facilita. Mas essa questão será retomada posteriormente.

**Tabela 17. Jovens, estudante ou não-estudante, segundo o grau de conformidade com a situação social do país, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de conformidade	Estudante		Total
	Sim	Não	
Conformista	3	8	5
Moderado	69	76	72
Revolucionário	28	16	23
Total	100	100	100

## 6. SONHO E REVOLUÇÃO

### Jovens querem um país melhor e emprego

Além disso, como mostra a Tabela 18, os jovens entrevistados sonham com um Brasil melhor, 23%, com realização profissional, 22%, com emprego, 17%, com casa própria, 11%, além de outros menos citados. Parecem não ser alheios, submissos ou amorfos.

**Tabela 18. Jovens, segundo o maior sonho, em número absoluto e percentagem. Brasil, 1998/1999**

<b>Maior sonho</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Brasil melhor	122	23
Realização profissional	118	22
Emprego	90	17
Casa própria	56	11
Felicidade	50	9
Riqueza	13	2
Negócio próprio	11	2
Mundo melhor	7	1
Viagem	5	1
Vida longa	2	1
Nenhum sonho	2	1
Outros	57	11
<b>Total</b>	<b>533</b>	<b>100</b>

## Jovens querem solução para problemas sociais

De fato, os jovens querem soluções para os problemas sociais. Basta ver que 90% deles dizem ter um bom motivo para trabalhar e lutar pela revolução (Tabela 19) e 71% deles identificam o conceito de revolução com mudança (Tabela 20). Apontam, depois, os seus motivos para trabalhar e lutar pela revolução, quando 50% indicam o *problema social*, 20% a construção de um *país melhor* e apenas 10% declaram não ter nenhum motivo para trabalhar e lutar por uma revolução. Têm, pois, um ideal a seguir, um sonho a construir e uma disposição de fazer o enfrentamento necessário, mesmo que pela revolução.

**Tabela 19. Jovens, segundo o motivo considerado bom para trabalhar e lutar por uma revolução, em número absoluto e percentagem. Brasil, 1998/1999**

Motivo para trabalhar e lutar por uma revolução	Nº	%
Problema social	196	50
País melhor	77	19
Nenhum	39	10
Corrupção	13	3
Segurança pessoal	10	3
Melhorar o mundo	5	1
Defender o país	3	1
Derrubar governo	2	1
Outros	50	1
Total	395	100

## Revolução é mudança social

**Tabela 20. Jovens, segundo seu conceito de revolução, em número absoluto e em porcentagem. Brasil, 1998/1999**

Conceito de revolução	Nº	%
Mudança	280	71
Tomada violenta do poder	79	20
Violência ou agressão	20	9
Total	396	100

A essa disposição de enfrentar a realidade para transformá-la, mesmo que para isso seja adotada a via revolucionária, chamamos de “atitude revolucionária”. Pela Tabela 21 podemos ver que essa atitude está presente em 77% dos jovens e aumenta com o crescimento de sua intensidade.

**Tabela 21. Jovens, segundo o grau de atitude revolucionária, em número absoluto e em porcentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária	Nº	%
Inexistente	130	23
Baixa	41	7
Média	196	34
Alta	206	36
Total	573	100

## Revolução – Disposição menor no Norte

Pode-se ver, também, nas Tabelas 22 e 23, que a atitude revolucionária está presente nos jovens das diferentes regiões do país e nos diferentes tipos de cidade.



**Tabela 22. Jovens, por região geográfica, segundo o grau de atitude revolucionária em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária	Região geográfica					Total
	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	
Inexistência	19	23	16	39	22	23
Baixa	7	7	7	2	10	7
Média	46	29	40	26	39	34
Alta	29	41	36	33	30	36
Total	100	100	100	100	100	100

\*n=573

### Revolução presente em todas as cidades

**Tabela 23. Jovens, por tipo de cidade, segundo o grau de atitude revolucionária em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária	Tipo de cidade			Total
	Capital	Média	Pequena	
Inexistente	23	19	22	23
Baixa	6	9	11	7
Média	34	41	32	34
Alta	37	31	35	36
Total	100	100	100	100

\*n=573

Registre-se que não há associação da atitude revolucionária nem com a região geográfica nem com o tipo de cidade. Assim mesmo pode-se observar que o mais alto índice de alta atitude está na região Sudeste e o mais baixo está na região Norte. No tipo de cidade, observa-se que o mais alto índice de alta está nas capitais, o mais alto índice de média está nas cidades médias e o mais alto índice de baixa está nas cidades pequenas.

### Um retrato do jovem brasileiro

Neste capítulo tivemos uma síntese histórica da participação da juventude no processo político brasileiro e um panorama geral dos jovens brasileiros do final do milênio. Vimos, depois, quem são e como podem agir e orientar-se os nossos jovens entrevistados. Os jovens de nosso questionário têm mostrado, no geral, uma imagem coerente com a história da juventude brasileira. São participativos nas questões da sociedade e da vida em geral – 80% deles. Quando essa participação é conduzida para o campo político, temos uma drástica redução, pois 45% têm atitude e 34% têm comportamento de participação em relação à política. Isso confirma o que é de domínio público, tal seja o profundo desgaste das instituições políticas, dos políticos e seus partidos, mas não torna a juventude apática e indiferente. Os jovens pesquisados mostram uma atitude negativa – em 89% – perante a realidade existente. Estão inconformados com o *status quo*, portanto não aceitam as coisas como estão – 95% – sendo que para 71% deles revolução significa mudança e 90% dizem ter um bom motivo para trabalhar e lutar pela revolução, dos quais 50% indicam como motivação o “problema social” e 20% “país melhor”.

Percebemos que, quando o envolvimento político é mais “leve”, a presença dos jovens é inversamente proporcional ao tamanho das cidades, mas quando o envolvimento político é mais “pesado”, mais intenso, que contempla o enfrentamento de interesses amplos e profundos, a presença dos jovens evolui proporcionalmente ao tamanho das cidades, sendo mais forte nas capitais. Isso poderia estar relacionado ao fato de que o anonimato dos jovens das grandes cidades funcionaria como liberação para essas ações e atitudes mais “fortes”.

Nas pequenas cidades, ao contrário, o envolvimento e a ação política por caminhos tradicionais, normais e institucionais, estariam favorecidos pela identificação, pela proximidade familiar ou de vizinhança. Outra explicação poderia ser a de que os jovens das grandes cidades já não acreditam nos meios tradicionais para a solução dos problemas sociais, eis que, conforme vimos anteriormente, os mais altos índices de atitudes negativas encontram-se nas grandes cidades e, destacadamente, nas regiões Sul e Sudeste onde se localizam, coincidentemente, as maiores concentrações urbanas. Vimos depois, porém, que 77% dos jovens têm atitude revolucionária e que ela está presente nos jovens indistintamente das regiões geográficas e tipos de cidade.

O que se pode esperar da juventude diante desse quadro? Qual a consequência de sua inconformidade? Aceita, pacificamente, o desenrolar da vida em sociedade nas condições atuais? A juventude tem uma atitude revolucionária capaz de levá-la a um enfrentamento com o *status quo*? Essa atitude existe mesmo? Existe só nos jovens? Existe em todos os entrevistados e é mais intensa na juventude? Se existe, é influenciada por outras variáveis?



## Capítulo III

# Existe um potencial revolucionário na juventude?

No capítulo anterior vimos quem é nosso jovem entrevistado. Vimos sua insatisfação e sua visão negativa da realidade existente, sua inconformidade com tal realidade e sua postura progressista, com seus sonhos e sua disposição de mudar. Mas a juventude não é uma categoria do ser humano que viva em um mundo à parte, senão que integra a mesma sociedade. A juventude e os maduros pensam da mesma forma, têm a mesma visão da realidade, têm as mesmas aspirações, as mesmas atitudes?

Vamos, agora, comparar as duas categorias. Como nosso objetivo é estudar a relação entre juventude e revolução, comparando os jovens com os de mais idade, as tabelas serão elaboradas com fundamento em dois grupos: “jovens e maduros”. Como já ficou definido anteriormente, consideraremos jovens as pessoas entre 16 e 25 anos. Consideraremos maduros os que tiverem acima dessa idade.

Os percentuais adotados nesta fase levam em conta, apenas, as respostas válidas, pois houve omissão de resposta. Nos testes estatísticos, adotamos como critério uma margem de erro de 5%. Só consideraremos, na comparação numérica, como significantes as diferenças percentuais superiores a 5%. Os percentuais serão apresentados sem frações decimais.

Para analisar a comparação entre jovens e maduros, realizamos a pesquisa das seguintes variáveis:

1. atitudes em relação à sociedade;
2. ideologia;

3. crenças místicas;
4. conformidade;
5. atitude revolucionária;
6. intensidade das atitudes políticas;
7. consistência das atitudes políticas e
8. conceito de revolução.

No caso da atitude revolucionária, verificamos, também, a intensidade, a frequência e a consistência, assim como se existe a influência da região geográfica e do tipo de cidade. Ainda com relação à atitude revolucionária entre jovens e maduros, analisamos como a participação política – como atitude e como comportamento – se manifesta nos dois grupos e qual o conceito de revolução que mais se destaca.

## 1. ATITUDES EM RELAÇÃO À SOCIEDADE

### Percepção de valor principal – a riqueza

A visão dos jovens sobre nossa sociedade é mais negativa do que a dos maduros, embora ambos a tenham acentuadamente negativa. Assim, 11% dos jovens e 15% dos maduros vêem a sociedade valorizando a ética, contra 89% dos jovens e 85% dos maduros que a vêem valorizando a riqueza (Tabela 24).

**Tabela 24. Pessoas, por categoria de idade, segundo a imagem que têm da sociedade quanto à ética/riqueza, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Ética/Riqueza	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Valorização da ética	11	15	14
Valorização da riqueza	89	85	86
Total	100	100	100

### Jovens e maduros – A sociedade é desonesta

Apenas 10% dos jovens e 16% dos maduros vêem a sociedade como honesta, enquanto a grande maioria – 90% dos jovens e 84% dos maduros – a consideram desonesta (Tabela 25).

**Tabela 25. Pessoas, por categoria de idade, segundo a imagem que têm da sociedade quanto à honestidade/desonestidade, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Honestidade/ Desonestidade	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Honestidade	10	16	14
Desonestidade	90	84	86
Total	100	100	100

### Jovens e maduros – A sociedade é violenta

Há uma tendência de os jovens verem uma sociedade com menos paz e mais violência do que os maduros, conforme se pode ver na Tabela 26.

**Tabela 26. Pessoas, por categoria de idade, segundo a imagem que têm da sociedade quanto à paz/tranquilidade/violência, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Paz, tranquilidade/ violência	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Paz, tranquilidade	10	14	13
Violência	90	86	87
Total	100	100	100

No conjunto desse indicador, conforme se vê na Tabela 27, 89% dos jovens têm atitude negativa contra 86% dos maduros.

**Tabela 27. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua atitude diante da sociedade, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Índice de atitudes	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Positiva	11	14	13
Negativa	89	86	87
Total	100	100	100

Dessa forma podemos concluir que se a atitude revolucionária é a disposição de lutar para mudar a realidade e que se os jovens são mais críticos em relação a essa realidade, então os teremos com uma atitude revolucionária mais acentuada do que os maduros.

## 2. IDEOLOGIA

### **O povo pode impedir ações do governo – jovens acreditam mais**

Se a análise for orientada para o campo da vida política, percebemos que os jovens têm mais disposição de impedir ações do governo que prejudiquem o povo, pois 44% dos jovens contra 36% dos maduros discordam da assertiva de que o povo não tem como impedir medida prejudicial adotada pelo governo (Tabela 28).



**Tabela 28. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua atitude diante da afirmação “Quando o governo toma uma medida que prejudica o povo as pessoas não têm como impedir”, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Povo não tem como impedir medida prejudicial	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Concorda	56	64	62
Discorda	44	36	38
Total	100	100	100

### **Inconformidade dos jovens com a situação social**

Quando indagamos da conformidade dos dois grupos com a realidade social vigente, percebemos que 62% dos jovens contra 67% dos maduros concordam que a melhor sociedade é aquela em que cada um conhece o seu lugar (Tabela 29). A questão sugere submissão e uma atitude hierárquica típica de convicções tradicionalistas, e as respostas indicam que os jovens adotam menos esse padrão de atitudes do que os maduros.

**Tabela 29. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua atitude diante da afirmação “A melhor sociedade é aquela onde cada um conhece seu devido lugar”, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Melhor sociedade é aquela em que cada um conhece seu lugar	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Concorda	62	67	66
Discorda	38	33	34
Total	100	100	100

## Líder dos jovens é mais revolucionário

Na Tabela 30, ao informarem sobre o que consideram a mais importante qualidade de um líder político, 31% dos jovens contra 40% dos maduros afirmam ser a qualidade moral, enquanto 24% dos jovens contra 19% dos maduros consideram que é a capacidade de mudar o país, de revolucionar tudo. Os jovens fazem a opção pela qualidade revolucionária do líder político 5% mais do que os maduros, o que aponta para uma maior valorização dessa qualidade, em consequência da atitude revolucionária.

**Tabela 30. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua atitude diante da afirmação “Qual consideram ser a mais importante qualidade de um líder político”, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Qualidade de um líder	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Moral	30	40	38
Competência	29	27	27
Ideais que defende	13	10	10
Qualidades pessoais	4	4	4
Capacidade de mudar o país	24	19	21
Total	100	100	100

## Jovens são mais progressistas

A síntese do indicador de ideologia, conforme se pode ver na Tabela 31, indica que o jovem em progressista é 74%, contra 70% de maduros. Os dois grupos, portanto, com postura progressista, mas os jovens mais progressistas do que os maduros. Essa característica torna o jovem mais disponível para uma atitude revolucionária.

**Tabela 31. Pessoas, por categoria de idade, segundo a ideologia, em porcentagem. Brasil, 1998/1999**

Ideologia	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Conservador	26	30	29
Progressista	74	70	72
Total	100	100	100

### 3. CRENÇAS MÍSTICAS

#### Diabo, magia, milagre – Jovem também acredita

Ao analisarmos os assuntos de crença e fé, vemos que 52% dos jovens contra 47% dos maduros acreditam no Diabo conforme se vê na Tabela 32.

**Tabela 32. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua crença no Diabo, em porcentagem. Brasil, 1998/1999**

Crença no Diabo	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Acredita	52	47	48
Tem dúvidas	10	9	9
Não acredita	38	44	43
Total	100	100	100

Na Tabela 33, verificamos que 28% dos jovens contra 23% dos maduros acreditam em magia, enquanto 17% dos jovens contra 11% dos maduros têm dúvidas. A maior diferença, nesta questão, está nos que não acreditam em magia: 55% dos jovens contra 66% dos maduros.

**Tabela 33. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua crença em magia, em percentagem.  
Brasil, 1998/1999**

Crença em magia	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Acredita	28	23	24
Tem dúvidas	17	11	13
Não acredita	55	66	63
Total	100	100	100

A dúvida em relação à crença em milagres é 4% mais freqüente nos jovens (Tabela 34), enquanto há um equilíbrio entre os que acreditam ou os que não acreditam neles.

**Tabela 34. Pessoas, por categoria de idade, segundo sua crença em milagres, em percentagem.  
Brasil, 1998/1999**

Crença em milagres	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Acredita	72	73	73
Tem dúvidas	12	8	9
Não acredita	17	18	18
Total	100	100	100

## Jovens são mais convictos e revolucionários

Se considerarmos que a revolução traz consigo certa mística, certa magia, poderemos aqui, também, ter indicadores de que os jovens têm uma atitude revolucionária mais intensa. Para melhor analisar esse assunto vamos usar a variável *crenças místicas*. A Tabela 35 mostra haver uma associação entre crenças místicas e atitude revolucionária para toda a amostra, pois o maior percentual dos *céticos* está em *baixa atitude revolucionária*, o maior percentual dos *indecisos* está em *média atitude revolucionária* e o maior percentual dos *convictos* está em *alta atitude revolucionária*.

**Tabela 35. Pessoas, por terem ou não crenças místicas, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária	Crenças místicas			Total
	Céticos	Indecisos	Convictos	
Baixa	45	34	35	37
Média	28	35	30	32
Alta	28	31	35	31
Total	100	100	100	100

A Tabela 36 mostra que as crenças místicas não afetam a atitude revolucionária nos jovens, embora afetem os maduros. A mesma tabela mostra que os maduros céticos, com baixa atitude revolucionária, são 11% a mais do que os jovens céticos da mesma categoria. Inversamente, os jovens indecisos e convictos são 7% e 2% a mais para a média e para a alta atitudes revolucionárias, respectivamente, do que os maduros das mesmas categorias. Isso mostra, mais uma vez, que a atitude revolucionária dos jovens é mais acentuada do que a dos maduros, mesmo diante das crenças místicas de cada um.

**Tabela 36. Pessoas, por categoria de idade e por terem ou não crenças místicas, segundo o grau de atitude revolucionária, em porcentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária		Crenças místicas			Total
		Céticos	Indecisos	Convictos	
Jovem	Baixa	36	24	31	29
	Média	28	40	33	35
	Alta	36	35	36	36
	Total	100	100	100	100
Maduro	Baixa	47	38	35	40
	Média	27	33	30	31
	Alta	26	29	34	30
	Total	100	100	100	100

#### 4. CONFORMIDADE

##### Crença na luta

Ao tratarmos da vida em sociedade, tanto jovens quanto maduros mostram uma tendência a acreditar em que não vence o interesse da maioria do povo (Tabela 37).

**Tabela 37. Pessoas, por categoria de idade, segundo quem consideram controlar o poder no Brasil, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Concorda mais	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Brasil controlado por ricos e poderosos	53	55	55
Vence interesse da maioria do povo	9	5	6
Povo só tem chance se lutar	39	40	39
Total	100	100	100

### Jovens e maduros não esperam mudanças

Essa mesma tendência fica confirmada na Tabela 38, quando se observa que os jovens que optam por lutar juntos para mudar são maioria se comparados com os maduros. Novamente aqui, encontramos um diferencial em favor dos jovens no que se refere a potencial transformador.

**Tabela 38. Pessoas, por categoria de idade, segundo atitude a ser tomada diante de grandes injustiças, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitudes diante de grandes injustiças	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Esperar mudanças	3	3	3
Defender da injustiça cada um por si	12	9	10
Protestar contra injustiça cada um por si	10	8	8
Organizar para protestar contra injustiça	20	27	25
Lutar juntos para mudar	55	53	53
Total	100	100	100

## Obediência – Legitimidade questionada por jovens

Um ponto importante é a questão da obediência. A disposição de obedecer supõe acatamento à hierarquia estabelecida, à disciplina, à ordem, portanto à adesão do *status quo* e, em conseqüência, de uma atitude não-revolucionária. Na Tabela 39, podemos ver que 22% dos jovens contra 17% dos maduros dizem que as pessoas obedecem porque são obrigadas. Isso mostra uma maior desconformidade do jovem com a ordem dada. Só obedece porque é obrigado, ou seja, se não fosse obrigado não obedeceria. É bom lembrar que pode haver obediência baseada na concordância e pode haver obediência obtida pela imposição. Assim, 9% dos jovens contra 5% dos maduros dizem que é preciso obedecer para agradar aos poderosos. Aqui, supõem que a ordem é dada pelos poderosos; em conseqüência, sua obediência agrada-os. A obediência é decorrência do poder, não da legitimidade. Mais adiante, 11% dos jovens contra 14% dos maduros dizem que a obediência é o certo. Os maduros aqui, mais que os jovens, estão de acordo com isso, ou seja, os maduros mais que os jovens se dispõem a obedecer sem questionar. Sem obediência há desordem, dizem 14% dos jovens contra 21% dos maduros. Um percentual bem mais expressivo de maduros oferece-nos a compreensão de que se não houver obediência não haverá ordem. Mas para ter uma atitude revolucionária é preciso ter a disposição de alterar a ordem existente, e, portanto, os jovens têm essa disposição mais do que os maduros. As pessoas obedecem porque estão acostumadas a obedecer, dizem 20% dos jovens contra 16% dos maduros. Aqui, também, temos a indicação de que os jovens pensam, mais do que os maduros, que as pessoas obedecem por hábito, não porque a ordem seja justa. No conjunto desta tabela, pode-se compreender que os jovens questionam a obediência mais que os maduros, estando mais disponíveis para questionar a ordem, a hierarquia e a disciplina vigentes, portanto podem denotar uma atitude revolucionária mais acentuada do que os maduros.



**Tabela 39. Pessoas, por categoria de idade, segundo os motivos pelos quais obedecem, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Motivos por que as pessoas obedecem	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Não tem coragem de desobedecer	19	21	21
Sem obediência há desordem	14	21	19
São obrigadas	22	17	18
Estão acostumadas	20	15	17
Obediência é o certo	11	14	13
Querem agradar poderosos	9	5	6
Quem manda sabe mais	6	6	6
Total	100	100	100

### **Jovem, mais disposto a lutar pelos sonhos**

Entre os jovens, 61% concordam que “quando as pessoas querem muito uma coisa devem lutar de todas as maneiras para realizar o seu sonho”, contra 56% dos maduros que assim pensam, de acordo com a Tabela 40. Essa pergunta busca saber a disposição de luta dos entrevistados. As respostas mostram uma juventude mais disposta à luta do que os maduros.

**Tabela 40. Pessoas, por categoria de idade, segundo atitude que devem ter em relação à vida, em percentagem. Brasil. 1998/1999**

Concorda mais	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Viver dentro da realidade	6	7	7
Tentar realizar sonho	33	37	36
Lutar pelo que querem	61	56	58
Total	100	100	100

## Crença na conquista do sonho maior no jovem

No questionário aplicado, os entrevistados foram convidados a explicitar o seu maior sonho, a coisa que mais queriam ver realizada. Em seguida, perguntou-se-lhes se achavam possível a realização de seu sonho. Aí, 30% dos jovens disseram que sim, dependendo de seu esforço pessoal, contra 19% dos maduros da mesma opinião. Dizendo que sim, porque mesmo parecendo impossível estariam dispostos a lutar por isso, temos 39% dos jovens, contra 35% dos maduros. Dizendo que não é possível realizar seu sonho, pois isso só ocorreria se fosse a vontade de Deus, estão 17% dos maduros, contra 10% dos jovens que pensam assim. Dizendo que não é possível, porque dependeria de mudar coisas impossíveis, estão 23% dos maduros contra 15% dos jovens (Tabela 41). Esta tabela mostra uma disposição de luta dos jovens para alcançar seus objetivos mais acentuada do que nos maduros. Para fazer revolução é preciso ter disposição de luta, é preciso acreditar na possibilidade de alcançar os objetivos, é preciso ter garra, vontade, determinação, enfim, não estar conformado ou resignado com as coisas como estão. Esta tabela mostra que os jovens têm isso mais do que os maduros.

**Tabela 41. Pessoas, por categoria de idade, segundo a atitude diante da possibilidade de realização de seu maior sonho, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitudes	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Sim, se disposto a lutar	39	35	36
Sim, depende do esforço	29	19	22
Não, depende de mudar coisas impossíveis	15	23	21
Não, depende da vontade de Deus	10	17	15
Sim, é fácil e simples	7	5	6
Total	100	100	100

## Melhorar a vida dos pobres – jovens mais inquietos

Quando a pergunta é se no Brasil os pobres podem melhorar de vida, temos uma clara diferença nas respostas dos dois grupos, pois 19% dos maduros acreditam que sim com base na atitude individual de estudar, contra 13% dos jovens que assim pensam. Já 18% dos jovens contra 14% dos maduros acreditam que é possível os pobres melhorarem de vida no Brasil se houver uma revolução, o que corrobora nossa hipótese, conforme se pode ver na Tabela 42.

**Tabela 42. Pessoas, por categoria de idade, segundo a crença na possibilidade de melhoria de vida dos pobres no Brasil, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Crença na possibilidade de melhoria de vida para os pobres	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Sim, quando se esforçam	30	28	28
Sim, se for vontade de Deus	21	23	22
Sim, quando estudam	13	19	17
Sim, se houver revolução	18	14	15
Não, o pobre não sobe na vida	10	10	10
Sim, se conhecem as pessoas certas	8	6	7
Total	100	100	100

A síntese do indicador de conformidade, levando em conta os dados apresentados neste tópico, mostra que o jovem é mais revolucionário do que o maduro.

## 5. ATITUDE REVOLUCIONÁRIA

### Diminuir desigualdade social – exigência de jovens e maduros

Ao investigarmos como se comportam os diferentes grupos de idade diante da exigência de *profundas transformações sociais para diminuir as desigualdades*, temos que, entre os jovens, 92% são a favor, enquanto entre os maduros 93% são a favor (Tabela 43). Isso parece indicar que, em relação a essa questão, não temos diferença significativa.

**Tabela 43. Pessoas, por categoria de idade, segundo a atitude diante da necessidade de profunda transformação para diminuir a desigualdade social no Brasil, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
A favor	92	93	93
Contra	8	7	7
Total	100	100	100

### Revolução contra injustiça social

Ao abordarmos a questão dos meios considerados adequados para realizar essa transformação, temos que 64% dos jovens contra 73% dos maduros indicam os meios institucionais para resolver o problema.

Em contrapartida, quando o meio indicado para resolver o problema da injustiça social é a revolução, esse conta com o apoio de 36% dos jovens, contra 27% dos maduros, com uma diferença, portanto de 9% (Tabela 44). Isso parece indicar uma clara diferença em favor dos jovens para uma opção revolucionária mais intensa. Essa visão pode ser enriquecida por um estudo realizado pelo DataUnB.

por encomenda do Instituto Teotônio Vilela, do PSDB, o qual, após constatar que os vereadores constituem um grupo jovem, acrescentou:

Ao examinar o escopo da mudança necessária na política e na vida em sociedade no Brasil é possível constatar um certo descompasso entre a base do PSDB e sua cúpula, na medida em que os *vereadores* são os que mais sustentam ser necessária uma mudança revolucionária, enquanto a maioria do grupo *outros* prefere medidas de reforma.

Esta atitude pode estar na base das diferenças nas proposições de solução para o grande problema da desigualdade no Brasil. Enquanto *vereadores* indicam políticas redistributivas de impacto revolucionário, *prefeitos*, *vice-prefeitos* e *outros* respondentes mencionam uma genérica e improvável “verdadeira revolução política e social”, seguindo-se medidas incrementais de aumento de gastos sociais – também pouco prováveis no contexto da crise fiscal brasileira – e o aumento da eficácia na oferta de serviços sociais (Schmidt, 1998: 6).

**Tabela 44. Pessoas, por categoria de idade, segundo a atitude diante de soluções para os problemas sociais no Brasil, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Solução	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Meios institucionais para solucionar injustiça social	64	73	71
Injustiça social só é resolvida com revolução	36	27	29
Total	100	100	100

### Jovens a favor da revolução social

Na Tabela 45, seguinte, a questão é objetiva e coloca o entrevistado perante a opção atitudinal de estar contra ou a favor da revolução para realizar a transformação social. Nesse caso, 76% dos jovens contra 65% dos maduros ficam a favor. Isso é coerente com a

questão anterior e parece indicar o fortalecimento da hipótese colocada.

**Tabela 45. Pessoas, por categoria de idade, segundo a atitude diante da revolução como meio de transformação social, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
A favor	76	65	68
Contra	24	35	32
Total	100	100	100

### Participação jovem na revolução social

Na questão subsequente, busca-se dar consistência ou não a essa atitude para saber se, ao manifestar-se a favor da revolução, o entrevistado dela participaria ou não. Ai, 57% dos jovens participariam contra 47% dos maduros. Consta-se coerência entre os percentuais, indicando que 10% dos jovens a mais do que os integrantes do outro grupo de idade não só estariam a favor da revolução como estariam dispostos a dela participar (Tabela 46).

**Tabela 46. Pessoas, por categoria de idade, segundo participação de revolução para realizar a transformação social, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Participação	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Participaria	57	47	50
Não participaria	43	53	50
Total	100	100	100

## Revolução de jovem também para tomar o poder

Se a investigação nos leva a saber como se situariam os grupos de idade quando se trata de acreditar que se pode realizar a revolução por mobilização popular para “tomar o poder”, a Tabela 47 responde-nos que os jovens que acreditam são 52% contra 46% dos maduros. Isso parece reforçar a idéia de que, mesmo por diferentes meios, os jovens têm uma atitude mais favorável à opção por revolução.

**Tabela 47. Pessoas, por categoria de idade, segundo atitude diante da revolução por mobilização popular para tomar o poder, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
A favor	52	46	48
Contra	48	54	52
Total	100	100	100

## Metade dos jovens lutaria para tomar o poder

Ainda em relação aos mesmos meios, 49% dos jovens contra 41% dos maduros participariam (Tabela 48).

**Tabela 48. Pessoas, por categoria de idade, segundo participação de revolução por mobilização popular para tomar o poder, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Participação	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Participariam	49	41	43
Não participariam	51	59	57
Total	100	100	100

### Luta armada – mais jovens a favor

Quando se trata de luta armada como meio para realizar a revolução, 24% dos jovens contra 19% dos maduros estariam a favor (Tabela 49).

**Tabela 49. Pessoas, por categoria de idade, segundo atitude diante da luta armada como meio para realizar a revolução, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
A favor	24	19	20
Contra	76	81	80
Total	100	100	100

### Luta armada – maior participação jovem

Ainda aqui a opção dos jovens por revolução comparada ao outro grupo de idade é significativa, embora se tenha de considerar que 18% dos jovens contra 14% dos maduros estariam dispostos a participar da luta armada (Tabela 50). Uma diferença percentual, portanto, inferior à que consideramos significativa, mas ainda assim mantém-se a tendência.

**Tabela 50. Pessoas, por categoria de idade, segundo participação em luta armada como meio para realizar a revolução, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Participação	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Participariam	49	41	43
Não participariam	51	59	57
Total	100	100	100



## Revolução com participação de jovens e maduros

Ao buscarmos saber a disposição de trabalhar e lutar por uma revolução (Tabela 51) em função de uma boa causa, verificamos que 74% dos jovens concordam e 60% dos maduros também. Portanto, em torno de 14% de jovens a mais estão dispostos a trabalhar e a lutar por revolução.

**Tabela 51. Pessoas, por categoria de idade, segundo se estariam dispostas, por uma boa causa, a trabalhar e a lutar por uma revolução, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Disposição para trabalhar e lutar por uma revolução	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Sim	74	60	64
Não	26	40	36
Total	100	100	100

## Rejeição à violência por parte de jovens e maduros

A violência revolucionária por meio da ação armada está contemplada na Tabela 52. A rejeição aos meios violentos, com uso de ação armada, para realizar a revolução, parece estar configurada no alto percentual de ambos os grupos na opção de que não a admitem em “nenhuma” circunstância. Ainda assim, porém, há uma diferença significativa entre os dois grupos, já que entre os jovens 62% rejeitam essa hipótese contra 70% dos maduros. A compreensão de violência como de uso comum pode estar sugerida no percentual de 9% dos jovens contra 3% dos maduros que a admitem para “defesa pessoal”. A ação das “gangues” e os estudos recentes que mostram a maior incidência de mortes por meios violentos entre os jovens poderiam estar mascarando as respostas a esta questão.

**Tabela 52. Pessoas, por categoria de idade, segundo as circunstâncias em que admitiriam o uso da ação armada revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Circunstâncias de uso da violência	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Nenhuma	62	70	68
Defesa pessoal	9	3	5
Último caso	8	7	8
Pela melhora do país	3	3	3
Defesa de direitos	3	3	3
Contra criminosos	2	2	2
Guerra	2	2	2
Defesa do país	1	2	2
Outros	9	8	8
Total	100	100	100

### **Problema social – motivo de revolução para jovens e adultos**

Ao nos dedicarmos à questão de que bom motivo levaria a trabalhar e a lutar pela revolução, Tabela 53, 50% dos jovens responderam que esse motivo seria o “problema social”, tendo 43% dos maduros com essa opção.

**Tabela 53. Pessoas, por categoria de idade, segundo motivo considerado bom para trabalhar e lutar por uma revolução, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Motivo considerado bom para trabalhar e lutar por uma revolução	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Problema social	50	43	45
País melhor	20	16	17
Nenhum	10	18	15
Segurança pessoal	3	4	4
Corrupção	3	2	3
Melhorar o mundo	1	2	1
Defender o país	1	2	2
Derrubar governo	1	1	1
Outros	13	13	13
Total	100	100	100

O primeiro ponto a destacar é o alto índice dessa opção, o que confirma a atitude revolucionária. Isso fica ainda mais evidente se considerarmos que a maioria absoluta indicou pelo menos um motivo. Na alternativa de que “nenhum” motivo os levaria à opção de lutar e trabalhar pela revolução, há uma diferença de oito pontos percentuais entre os dois grupos. Enquanto 10% dos jovens adotam essa opção, os maduros a adotam em 18%. Isso parece indicar que os jovens estão mais dispostos a trabalhar e a lutar pela revolução do que os maduros.

### **Atitude revolucionária intensa entre jovens e maduros**

O conceito de revolução tem variado seu significado em função de seu conteúdo, seu objetivo e seu instrumento para realizá-la. De

toda sorte, revolução implica a ação transformadora do ser humano sobre seu modo de vida. Implica, portanto, ter uma atitude que lhe dê o ânimo, que lhe dê a vontade de transformar, que lhe dê a disposição de mudar em busca do novo, que lhe dê a determinação de fazer enfrentamento de interesses e assumir o conflito que o confronto entre o projeto estabelecido e o projeto revolucionário vai gerar. O ser humano tem essa atitude?

Parece que a história confirma isso, mas não temos condições de responder a essa pergunta, com essa amplitude, neste estudo. Podemos, sim, respondê-la em relação aos nossos entrevistados.

Medimos a atitude revolucionária e o resultado é o da Tabela 54. Como se vê, essa atitude existe em 72% dos entrevistados, sendo que ela inexistente em 28% deles. Ao consultarmos a tabela, percebemos que à constatação de sua existência, segue uma classificação entre baixa, média e alta. Ai, percebemos que ela não só existe, como é intensa, eis que temos 63% dos entrevistados com média ou alta atitude revolucionária.

**Tabela 54. Pessoas, por categoria de idade, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Inexistente	23	29	28
Baixa	7	10	9
Média	34	31	32
Alta	36	30	31
Total	100	100	100

Qui-quadrado=17,4; P=0,001

## Atitude revolucionária mais forte nos jovens

Seguindo a análise da mesma tabela, podemos afirmar que a atitude revolucionária existe e é mais acentuada nos jovens do que nos maduros. Podemos ver que quando essa atitude inexistente ou é baixa, o maior percentual é de maduros, com 29% a 23% e 10% a 7%, respectivamente. Quando essa atitude é média ou alta, o maior percentual é de jovens com 34% a 31% e 36% a 30%, respectivamente. Portanto, 77% dos jovens contra 71% dos maduros têm atitude revolucionária, sendo que ela não só é mais freqüente como é mais intensa nos jovens.

A tabela mostra, inequivocamente, que essa atitude existe e que é mais forte, mais acentuada, entre os jovens do que nos maduros.

## Atitude revolucionária independe da região e do tipo de cidade

Poderia haver, no entanto, a influência de outras variáveis que não a idade a determinar esse resultado? Por exemplo, regiões geográficas ou tipos de cidade? Há essa influência?

Para medirmos isso, separamos os dados coletados por região e tipo de cidade.

A Tabela 55 apresenta o cruzamento das variáveis região geográfica e atitude revolucionária, e o teste mostrou haver associação entre ambas.

**Tabela 55. Pessoas, por região geográfica, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária	Região geográfica					Total
	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	
Inexistente	30	29	21	37	22	28
Baixa	10	10	10	6	9	9
Média	35	28	32	24	44	32
Alta	26	32	38	33	25	31
Total	100	100	100	100	100	100

Qui-quadrado=53,1; P=0,000

Procuramos saber, então, a que se deveria tal associação e elaboramos a Tabela 56, separando os dois grupos, jovens e maduros, por região. O teste realizado indicou associação só no grupo dos maduros. Ora, se quando todo o grupo está junto existe associação entre região e atitude e se quando os dois grupos estão separados tal associação só aparece nos maduros, então a atitude revolucionária nos maduros é influenciada pela região, o que não ocorre com os jovens. Quer dizer, nos jovens a atitude revolucionária é estritamente resultante da sua condição de juventude.

**Tabela 56. Pessoas, por categoria de idade e região geográfica, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária		Região geográfica					Total
		Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	
Jovem	Inexistente	19	23	16	39	22	23
	Baixa	7	7	7	2	10	7
	Média	46	29	40	26	39	34
	Alta	29	41	36	33	30	36
	Total	100	100	100	100	100	100
Maduro	Inexistente	35	32	22	35	21	29
	Baixa	11	11	11	8	9	10
	Média	28	27	30	25	48	31
	Alta	25	30	37	33	23	29
	Total	100	100	100	100	100	100

Jovens: Qui-quadrado=22,5; P=0,066. Maduros: Qui-quadrado=49,0; P=0,000

Cruzando a variável tipo de cidade com a variável atitude revolucionária (Tabela 57), temos que não há associação entre ambas, ou seja, a atitude revolucionária não é influenciada pelo tipo de cidade.

resultado que se confirma quando o cruzamento é realizado separando os dois grupos estudados. O cruzamento das variáveis mostra, porém, que os jovens se mantêm com uma atitude revolucionária mais acentuada também nos diferentes tipos de cidade. Os índices de atitude revolucionária evoluem proporcionalmente ao tamanho das cidades, o que mostra uma tendência já observada de que a exigência de exposição do jovem a seus "próximos" sociais, na prática de atos mais intensos que contrariem interesses estabelecidos, deve funcionar como uma espécie de freio a suas atitudes, jamais, porém, como eliminação delas.

**Tabela 57. Pessoas, por tipo de cidade, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária	Tipo de cidade			Total
	Capital	Média	Pequena	
Inexistente	28	26	25	28
Baixa	10	9	8	9
Média	31	38	31	32
Alta	31	25	38	31
Total	100	100	100	100

Qui-quadrado=8,9. P=0,175

O que se pode ver até aqui é que a atitude revolucionária existe e evolui de forma coerente e consistente nas diferentes hipóteses testadas e, mesmo que com pequenas variações percentuais, da forma menos intensa para a forma mais intensa. Dessa maneira podemos observar não só a existência da atitude revolucionária nos jovens pesquisados, mas sua evolução crescente.

## 6. INTENSIDADE DAS ATITUDES POLÍTICAS

### Jovens têm atitudes políticas mais intensas

A variável derivada intensidade das atitudes políticas (Tabela 58) mostrou-se consistente.

**Tabela 58. Pessoas, segundo o grau de intensidade das atitudes políticas, em número absoluto e em percentagem. Brasil, 1998/1999**

<b>Grau de atitude revolucionária</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Reativo	553	32
Moderado	528	30
Passivo	398	23
Pró-ativo	247	14
Radical	20	1
Total	1746	100

Eis que, ao cruzarmos atitude revolucionária com intensidade das atitudes políticas (Tabela 59), observamos que os mais altos percentuais das categorias “passivo” e “reativo” estão concentrados na “baixa atitude revolucionária”. O mais alto percentual da categoria “moderado” está situado na “média atitude revolucionária” e os mais altos percentuais das categorias “pró-ativo” e “radical” estão localizados na “alta atitude revolucionária”.



**Tabela 59. Pessoas, por grau de intensidade das atitudes políticas, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária	Região geográfica					Total
	Passivo	Reativo	Moderado	Pró-ativo	Radical	
Baixa	65	40	26	13		37
Média	24	34	38	31	20	32
Alta	12	27	36	56	80	31
Total	100	100	100	100	100	100

Distribuímos, depois, os respondentes nas cinco categorias, segundo o grupo de idade e criamos, assim, a Tabela 60. Essa tabela mostra que as atitudes dos jovens são mais intensas do que as dos maduros, já que podemos observar um percentual menor dos jovens e maior dos maduros nas atividades<sup>1</sup> menos intensas e um percentual maior dos jovens e menor dos maduros nas atividades consideradas mais intensas.

<sup>1</sup> As atividades aqui referidas são as constantes dos quesitos 64 a 77 do questionário (Anexo A).

**Tabela 60. Pessoas, por categoria de idade, segundo o grau de intensidade das atitudes políticas, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de intensidade das atitudes políticas	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Reativo	28	33	32
Moderado	33	29	30
Passivo	22	23	23
Pró-ativo	15	14	14
Radical	2	1	1
Total	100	100	100

## 7. CONSISTÊNCIA DAS ATITUDES POLÍTICAS

### Jovens são tão consistentes quanto maduros em participação política

Para medir a consistência usamos a variável participação política, quesitos 64 a 77 do questionário. Primeiro medimos a consistência procurando saber se quem indicava estar a favor de certa atividade também participaria, ou seja, coerência entre atitude e comportamento. Na Tabela 61 verificamos que 96% dos que estão a favor de uma determinada atividade (atitude) também dela participariam (comportamento). Por outro lado, 85% dos que estão contra determinada atividade (atitude) dela não participariam (comportamento). Isso confirma a consistência entre atitude e comportamento no conjunto dos respondentes.

**Tabela 61. Pessoas segundo atitude diante da participação política, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Participação política – atitude	Participação política – comportamento		Total
	Participaria	Não participaria	
A favor	95	15	40
Contra	5	85	60
Total	100	100	100

Decidimos, depois, testar a mesma consistência entre os dois grupos (Tabela 62), pois parece haver tendência atual em considerar que os jovens são menos consistentes em suas opiniões e posições do que os adultos. Ai, ao cruzarmos participação política – atitude – com participação política – comportamento – segundo os grupos de idade, constatamos que os dois grupos são igualmente consistentes, já que os percentuais, praticamente, se repetem.

**Tabela 62. Pessoas segundo categoria de idade e atitude diante da participação política, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Participação política – atitude		Participação política – comportamento		Total
		Participaria	Não participaria	
Jovem	A favor	97	15	42
	Contra	3	85	58
	Total	100	100	100
Maduro	A favor	95	14	39
	Contra	5	86	61
	Total	100	100	100

## 8. CONCEITO DE REVOLUÇÃO

### Revolução é mudança para jovens e maduros

Parece haver distintas concepções do que seja revolução entre os dois grupos, se levarmos em conta o que nos indica a Tabela 63.

**Tabela 63. Pessoas, por categoria de idade, segundo concepção de revolução, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

O que é revolução	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Mudança	34	29	30
Lutar por	22	19	20
Baderna	6	9	8
Guerra	5	10	8
Lutar contra o governo	4	7	6
Revolta	3	5	4
Lutar contra	4	3	3
Violência	2	2	2
Lutar pelo poder	2	2	2
Outros	12	12	12
Total	100	100	100

Encontramos aí uma diferença de cinco pontos percentuais nos itens “Mudança” e “Guerra”. Enquanto o grupo jovem identifica revolução com mudança em 34% dos casos, o grupo maduro identifica-a assim em 29% de seus membros. Já 5% dos jovens e 10% dos maduros vêem revolução como guerra. A tendência a essa visão pode ser

reforçada, embora abaixo do percentual estabelecido como significativo, se observarmos que 6% dos jovens contra 9% dos maduros a vêem como “Baderna”.

### Revolução não é violência

Criamos os indicadores para medir atitude revolucionária. Cruzamos, depois, essa variável com conceito de revolução, organizado em síntese de três categorias a partir da Tabela 63, o que resultou na Tabela 64. Nela, constata-se uma associação entre as duas variáveis, já que quanto mais intenso o conceito de revolução (violência ou agressão), maior o percentual de inexistência de atitude revolucionária e quanto menos intenso o conceito de revolução (mudança), mais alta a atitude revolucionária (quando o conceito de revolução é violência ou agressão, 39% têm inexistência de atitude revolucionária e 17% têm alta; quando o conceito é mudança, 22% têm inexistência de atitude revolucionária e 38% têm alta).

**Tabela 64. Pessoas, por conceito de revolução, segundo grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Atitude revolucionária	Mudança	Tomada violenta do poder	Violência ou agressão	Total
Inexistente	22	25	39	25
Baixa	7	9	11	8
Média	33	33	34	33
Alta	38	33	17	34
Existente	78	75	61	75
Total	100	100	100	100

Qui-quadrado=39,9; P=0,000

### Atitude revolucionária mais forte nos jovens

A Tabela 65 mostra que, embora a associação estatística só ocorra entre idade e atitude revolucionária, quando o conceito de revolução é mudança, verifica-se que a concentração de jovens com alta atitude revolucionária em relação aos maduros é sempre maior, qualquer que seja o conceito de revolução. Portanto, mesmo adotando diferentes conceitos de revolução, a atitude revolucionária dos jovens é mais acentuada do que a dos maduros.

**Tabela 65. Pessoas, por categoria de idade, segundo concepção de revolução e grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Conceito de revolução	Atitude revolucionária	Idade		Total
		Jovem	Maduro	
Mudança  Qui-quadrado=18,6 P=0,066	Inexistente	16	25	22
	Baixa	4	8	7
	Média	35	32	33
	Alta	45	35	38
	Total	100	100	100
Tomada violenta do poder  Qui-quadrado=2,9 P=0,412	Inexistente	24	25	25
	Baixa	13	8	9
	Média	28	34	33
	Alta	35	33	33
	Total	100	100	100
Violência ou agressão  Qui-quadrado=1,5 P=0,690	Inexistente	43	40	40
	Baixa	5	10	9
	Média	30	34	33
	Alta	22	16	18
	Total	100	100	100

Neste capítulo vimos que a atitude revolucionária existe e que ela é mais forte nos jovens do que nos adultos. Vimos que ela é, nos jovens, mais freqüente, mais intensa e mais consistente e que essa relação se mantém qualquer que seja o conceito de revolução dos entrevistados. Anotamos que ela não está condicionada pelas regiões ou tipos de cidade.





## Capítulo IV

# Revolução, juventude, religião e *status* socioeconômico

Verificaremos neste capítulo se o *status* socioeconômico e a religião têm associação com atitude revolucionária. Já vimos, no capítulo anterior, que a atitude revolucionária existe e que está associada à condição de juventude. Vimos, também, que os diferentes tipos de cidade e as diferentes regiões geográficas do país não afetam a manifestação da atitude revolucionária.

Começamos nossa análise pelo estudo da relação entre religião e atitude revolucionária. Usamos aqui os dois indicadores que consideramos mais próximos à formação da atitude revolucionária: conformidade e ideologia.

### 1. RELIGIÃO E CONFORMIDADE

#### **Moderados são maioria entre católicos e não-católicos**

A Tabela 66 mostra que não há associação entre religião e conformidade. Mesmo assim observamos que os moderados católicos (76%) são levemente superiores (2%) aos moderados não-católicos (74%) e que os revolucionários não-católicos (21%) são levemente superiores (1%) aos revolucionários católicos.

**Tabela 66. Pessoas, católicas ou não-católicas, segundo o grau de conformidade político-social, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de conformidade	Religião		Total
	Católico	Não-católico	
Conformista	4	5	5
Moderado	76	74	75
Revolucionário	20	21	20
Total	100	100	100

### Jovens católicos e não-católicos são mais revolucionários

Quando comparados entre os dois grupos de idade, jovens e maduros, Tabela 67, igualmente não existe associação, mas é possível ver que se mantém uma leve tendência de os não-católicos serem mais revolucionários do que os católicos. Isso vale para os dois grupos, mas é mais acentuado no de jovens, no qual a diferença é de 2%.

**Tabela 67. Pessoas, por categoria de idade, católicas ou não-católicas, segundo o grau de conformidade político-social, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Idade	Grau de conformidade	Religião		Total
		Católico	Não-católico	
Jovem	Conformista	5	5	5
	Moderado	74	71	73
	Revolucionário	22	24	22
	Total	100	100	100
Maduro	Conformista	4	5	4
	Moderado	76	74	76
	Revolucionário	20	21	20
	Total	100	100	100

O que se deve observar com maior vigor, porém, é que em ambas as colunas o percentual de jovens revolucionários é superior ao percentual de maduros da mesma categoria. Entre os católicos, os jovens revolucionários são 22% contra 20% dos maduros, enquanto entre os não-católicos, os jovens revolucionários são 24% contra 21% dos maduros. Os jovens são, portanto, mais revolucionários do que os maduros no conjunto e em cada uma das categorias analisadas.

## 2. RELIGIÃO E IDEOLOGIA

### Jovens católicos e não-católicos são mais progressistas

Na Tabela 68 apresentamos a relação entre religião e ideologia. O teste mostra que não há associação entre essas duas variáveis. Há uma tendência, já detectada, de que os não-católicos sejam mais progressistas (73%) do que os católicos (70%).

**Tabela 68. Pessoas, católicas ou não-católicas, segundo a ideologia, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Ideologia	Religião		Total
	Católico	Não-católico	
Conservador	30	27	29
Progressista	70	73	71
Total	100	100	100

### Poucos conservadores entre católicos e não-católicos, jovens ou maduros

Na comparação dos dois grupos de idade (Tabela 69), vemos que os jovens progressistas não-católicos (77%) são mais do que os jovens progressistas católicos (73%), e que os maduros progressistas

não-católicos (72%) são mais do que os maduros progressistas católicos (70%). Mas, de novo aqui, os jovens progressistas católicos (73%) são mais do que os maduros progressistas católicos (70%) e os jovens progressistas não-católicos (77%) são mais do que os maduros progressistas não-católicos (72%). Novamente, pois, em qualquer das categorias estudadas, os jovens são mais progressistas do que os maduros.

**Tabela 69. Pessoas, católicas ou não-católicas, segundo categoria de idade e tipo de ideologia, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Idade	Religião			Total
	Ideologia	Católico	Não-católico	
Jovem	Conservador	27	23	26
	Progressista	73	77	74
	Total	100	100	100
Maduro	Conservador	30	28	30
	Progressista	70	72	70
	Total	100	100	100

### **Não existe relação entre religião e atitude revolucionária**

Analisamos, então, a relação entre religião e atitude revolucionária propriamente dita. A Tabela 70 mostra essa relação, e o teste indica que não há associação entre essas duas variáveis. De toda sorte, não se confirma aqui a tendência de os não-católicos (71% com atitude revolucionária) terem atitude revolucionária mais acentuada do que os católicos (73% com atitude revolucionária) se levássemos em conta que os não-católicos eram levemente mais progressistas e revolucionários, conforme vimos antes em ideologia e conformidade. O conjunto dos fatores exigidos para ter uma atitude revolucionária, ou seja, a diferença entre a verbalização e a efetiva opção por revolução, pode influenciar essa diferença.

**Tabela 70. Pessoas, católicas ou não-católicas, segundo grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária	Religião		Total
	Católico	Não-católico	
Inexistente	27	29	27
Baixa	10	9	9
Média	32	33	32
Alta	32	29	31
Total	100	100	100

Qui-quadrado=1.9; P=0.586

Como não há associação entre atitude revolucionária e religião, verificamos também se na atitude revolucionária, como em conformidade e ideologia, os jovens são percentualmente mais do que os maduros (Tabela 71).

**Tabela 71. Pessoas, católicas ou não-católicas, segundo categoria de idade e grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Idade	Grau de atitude revolucionária	Religião		Total
		Católico	Não-católico	
Jovem	Inexistente	24	21	23
	Baixa	8	7	7
	Média	33	36	34
	Alta	36	36	36
	Total	100	100	100
Maduro	Inexistente	28	32	29
	Baixa	10	10	10
	Média	31	32	31
	Alta	31	26	29
	Total	100	100	100

Assim, nos não-católicos jovens a atitude revolucionária existe em 79%, nos maduros não-católicos existe em 68% e nos jovens católicos existe em 74%, enquanto existe em 72% dos maduros. Portanto, conforme vimos, a religião não está associada à atitude revolucionária, e a análise mostra que a atitude revolucionária no jovem é mais acentuada que no maduro em decorrência de sua condição de jovem.

### 3. STATUS SOCIOECONÔMICO E CONFORMIDADE

#### Há uma maioria de moderados

A Tabela 72 mostra a relação entre *status* socioeconômico e conformidade. O teste formulado para medir essa relação indica que não há associação entre essas duas variáveis. Mesmo assim é possível observar que moderado e revolucionário são a esmagadora maioria.

**Tabela 72. Pessoas, por *status* socioeconômico, segundo grau de conformidade político-social, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de conformidade	<i>Status</i> socioeconômico				Total
	Baixo	Médio baixo	Médio alto	Alto	
Conformista	5	4	3	2	4
Moderado	79	74	72	74	75
Revolucionário	16	22	25	24	21
Total	100	100	100	100	100

#### Alto *status* socioeconômico – Alto inconformismo

Destaque-se a redução do conformista com o aumento do *status* socioeconômico. Registre-se, de igual forma, o fato de o revolucionário crescer com a elevação do *status* socioeconômico. “Dito de outra maneira, quanto mais alto o *status* socioeconômico, mais baixo o conformismo, e quanto mais alto o *status* socioeconômico, mais revolucionário”. Esse fato pode indicar que a elevação do *status* melhora o acesso à informação e fornece recursos de participação que elevam o nível de consciência, de conhecimento e compreensão da realidade que, por isso mesmo, passam a não estar conformes com ela. O que veremos mais adiante é se essa relação entre *status*

e inconformidade mantém-se na hora de adotar a opção de revolução para mudar a realidade com a qual não está conforme.

### Qualquer que seja o *status*, jovens são mais revolucionários que maduros

Ao separarmos jovens e maduros para estudarmos a relação entre *status* socioeconômico e conformidade (Tabela 73), o teste mostrou que não existe associação. Observamos, no entanto, que os jovens revolucionários evoluem de forma harmônica e crescente de baixo para alto *status* socioeconômico, o que não ocorre com os maduros. A nota continua sendo que, no conjunto, nas diferentes categorias de *status*, os jovens são mais revolucionários do que os maduros.

**Tabela 73. Pessoas, por *status* socioeconômico, segundo a categoria de idade e o grau de conformidade político-social, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Idade	Grau de conformidade	<i>Status</i> socioeconômico				Total
		Baixo	Médio baixo	Médio alto	Alto	
Jovem	Conformista	10	5	2	0	6
	Moderado	72	71	73	67	71
	Revolucionário	18	25	26	33	23
	Total	100	100	100	100	100
Maduro	Conformista	2	4	3	2	3
	Moderado	82	75	71	75	76
	Revolucionário	16	21	26	23	21
	Total	100	100	100	100	100



Um ponto que merece destaque é o de que os jovens revolucionários com alto *status* (33%) são 10% a mais do que os maduros da mesma categoria (23%). Isso poderia indicar que os jovens, por serem jovens, não sofreriam a mesma influência dos maduros, quando estes tendem a se acomodar mais diante da situação política e social do país. Assim, reforça-se a idéia de que os jovens têm posições políticas e ideológicas independentes do *status* socioeconômico de suas famílias.

#### 4. STATUS SOCIOECONÔMICO E IDEOLOGIA

##### Progressistas são maioria com qualquer *status* socioeconômico

A Tabela 74 mostra essa relação e o teste para ela realizado indica que não há associação. Registre-se que os progressistas (74%) são, percentualmente, muito mais numerosos do que os conservadores (26%).

**Tabela 74. Pessoas, por *status* socioeconômico, segundo a ideologia, em percentagem. Brasil 1998/1999**

Ideologia	<i>Status</i> socioeconômico				Total
	Baixo	Médio baixo	Médio alto	Alto	
Conservador	27	30	24	16	27
Progressista	73	70	76	84	74
Total	100	100	100	100	100

##### Existem mais maduros progressistas com alto *status* do que jovens

Visto que não há associação, no geral, dividimos os entrevistados nos dois grupos de idade. Aí, comparamos jovens e maduros (Tabela

75), cujo teste indicou não haver associação para o grupo jovem, mas sim para o grupo de maduros. Os maduros progressistas de alto *status* (87%) são significativamente mais do que os jovens de igual categoria (71%) e do que os conservadores de sua própria categoria (13%).

**Tabela 75. Pessoas, por *status* socioeconômico, segundo a categoria de idade e ideologia, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Idade	Ideologia	<i>Status</i> socioeconômico				Total
		Baixo	Médio baixo	Médio alto	Alto	
Jovem	Conservador	19	32	22	29	26
	Progressista	81	68	78	71	75
	Total	100	100	100	100	100
Maduro	Conservador	30	30	25	13	27
	Progressista	70	70	75	87	73
	Total	100	100	100	100	100

## 5. STATUS SOCIOECONÔMICO E ATITUDE REVOLUCIONÁRIA

### *Status* socioeconômico não influencia a atitude revolucionária

Veremos agora qual a relação existente entre *status* socioeconômico e atitude revolucionária (Tabela 76). O teste realizado para saber se há associação entre essas duas variáveis deu resultado negativo. Em razão do que já sabíamos pelos testes realizados anteriormente, aqui também fica constatada a existência da atitude revolucionária e, pela tabela em análise, essa atitude pode ser vista nas quatro categorias de *status*, 75% no baixo, 73% no médio baixo.

73% no médio alto e 69% no alto, mantendo-se crescente, em evolução de baixa para alta, o que “indica que o status socioeconômico não influencia a atitude revolucionária”.

**Tabela 76. Pessoas, por *status* socioeconômico, segundo grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária	<i>Status</i> socioeconômico				Total
	Baixo	Médio baixo	Médio alto	Alto	
Inexistente	25	27	27	31	27
Baixa	9	9	9	9	9
Média	33	32	30	31	32
Alta	33	33	34	29	33
Total	100	100	100	100	100

Qui-quadrado=2,8. P=0,970

### **Atitude revolucionária – maior nos jovens independentemente do *status* socioeconômico**

Analisando essas mesmas duas variáveis, comparando os dois grupos estudados – Tabela 77 – temos a distribuição para a qual o teste também mostrou não haver associação. O que se pode ver é que a existência de atitude revolucionária, em geral, nos jovens é mais acentuada do que nos maduros e mais intensa se a considerarmos no conjunto das duas categorias superiores (média e alta). Como se pode ver, os jovens de baixo *status*, nas duas categorias, são 70% e os maduros 64%; os jovens de médio baixo aí são 69% e os maduros 63%; os jovens de médio alto são 69% e os maduros 62%; os jovens de alto 70% e os maduros 58%. Qualquer que seja o *status* abordado, a intensidade da atitude é maior nos jovens.

**Tabela 77. Pessoas, por *status* socioeconômico, segundo grau de atitude revolucionária e categoria de idade, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Idade	Atitude revolucionária	<i>Status</i> socioeconômico				Total
		Baixo	Médio baixo	Médio alto	Alto	
Jovem	Inexistente	22	25	24	30	24
	Baixa	8	7	7		3
	Média	36	33	33	30	34
	Alta	34	36	36	40	36
	Total	100	100	100	100	100
Maduro	Inexistente	26	28	28	32	28
	Baixa	10	9	9	11	10
	Média	32	31	28	31	31
	Alta	32	32	34	27	32
	Total	100	100	100	100	100

Neste capítulo mostramos que o *status* socioeconômico ou a religião não afetam a relação entre idade e atitude revolucionária. Vimos que nas duas variáveis os testes de associação foram negativos. Não encontramos suporte em conformidade ou ideologia que pudessem apoiar essa influência das variáveis em exame. Constatado que as variáveis *status* socioeconômico e religião não condicionam a atitude revolucionária no geral, testamos essas mesmas hipóteses segundo os grupos de idade. Os novos testes não alteraram as constatações já feitas, e a atitude revolucionária manteve-se associada à idade, porém, independentemente do *status* socioeconômico e da religião, mesmo quando analisada comparativamente entre os dois grupos de idade. Assim, podemos afirmar que religião e *status* socioeconômico não condicionam a atitude revolucionária e que, em consequência, sua relação com juventude continua inalterada.

## Capítulo V

# Seriam os estudantes os revolucionários?

Vimos, nos capítulos anteriores, que a atitude revolucionária existe e que está associada à idade. Analisamos, depois, sua possível relação com regiões geográficas, tipos de cidade, religião dos indivíduos e *status* socioeconômico, concluindo que essas variáveis não afetam a associação observada.

Ao levantarmos os dados, tivemos a preocupação de incluir no questionário um quesito para saber sobre a condição de estudante de cada um de nossos entrevistados. Resulta daí a Tabela 78, a qual nos informa que, dos jovens, 56% são estudantes e, dos maduros, 7% têm esse *status*.

**Tabela 78. Pessoas, por categoria de idade, segundo a condição de estudante ou não-estudante, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Estudante	Idade		Total
	Jovem	Maduro	
Sim	56	7	21
Não	44	93	79
Total	100	100	100

## Estudantes e não-estudantes são mais revolucionários quando jovens

Percebemos que a literatura dedica especial atenção ao tratar da inserção dos jovens no processo político em sua dupla condição de jovens e estudantes. Isso motivou-nos a ver essa relação com mais profundidade. Seria a condição de estudante capaz de definir esse diferencial na atitude revolucionária?

Para esclarecermos essa questão, examinamos o problema no conjunto dos dois grupos, ou seja, do total dos entrevistados. A Tabela 79, cujo teste indica uma associação bem definida entre as variáveis de atitude revolucionária e a condição de estudante, mostra que estes têm atitude revolucionária mais acentuada do que os não-estudantes.

**Tabela 79. Pessoas, estudantes ou não-estudantes, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária	Estudante		Total
	Sim	Não	
Inexistente	22	29	28
Baixa	6	10	9
Média	35	31	32
Alta	38	29	31
Total	100	100	100

Qui-quadrado=21,3; P=0,000

Enquanto em 29% dos não-estudantes inexistente atitude revolucionária, apenas 22% dos estudantes estão aí classificados. Na média atitude, a situação se inverte, com 35% para estudantes e 31% para não-estudantes. Culmina com 38% de alta atitude revolucionária para estudantes e apenas 29% para não-estudantes.

Poderia parecer que a atitude revolucionária é definida pela condição de estudante. Mas vendo as Tabelas 80 e 81 saberemos que não há associação entre a condição de estudante e a atitude revolucionária só entre os jovens, e que essa situação se repete quando o mesmo cruzamento é feito só entre maduros.

**Tabela 80. Jovens, estudantes ou não-estudantes, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária	Estudante		Total
	Sim	Não	
Inexistente	20	29	23
Baixa	6	8	7
Média	35	34	35
Alta	39	31	35
Total	100	100	100

Qui-quadrado=6,2; P=0,104

\*n=555

**Tabela 81. Maduros, estudantes ou não estudantes, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude	Estudante		Total
	Sim	Não	
Inexistente	29	29	29
Baixa	5	10	10
Média	32	31	31
Alta	35	29	30
Total	100	100	100

Qui-quadrado=3,8; P=0,284

\*n=1330

Ao compararmos as duas tabelas, observamos que o percentual de jovens estudantes sem atitude revolucionária é de 20%, e o percentual de maduros estudantes sem atitude revolucionária é de 29%, ou seja, 80% dos jovens estudantes têm atitude revolucionária, contra 71% de maduros estudantes. Portanto, na mesma condição de estudantes, comparados com os maduros, 9% a mais dos jovens têm atitude revolucionária, o que demonstra que a condição de jovem suplanta a de estudante em relação à atitude revolucionária. Por outro lado, o percentual de jovens com alta atitude revolucionária (39%) é superior ao percentual de maduros da mesma categoria (35%). Os jovens têm uma atitude revolucionária mais acentuada do que os maduros quando comparados nas mesmas condições.

Comparando internamente cada grupo (Tabela 82), vê-se que os percentuais de estudantes e não-estudantes com atitude revolucionária são exatamente iguais (71%), no grupo dos maduros, o que significa que a condição de estudante não tem influência sobre a frequência da atitude revolucionária nesse grupo. No outro grupo, o dos jovens, os que são estudantes têm 80% em atitude revolucionária e os não-estudantes 73%, o que mostra que, em ambas as colunas, estudantes ou não, os jovens têm mais atitude revolucionária do que os maduros. Mostra, também, que a condição de estudante, no jovem, tem mais influência sobre sua atitude revolucionária. Isso sugere que, no jovem, o convívio, o grupo e a organização na escola estimulam a atitude revolucionária, mais do que nos maduros, tornando-a mais forte. Isso pode indicar que o jovem está mais aberto a inovações, a mudanças, a influências, o que não ocorre com a mesma intensidade e frequência com os maduros, por terem idéias mais sedimentadas.



**Tabela 82. Pessoas, estudantes ou não-estudantes, por categoria de idade, segundo o grau de atitude revolucionária, em percentagem. Brasil, 1998/1999**

Grau de atitude revolucionária	Idade e condição de estudante				Total
	Jovem estudante	Jovem não-estudante	Maduro estudante	Maduro não-estudante	
Inexistente	25	27	27	31	27
Baixa	9	9	9	9	9
Média	33	32	30	31	32
Alta	33	33	34	29	33
Total	100	100	100	100	100

Ao cruzarmos a idade e a condição de estudante com atitude revolucionária, embora não haja associação estatística, devemos observar (Tabela 82) que a coluna dos jovens estudantes tem números ascendentes, de baixa para alta atitude. Comparando estudantes e não-estudantes, os últimos são percentualmente mais numerosos em baixa atitude, e os estudantes são percentualmente mais freqüentes em média atitude. Destaque-se seu maior percentual em alta atitude revolucionária, na qual são 8% a mais do que os não-estudantes.

Muitos autores questionam sobre se o estudante é revolucionário “de fachada”, se não seria mais pirotécnico do que propriamente efetivo, e outros sustentam o contrário. De certa forma, o grupo aqui estudado parece indicar uma espécie de meio termo. Como diria Alkmin,<sup>11</sup> “têm razão os dois”. É que, no índice de conformidade, obtivemos uma associação perfeita, com o alto percentual de 12% de diferença entre jovens estudantes revolucionários (28%) e jovens não-estudantes revolucionários (16%) (Tabela 17).

<sup>11</sup> José Maria Alkmin, político mineiro, famoso por suas tiradas.

A atitude é mais do que inconformidade, é mais do que a denúncia ou não aceitação. Ter uma atitude revolucionária é mais do que se dizer revolucionário. É ter disposição efetiva de optar por revolução como forma de resolver os problemas. Como a atitude revolucionária não tem associação com a condição de estudante no grupo jovem, embora haja tendência mais acentuada nele, a conclusão é que a atitude é decorrente da condição de jovem e não de estudante. Assim, os jovens têm atitude revolucionária por serem jovens, que se acentua na sua condição de estudantes e que têm um índice de inconformidade, dizendo-se revolucionários, muito mais intenso quando são estudantes. O jovem, quando estudante, posa mais de revolucionário do que efetivamente é.

Destacamos, acima, que não há influência da condição de estudante na frequência da atitude revolucionária do grupo dos maduros. É preciso registrar, porém, que há uma influência na intensidade dessa atitude, nesse grupo. Embora seja sempre mais intensa nos jovens e estudantes do que nos maduros e estudantes e, no conjunto das três categorias de intensidade (baixa 6% + média 35% + alta 39% = 80%), o percentual de jovens estudantes seja maior do que o de maduros estudantes (baixa 5% + média 31% + alta 29% = 72%), a atitude revolucionária é mais intensa nos maduros estudantes do que nos maduros não-estudantes. O percentual de maduros estudantes com baixa atitude revolucionária (5%) é 5% menor do que o dos não-estudantes (10%) da mesma categoria. O percentual de maduros estudantes em alta atitude revolucionária (35%) é maior do que o percentual dos não-estudantes (29%) da mesma categoria. Isso indica que a condição de estudante influencia a intensidade da atitude revolucionária em ambos os grupos, embora influencie mais os jovens do que os maduros.

Repetimos, no entanto, que, comparativamente, nas mesmas categorias, os jovens têm uma atitude revolucionária mais intensa e ampla do que os maduros. Dessa forma, mesmo que a condição de estudante influencie a atitude revolucionária, a condição de jovem é a que a determina. Percebemos que a condição de estudante influencia a atitude revolucionária de ambos os grupos em intensidade, mas não influencia em frequência; em ambas, porém, a influência é maior sobre os jovens do que sobre os maduros.

Neste capítulo analisamos a relação entre atitude revolucionária e a condição de estudante para saber se é a categoria estudante que condiciona a atitude revolucionária no jovem mais acentuada do que no maduro ou se esse atributo é próprio à condição de jovem. A Tabela 79 mostrou haver associação entre as variáveis analisadas. Quando separados os dois grupos, essa associação deixou de existir em cada grupo. Ora, se existia associação entre a variável atitude revolucionária e a variável estudante no conjunto dos dois grupos e deixou de existir quando separados, e se o grupo dos jovens, agora separados, tem atitude revolucionária mais acentuada do que os maduros, então a associação se dava em função da idade e não em função do *status* de estudante.

Assim, podemos concluir também aqui que a atitude revolucionária mais acentuada na juventude é decorrente de sua própria condição e não da de estudante.



## Capítulo VI

# Falam os que foram jovens revolucionários

Na década de 1960, o Brasil vivia um período de férteis perturbações sociais. As liberdades democráticas que, com alguns percalços, vigiam desde a queda da ditadura Vargas em 1945, haviam produzido resultados, permitindo a fermentação na inquietação social. A conjuntura internacional também favorecia essa inquietação. Enfrentamentos ideológicos davam-se em vários países de diferentes continentes. Na América Latina fervilhavam os movimentos políticos e sociais. Cuba constituía o grande paradigma, pois Fidel Castro acabara de comandar a derrubada do ditador Fulgêncio Batista, por meio de uma revolução vitoriosa. Esse clima contagiante motivou parte da sociedade brasileira. No bojo desse entusiasmo veio um projeto de reforma das estruturas sociais do Brasil, conhecido como as *Reformas de Base*. Significativas camadas da população brasileira mobilizaram-se em apoio ao projeto. Alguns partidos políticos e outras organizações sociais participavam dessa mobilização. A presença mais forte no suporte ao projeto, no entanto, vinha dos jovens e estudantes por meio da União Nacional dos Estudantes (UNE) e dos trabalhadores por meio da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), até mesmo por sua vinculação ao presidente da República, João Goulart, que era do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

No auge dessa mobilização pela mudança estrutural, as elites brasileiras, com os militares, derrubaram o presidente constitucional e interromperam essa caminhada transformadora.

As mesmas forças que davam suporte ao projeto transformador, mantendo seu objetivo, buscaram outras formas de agir. Tinham, na-

quele momento, dois objetivos. O primeiro era derrubar a ditadura militar que, ao arrepio do caminho constitucional legítimo, pela força, havia tomado o poder. Era reconstruir o caminho das liberdades democráticas para, por meio dele, prosseguir o projeto transformador. O segundo objetivo era manter o conteúdo do projeto transformador proposto e, eventualmente, encontrar outros instrumentos para viabilizá-lo enquanto o primeiro objetivo não era alcançado.

Neste capítulo apresentamos a opinião dos que foram jovens revolucionários na década de 1960 e a comparamos com os dados levantados nas entrevistas, que se referem à época atual. Apresentamos, também, a evolução de suas posições políticas e de sua percepção sobre revolução ao longo de sua trajetória pessoal no tempo. Nesses papéis, como se verá nas entrevistas a seguir, teve a juventude uma presença destacada.

### **Idade e revolução**

Dos 14 entrevistados, 13 confirmaram sua opção pela revolução para transformar a realidade política e social do Brasil. A Tabela 83 esclarece a idade em que essas opções ocorreram.

**Tabela 83. Idade dos entrevistados ao optarem pela revolução**

<b>Idade</b>	<b>Nº</b>
14	2
15	1
16	4
17	2
18	2
19	1
20	1
21	1
<b>Total</b>	<b>14</b>

Observa-se, pois, que a absoluta maioria se situava dentro da faixa etária definida como jovem para os efeitos de nosso estudo (16 a 25 anos), 11 entre 14, 79%. E mais, os outros três se situavam logo abaixo do limite inferior de nossa categoria.

É crença de 13, entre os 14 entrevistados, que idade tem a ver com revolução. Embora a pergunta referisse idade, no sentido genérico, de um modo geral, espontaneamente, os entrevistados destacavam o *jovem* e sua maior relação com a revolução. Numa entrevista, lemos que: “O jovem, evidentemente, ele tende para um novo, ele tende para a transformação”, para logo a seguir acrescentar que: “O jovem, particularmente na América Latina e no Brasil, tende para uma posição progressista, revolucionária e de esquerda” (E. 2). Outra entrevista, algumas passagens chamam a atenção por sua pertinência com nosso estudo, por exemplo, onde lemos que o jovem “(...) está portanto muito mais aberto a participar de processos transformadores do que os adultos (...) e quando eu digo que vejo uma relação com a idade é porque, não necessariamente, isso é continuado na idade adulta” (E. 3).

A entrevistada cita, a partir daí, nomes de pessoas que, segundo seu entendimento, romperam com seu passado revolucionário usando, hoje que são maduros, nas altas funções políticas que desempenham, métodos políticos tradicionais. Na outra entrevista, para citar mais uma, temos que: “Eu sou adepto daquele que todo jovem tem que ser comunista ou revolucionário e depois de uma certa idade transformar-se num conservador”, para depois prosseguir: “Mas a idéia da revolução, ela tem muito mais força junto à juventude”, e ainda:

Eu não diria que a revolução está presente nos idosos como concepção, como visão, como teoria; mas isso tem que normalmente se associar muito mais à juventude porque é aquela que rompe com muito mais facilidade grillhões (...) tem que ter muito presente o olhar da juventude (...) porque ali está o germe da revolução, da mudança, do sonho com o mundo novo (E. 5).

Há uma referência significativa de outro entrevistado, quando se lê que:

(...) idéia de revolução atrai muito mais a juventude. Tem um livro chamado *O apanhador no campo de centeio* em que o personagem diz: “Quando eu era jovem eu queria morrer pela revolução, agora que eu sou adulto eu quero pura e simplesmente viver humildemente para transformar o mundo dentro dos limites que eu tenho” (E. 10).

Um dos entrevistados diz que “todos os grandes revolucionários eram jovens, começaram na revolução muito jovens” (E.11). Com muita eloquência, vemos numa entrevista que: “Não sei quem já dizia que quem não for revolucionário aos 17 e conservador aos 45 é idiota” (E.12). Um outro entrevistado afirma que:

Hoje, se fosse uma situação daquelas, vamos dizer assim, se houvesse um enfraquecimento dos partidos todos, se houvesse um enfraquecimento da democracia, se houvesse um regime de força, tu hoje, com mais de 50 anos, como tu farias, tu irias e tal? Eu te diria o seguinte, Zaneti: não sei, inclusive acho que eu iria pensar quinhentas vezes mais e naquela época não pensei nenhuma, lá eu não pensei, aqui eu pensaria (E. 9).

Transcrevemos trechos que nos pareceram mais significativos, de algumas das entrevistas, mas todos os depoimentos, no geral, destacam com muita convicção o reconhecimento de que a juventude tem mais ímpeto revolucionário. Esses depoimentos corroboram que a atitude revolucionária é mais acentuada na juventude. Estão em harmonia com o perfil que traçamos dos jovens de hoje no Capítulo II e reforçam o que constatamos ao medir a frequência, intensidade e consistência da atitude revolucionária no Capítulo III. Por esse conjunto de depoimentos, não resta dúvida de que, de maneira geral, os que em sua juventude foram revolucionários, agora, na idade madura, reconhecem, na juventude, uma atitude revolucionária mais acentuada.

No geral, não houve indicação de que os entrevistados conhecessem alguém que se tenha tornado revolucionário na maturidade, ainda que tenha sido conservador em sua juventude. Foram indicados alguns nomes, tendo sido o de Teotônio Vilela o mais citado, porém com a ressalva de que não se tratava propriamente de revolucionário, mas de alguém que havia mudado sua posição política com uma postura mais progressista.



## Revolucionários e estudantes

Lembremos que, no Capítulo V, estudamos a relação entre estudantes e atitude revolucionária. Vimos que eram estudantes 11 dos 14 entrevistados (79%). Isso fortalece a idéia de que a condição de estudante fortalece e intensifica a atitude revolucionária no jovem e a oportunidade para exercê-la. O que é preciso lembrar aqui, e que foi tratado no capítulo próprio, é que o *status* de estudante não condiciona a atitude revolucionária, já que ela é um atributo da juventude. De alguma maneira os dados aqui fortalecem essa assertiva, pois os jovens são mais do que os estudantes.

## Revolução, juventude e religião

No Capítulo IV analisamos a relação entre religião e atitude revolucionária, quando vimos que não há associação entre ambas. É oportuno, agora, pelo que ouvimos dos entrevistados, fazer essa comparação. Dos 14 revolucionários, dez eram católicos e quatro não tinham nenhuma religião. Esse número expressivo de católicos entre os revolucionários entrevistados resulta do fato de que muitos deles iniciaram sua militância revolucionária vindos da Juventude Estudantil Católica (JEC), daí para a Juventude Universitária Católica (JUC) e desta para a Ação Popular (AP) e para o engajamento revolucionário. Um entrevistado é ilustrativo a esse respeito, quando informa que: “Então você vê que a minha entrada para a JEC (...)” e segue:

Essa situação evolui e eu termino sendo eleito Presidente da União Nacional dos Estudantes (...) a JUC se alia com o Partido Comunista Brasileiro e obtém uma vitória para a UNE. (...) os problemas se agravam (...) aproximação com a concepção revolucionária (...) minha expulsão da JUC (...) denuncio a expulsão, mas isso cria um problema grave porque um segmento da JUC termina sendo expulso e isso nos coloca então diante da necessidade de se criar uma organização política e essa organização é a Ação Popular (E. 2).

Podemos observar que passam da JEC para a JUC, daí para uma aliança com o Partido Comunista, dela para a UNE e desta para a AP. Era um grupo de jovens. Passaram por duas organizações católicas, fizeram aliança com os ateus comunistas, assumiram uma organização estudantil e foram para uma organização popular e revolucionária, ou seja, os jovens usaram diferentes organizações para seus objetivos. Fossem católicas, leigas, estudantis, populares, ou o que seja, foram usadas pela juventude. Portanto, a atitude revolucionária mais acentuada na juventude é decorrente do próprio fator juventude e não está condicionada pelos fatores analisados nos Capítulos III, IV e V. Há outro dado, porém, que merece ser anotado aqui. É o fato de que esse ímpeto da juventude precisa, para ser ativado e canalizado, de um instrumento que é a própria organização. Veja-se que agiram como católicos nas organizações católicas, como estudantes na organização dos estudantes, como leigos e populares nas organizações leigas e populares. O fato de pertencerem a organizações deu forma e conseqüência à sua atitude. Vejamos um pouco mais o que têm a dizer a respeito os nossos entrevistados.

Um deles, em seu depoimento, informa que:

Nós éramos (...) um grupo organizado dentro da JUC que devia obediência à hierarquia da Igreja Católica (...) terminou havendo certos incidentes que foram concluídos pela própria exclusão da JUC (...) foi a partir daí que organizamos a Ação Popular com base no próprio setor político da JUC (...) em 65, a Ação Popular se reuniu clandestinamente e aprovou um documento chamado Resolução Política de 65; nessa resolução política é quando nós optamos explicitamente e, digamos assim, partidariamente como organização, pela via revolucionária; a partir daí é que nós nos incorporamos nesse caminho revolucionário. Tratava-se de derrubar a ditadura militar (...) (E. 1).

Pelo que podemos deduzir, a condição de católicos ofereceu a muitos dos entrevistados a oportunidade de pertencer a organizações estudantis católicas, mas o engajamento na luta revolucionária propriamente dita só ocorreu após seu desligamento delas e a criação da organização laica, específica para militância política e revolucionária.

## Origem urbano/rural dos revolucionários

Na literatura pesquisada não se verifica distinção nas características revolucionárias dos jovens decorrentes de sua origem rural ou urbana. Quando definimos as cidades a serem pesquisadas no questionário, incluímos pequenas cidades, com características mais rurais, para averiguar algum indício dessas diferenças e não o encontramos. A origem de 71% dos entrevistados é urbana. Possivelmente porque a guerrilha no Brasil, naquela ocasião, era urbana. Mesmo os que tinham origem no meio rural residiam em cidades quando se engajaram na revolução. Não há indicações, nas entrevistas, de que essa origem tenha influenciado a atitude revolucionária.

## Classe social e revolução

Uma variável central no nosso estudo foi o *status* socioeconômico. As entrevistas e as reflexões aqui, no entanto, referem-se à classe social.

Ao situarem sua proveniência segundo a “classe social”,<sup>12</sup> oito dos entrevistados disseram ter vindo da “classe média”, enquanto seis se disseram provenientes da “classe baixa”. Questionados, depois, sobre como se situam hoje em relação à “classe social”, todos responderam pertencer à “classe média”. Houve, portanto, uma mudança de “classe social” por parte de seis (43%) dos entrevistados,<sup>13</sup> ascendendo da “classe baixa” para a “classe média”.

Consideramos oportuno, a partir daí, relacionarmos essa ascensão social com a pergunta a respeito das mudanças nos ideais e crenças dos entrevistados. Verificamos, então, que tendo presentes seus ideais e crenças da época de sua militância revolucionária, quatro deles<sup>14</sup> disseram não ter mudado e os demais disseram tê-los mudado ao longo do tempo. Ao compararmos os que não mudaram seus

---

<sup>12</sup> Em razão da variação dos termos usados pelos entrevistados adotamos o critério de três classes sociais: alta, média e baixa.

<sup>13</sup> E. 2, E. 3, E. 4, E. 7, E. 8, E. 9.

<sup>14</sup> E. 1, E. 2, E. 3, E. 11.

ideais ou crenças com os que mudaram sua “classe social”, temos que ficaram 50% em cada grupo, já que dois<sup>15</sup> mantiveram seus ideais ou crenças sem mudar de “classe social” e outros dois<sup>16</sup> mantiveram seus ideais ou crenças, embora mudando de “classe social”. Entre os seis que mudaram de classe social, quatro mudaram seus ideais e crenças ao longo do tempo.

Isso sugere que não houve uma classe social específica a influenciar no ingresso dos jovens na revolução e que sua mudança de classe social não determinou a mudança de suas convicções. Ambas foram influenciadas pela idade.

### Significado de revolução

O significado de revolução, conforme já vimos, tem-se prestado a diferentes entendimentos. Com os revolucionários não foi diferente. Por essa razão consideramos oportuno precisar as diversas dimensões que ele envolve:

- a) uma razão, o porquê fazer;
- b) um objetivo, onde chegar;
- c) um caminho, um instrumento, um meio ou forma;
- d) a vontade, a opção da possível adoção da revolução para atingir o objetivo.

A nosso ver, a razão pela qual se faz a revolução é a inconformidade, a não aceitação do *status quo*, é a percepção de que o projeto estabelecido não atende aos anseios de parcelas significativas da população, como a falta de liberdade ou a privação de necessidades.

O objetivo se confunde com o próprio conteúdo da revolução, ou seja, a proposta do tipo de sociedade que se pretende colocar no lugar da que se pretende substituir “porque não serve”. É o próprio

---

<sup>15</sup> E. 1 e E. 11.

<sup>16</sup> E. 2 e E. 3.

projeto revolucionário. Libertação da opressão para uma sociedade livre ou libertação da privação das necessidades de uma estrutura social injusta, para uma sociedade igualitária.

O caminho, o instrumento, o meio ou forma é o próprio método revolucionário. A luta armada em suas diferentes formas, incluindo a guerrilha; a mobilização popular por suas diferentes manifestações como grandes concentrações, marchas, greves; o processo eleitoral com as campanhas políticas e o voto, etc.

A opção pela revolução para atingir o objetivo é o que chamamos de atitude revolucionária. É óbvio que essa opção é decorrência da resistência do projeto estabelecido ao novo projeto, o que se pretende em seu lugar, o projeto revolucionário. Supõe, portanto, um enfrentamento entre os interesses vigentes e os que pretendem se instalar. A dimensão e a intensidade desse enfrentamento serão determinadas pelo grau de resistência de quem pretende impedir sua implantação e a determinação de quem pretende implantá-lo. A atitude revolucionária é a opção de adotar a revolução para essa implantação, variando sua intensidade de acordo com a determinação de usar os diferentes e mais violentos instrumentos para conseguir esse objetivo.

Entre os jovens revolucionários estavam presentes essas várias dimensões.

## **O instrumento tido como a revolução**

Ao buscarmos saber o significado de revolução para o entrevistado à época de sua militância revolucionária e hoje, verificamos que nove entre os 14 a identificavam com luta armada para a tomada violenta do poder. Isso parece indicar que o apelo de participação na revolução se dava muito mais em função do método revolucionário do que propriamente do objetivo de transformar radicalmente a sociedade e implantar o socialismo como parece ter sido, no geral, o objetivo assim explicitado pelos entrevistados. “A guerrilha era o charme revolucionário da esquerda, é tanto que dois terços da geração dos anos 60 pagou com a vida, porque foi para a guerrilha urbana ou rural”, nos diz uma entrevista (E. 4). Outro nos diz “(...) então há

uma certa confusão que se tem que revolução é como se fosse a ressurreição do assalto ao céu, o confronto armado, quando revolução é muito uma concepção de reformas de estrutura”.

E segue dizendo que:

(...) a visão do confronto armado, na luta armada, da criação do exército popular da guerrilha, então a revolução se confundia muito com a idéia do confronto, da política de substituição do poder, do assalto ao Estado, então era algo que a concepção de revolução era muito associada à luta armada, ao movimento guerrilheiro, ao movimento insurrecional, tomada do poder pela força, a via revolucionária, então se confundia isso com a via revolucionária, se confundindo com o método e não com a concepção de organização social e de mundo, essa sim é que é a concepção revolucionária que permanece, embora o método de luta, evidente (E. 5).

Prossegue outro entrevistado no mesmo rumo:

Naquela época a revolução para mim era um grande dia em que nós revolucionários, nós militantes de esquerda, iríamos desfraldar uma bandeira, tomarmos de assalto o poder e termos a imensa maioria do povo (...) Hoje eu entendo que a revolução é muito mais um processo, um processo em que a gente tem que inicialmente organizar a população, conscientizar a população (...) Eu não acredito mais que um grupo de iluminados possa fazer uma revolução, eu acredito que a revolução só virá se nós formos capazes de vencer o povo de suas necessidades (...) (E. 6).

Nesse depoimento podemos ver claramente que há uma evolução da vanguarda revolucionária para um movimento de massas, democrático. Ainda assim, persiste o entendimento de que revolução e instrumento revolucionário se confundem.

Falando sobre o assunto, um entrevistado diz que:

A questão da luta armada, eu acho que essa é a grande revisão que a esquerda tem que fazer porque, se o conflito é fruto das contradições, você não pode ideologizar a luta armada como uma saída essencialmente valorativa. Ela pode acontecer como fruto

das contradições e não como uma opção que você vá construir, diferentemente daquela época: ideologizar a luta armada e a violência como uma opção essencialmente revolucionária – e muitas vezes a revolução é encarada como um método e não como um conteúdo –, isso acabou empobrecendo o conceito de revolução no meu modo de entender (E. 4).

Aqui está posta de maneira cristalina a necessidade de distinguir o conteúdo revolucionário do instrumento revolucionário e a forma como se valorizava o instrumento em prejuízo do conteúdo, na época analisada. Isso pode ajudar a explicar o porquê do insucesso da revolução que propunham à época. Ao privilegiar o instrumento em prejuízo do conteúdo, os revolucionários isolaram-se do conjunto da população. Por falta de uma proposta clara sobre o objetivo, a população não foi imantada ao projeto revolucionário. Tudo parece indicar que houve uma importante evolução no significado de revolução para os entrevistados, já que em sua totalidade, hoje, a vêem como um processo de mudança ou transformação, por via institucional, tendo como base uma maior, mais profunda e ampla organização e participação do povo. Como se pode ver,

(...) a idéia de que o processo de revolução nos conduziria à tomada do poder (...) hoje eu penso que a coisa está posta em termos diferentes, hoje eu acho que a revolução é um processo mais complexo (...) o que tem acontecido são acumulações de forças e aí a forma pela qual vai surgir é uma coisa que a vida vai mostrar. Eu creio que um desafio hoje para nós é acumularmos forças amplas através dos meios institucionais de luta, é a atividade de massas junto às entidades de classe, junto aos sindicatos, junto às entidades não oficiais. É por aí que nós vamos ganhando forças e forjando um núcleo que pode ganhar pedaços do poder ou esferas de poder importantes e promover reestruturações fundamentais, amanhã ou depois (E. 1).

As reflexões de outro entrevistado igualmente ilustram essa observação:

Eu acho que num primeiro momento a opção pelo caminho revolucionário, a opção do caminho socialista se dava de uma forma

muito esquemática, então se concebia naquele momento que você tinha um modelo único de revolução social. Na minha opinião, hoje, isso é absolutamente anti-histórico e antidialético, então o caminho cubano, o caminho russo ou o caminho chinês, evidentemente, não poderiam ser o caminho brasileiro (...) A própria essência do marxismo é a análise concreta da realidade concreta: se é a análise concreta da realidade concreta. Cuba não é Brasil. China não é Brasil, Índia não é Brasil, Rússia não é Brasil: então está tudo errado! Por mais boa vontade, por mais entusiasmo, por mais seriedade, por mais dedicação que você tenha, você cai no caminho errado, por quê? Porque você se distancia da realidade objetiva, se distancia do sentimento das massas do teu país e você só tem condições de fazer revolução à medida que você está em sintonia com a realidade objetiva e à medida que você está em sintonia com o coração do povo, com o sentimento do povo (...) (E. 2).

Um outro nos mostra a idéia de manutenção do objetivo da revolução, diz que o instrumento guerrilha seria inadequado hoje, mas contém uma confusão entre o instrumento e o conteúdo ao afirmar que ela não responderia às necessidades de mudança do Brasil. Ora, a guerrilha não é a mudança, mas um instrumento para viabilizá-la.

Eu continuo com os meus ideais de revolução (...) Eu acho que houve mudanças no mundo e mudanças em nós. Seria um equívoco pensar que, por exemplo, a intervenção via guerrilha (...) que teve um significado político e social num dado momento, hoje, ela não responderia, absolutamente, à necessidade de mudança que nós temos no Brasil (E. 3).

Para continuar, depois:

(...) dirigíamos alguns movimentos de massas, mas teve um momento em que nós não tínhamos ninguém atrás da gente e mantinha a greve, ou então desenvolvia uma ação sem ter o respaldo no movimento. Hoje eu não compreenderia isso, exatamente porque o processo de transformação implica ter gente junto, gente compreendendo, então eu diria assim: eu acho que socialismo, sociedade construída, é quando a maioria sentir necessidade dele.



Fica, mais uma vez, clara a idéia de que a vanguarda revolucionária, a que faz a revolução no lugar do povo, é reavaliada. É reconhecida a necessidade do alargamento da base de sustentação popular para a viabilização de um projeto revolucionário. Evolui a idéia da democracia como instrumento da revolução.

## O uso dos diferentes instrumentos

Vimos, em diferentes oportunidades, que revolução não é sinônimo de violência, nem de violência revolucionária. Esses podem ser alguns dos instrumentos para realizar a revolução e seu uso depende do grau de resistência do projeto estabelecido. A propósito da distinção entre violência e força no enfrentamento revolucionário, há um interessante depoimento de um dos revolucionários brasileiros entrevistados (E. 4), o qual assim se expressa:

Primeiro que se há de considerar uma diferença: o uso da força na democracia tem legitimidade, o uso da violência é diferente, porque o uso da violência é a eliminação do outro; o uso da força não significa eliminar o outro, significa você impedir o outro, significa você imobilizar o outro; significa você ter força para ganhar. A força sempre abre a possibilidade da persuasão, do convencimento; já a violência é a concepção militar de dois lados, em que um dos lados tem que eliminar o outro. Eu acho que a violência não pode ser colocada como uma opção, nem para as transformações, nem como para a conquista do poder: a força sim, a violência não! Agora, os conflitos, enquanto conflitos de interesses, revelam forças, revelam violência: agora, você não pode ter uma estratégia de apostar na violência no sentido da luta armada como um caminho, como alternativa; nesse sentido eu acho que tem que ser revisado sim (E. 4).

## A mistura de meios e conteúdo

O mesmo entrevistado (E. 4) traz o testemunho de que, na década de 1960, havia uma supremacia do conceito de revolução instru-

mento (guerrilha) perante o de revolução conteúdo (projeto revolucionário a ser implantado, o novo). Esse dado vem sendo detectado com frequência ao longo dos depoimentos e, insistimos, pode ser o responsável pelo isolamento dos revolucionários da base popular:

(...) naquela época, eu acho que a idéia de revolução era muito ampla, mas ela se materializava muito na forma de enfrentamento, na forma de luta, na guerrilha propriamente (...) a idéia de revolução para mim, hoje, ela está muito mais associada a conteúdos, está muito mais associada à radicalização da democracia, ao surgimento de novos sujeitos sociais e políticos, ao novo modelo de relações entre o Estado e a sociedade, a uma pluralidade no enfrentamento social e político e, principalmente, à postura das pessoas, dos grupos e dos partidos em relação ao tema que é o divisor de águas entre esquerda e direita, que é o tema da igualdade social, o tema de combinar liberdade política com a idéia da igualdade social, que é a utopia possível e revolucionária nos dias de hoje, em que a gente vive o risco do *apartheid*, da desagregação em larga escala.

É recolocada aqui a idéia da democracia como instrumento revolucionário. Falar em radicalização da democracia supõe não só a democracia formal, das chamadas liberdades democráticas, mas a democracia substantiva que visa reduzir as desigualdades. A democracia, portanto, é instrumento enquanto possibilita a participação ampla da sociedade na construção da nova estrutura, mas é conteúdo ao “buscar combinar liberdade política com a idéia da igualdade social, que é a utopia possível e revolucionária”.

## A evolução das formas de luta

Conforme temos visto, os próprios revolucionários questionam os métodos utilizados por eles para viabilizar o projeto revolucionário. Nessa perspectiva, um entrevistado informa-nos:

Eu sou absolutamente contra a guerrilha: eu, hoje, adoto uma perspectiva pacifista e sou contra a luta armada. Se houvesse nova-

mente uma ditadura no Brasil eu iria combatê-la através de caminhos pacíficos. Eu acho que se nós tivéssemos resistido pacificamente talvez a ditadura tivesse durado menos do que com a nossa resistência armada (E. 10).

Outro mostra como esse processo de revisão do instrumento revolucionário foi dolorido. Houve a percepção de sua inadequação e a busca de alternativas foi freada. Não era a revisão do objetivo que se pretendia, mas do meio. O instrumento guerrilha, luta armada, foi inviabilizado, e as forças conservadoras conduziram o processo conhecido como *abertura lenta e gradual*, mantendo o controle do processo político brasileiro. As liberdades democráticas foram retomadas, mas o projeto de uma sociedade igualitária para a superação das desigualdades não.

(...) já eu tive vários embates com a esquerda naquela época, principalmente aqueles que queriam ir para a Coréia fazer treinamento; eu dizia: espera aí, vocês querem voltar para o Brasil e estão indo cada vez mais longe. Naquela época comecei a contestar a luta armada, mas ainda havia um policiamento muito grande entre a esquerda, e muito fascista, de não deixar você pensar. Se você pensasse, tu eras excomungado, tu eras o pior dos indivíduos, porque tu estavas contestando a luta armada e contestando a disposição de luta. Enquanto forma, naquela época, nós já começamos a contestar, inclusive eu fui um dos que acabei decidindo terminar com a VPR, por extinguir a VPR no exterior (E. 9).

Na visão de um entrevistado, a complexidade da sociedade atual acabou contemplando novas formas de luta.

Eu acredito que hoje, na sociedade contemporânea, o processo revolucionário é multifacetado, não tem uma forma única. Você tem grandes manifestações políticas de massas, grandes confrontos institucionais, você tem grandes campanhas, você vai ter enfrentamentos no sentido armado, porque a sociedade é diversificada e complexa e isso reflete nas formas de luta. É um erro você idealizar uma única forma de luta; você tem que lutar no institucional, fora do institucional, você tem que lutar no social.

fora do social: porque a sociedade virou mais complexa, esse é que é o problema; e hoje as formas de luta são diversificadas e complexas (E. 4).

Já afirmamos que não é possível prever de antemão como evoluirá um processo revolucionário após ser deflagrado. Esse depoimento enriquece aquela observação e mostra o acerto de havermos medido atitude revolucionária contemplando as diferentes formas de realização da revolução e seus diferentes conceitos.

O entrevistado E. 5 oferece um reforço da idéia de enfraquecimento da violência revolucionária como instrumento:

Fica meio difícil imaginar, por exemplo, neste mundo em que nós estamos vivendo, alguém ficar admitindo que Chiapas, o Sendero Luminoso ou quem quer que seja, mesmo num mundo como o nosso, de tremendas contradições (...) já foi a época de revoluções desse tipo, o que não significa dizer que não tenha a vigência da concepção revolucionária, no sentido das transformações que possam ocorrer, mas é claro que no mundo de hoje a idéia dessa revolução associada ao método de luta, a uma via chamada de revolucionária, perde cada vez mais consistência.

O entrevistado defende a idéia de que a luta armada como instrumento revolucionário se tornou obsoleta, mas a revolução como conteúdo se mantém viva e presente. O mesmo ponto de vista é defendido pelo entrevistado E. 6, com destaque para a retomada da democracia como instrumento transformador com amplo engajamento e participação popular:

Com relação à guerrilha, eu não acredito mais nesse método da guerrilha. Eu acho que não existe, não é possível, transformar a sociedade fazendo a luta exército contra exército, mas sim classe contra classe. Eu acho que, ou nós convencemos a maioria do povo de um projeto transformador, ou nós não seremos capazes de fazer uma mudança que seja duradoura, que seja permanente e que seja reivindicada e defendida pelo povo.

## Revolução e conteúdo

No geral, os revolucionários entrevistados defendiam a implantação de uma ordem socialista no Brasil. Essa visão é reforçada pela relação dos principais líderes e inspiradores de seu engajamento revolucionário. Foram citados 41 líderes ou inspiradores. Os mais lembrados, pela ordem, foram Marx, com sete citações, Lenine e Fidel, com cinco, Che Guevara, com quatro e Mao, Trotsky e Ho Chi Min, com três cada.

Vejamos, a esse respeito, o que diz um entrevistado:

Nós temos a convicção de que a via revolucionária ela tem que ser entendida do ponto de vista do seu conteúdo e não do ponto de vista da forma: o conteúdo é a transformação revolucionária, ou seja, radical das estruturas capitalistas no socialismo, agora como isso vai se dar não é uma questão teórica, mas sim prática: (...) a questão do socialismo e do marxismo continua na ordem do dia (E. 2).

Outro entrevistado (E. 9) lembra a proposta transformadora radical da época e sua mudança no sentido de adotar agora a democracia como instrumento, mantendo o objetivo, o conteúdo revolucionário:

(...) para mim, revolução na época era rebeldia e derrubar todo o *status quo* e construir o novo. Era derrubar mais que o governo e a própria estrutura social, a cultura, entendeu? Não era só o poder, era derrubar toda a estrutura que havia por trás. (...) A revolução, hoje, para mim, (...) seria uma grande reforma (...) através de uma estrutura democrática de participação no poder, no governo, pela pressão de um movimento social, (...) Hoje, seria a participação e o movimento social e conquista do poder.

Nessa mesma linha destacamos o depoimento de E. 14:

A revolução na época era isso, era mudar radicalmente a ação do Estado pela ação armada, constituir um novo sistema de poder; e hoje não, hoje o sentido de revolução que estamos fazendo é mudar o Estado, refundar o Estado brasileiro pela ação institucional.

pelo Parlamento, democraticamente, com a realidade partidária que temos, uma realidade promíscua, mas é o que temos.

Outro entrevistado (E.10) noticia sua nova ótica no sentido de que já não existe revolução:

Eu já mencionei na primeira pergunta que a revolução, à época, significava uma mudança do sistema político e econômico de produção e de consumo através de um caminho violento; hoje, no meu entender, a revolução não tem mais essa conotação, eu acho que a própria idéia de revolução já não tem mais o sentido de antigamente (...)

### **A revolução vive nos revolucionários**

Quando dez entre os 14 entrevistados declaram haver mudado suas crenças e ideais e tendo presente o que se pode ver do conjunto das entrevistas, pode-se depreender que tal mudança se deve muito mais ao caminho ou método revolucionário, entendido como ação armada e violenta para a tomada do poder, do que com o fim da ação revolucionária ou política, que seria a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Tudo indica que a democracia foi adotada como a nova alternativa para manter viva a chama da revolução.

Falando a respeito, E. 4 diz que: “Eu acho que permanecem os valores de uma sociedade, o ideal de igualdade social, o ideal de humanismo, o ideal de democracia social, não é apenas a democracia política”.

O entrevistado E. 11 sustenta que:

Eu acho que a revolução é uma transformação radical da estrutura de poder da sociedade e ela, a meu ver, tinha a mesma conotação (à época e agora); a maneira de fazer revolução foi que evoluiu. Naquele tempo a idéia de revolução armada era muito mais presente do que hoje.

Podemos ver essa mesma posição em outro entrevistado:

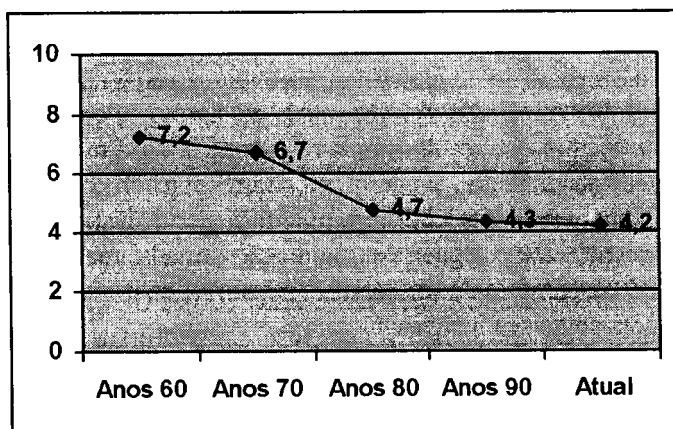
Eu penso que aquela motivação que levou aquele jovem de 19 anos à JUC, militando pela revolução brasileira, é no fundo aquela

motivação, a mesma coisa que aparece na minha opinião ainda hoje, quando eu luto pelas transformações, por um socialismo reciclado, libertário para o nosso país. Nesse itinerário que vem de anos para cá, as formas vão mudando, os ideais, os símbolos vão mudando e o que nos parece ser o mais correto tem um certo caráter histórico: naquele momento foi aquilo, mais à frente verifica-se que não era bem aquilo, mas buscou-se um novo referencial daquela mesma motivação originária, que eu acho que ainda é a mesma (E. 1).

O fecho dessa posição parece ser dado por outro entrevistado, ao afirmar que: “O significado é muito interessante, porque pode até ter diferenças na forma de fazer intervenção, mas eu acho que se a revolução era necessária ontem, ela continua mais do que necessária hoje (...)” (E. 3).

Para facilitar a visualização, elaboramos a Figura 1, a qual mostra a evolução do conjunto dos entrevistados, revolucionários brasileiros da década de 1960. A figura resulta de uma auto-avaliação na entrevista feita com os 14 revolucionários, com base na pergunta 16 (Anexo).

**Figura 1. Evolução dos entrevistados na escala de posição política (direita/esquerda)**



O gráfico só mostra a pontuação de 10 para 0 à esquerda porque nenhum entrevistado se avaliou à direita. Observa-se no gráfico um movimento de deslocamento dos entrevistados, da esquerda para o centro, pela pontuação média de sua auto-avaliação, de 7,2 pontos na década de 1960 para 4,2 pontos atualmente. É interessante observar que há uma alta concentração dos entrevistados à esquerda, em seu período de juventude, caindo bruscamente ao término desse período e retomando uma pequena variação no período da maturidade.

Se tivermos em conta, como Bobbio,<sup>17</sup> que ser de esquerda é lutar por uma sociedade mais igualitária e tendo presente o que os revolucionários brasileiros disseram em suas entrevistas, esse gráfico mostra que a atitude revolucionária, nos revolucionários brasileiros, era mais intensa quando os mesmos eram jovens do que quando maduros. Em sua entrevista, um deles nos informa que:

A idéia é de que alguém que vem de uma esquerda revolucionária, ao evoluir, evolui para uma posição de direita: não é assim, tanto que eu disse em alguns momentos aqui que meus compromissos com relação à injustiça, à indignação quanto à injustiça, quanto à exclusão, eles se mantêm. (...). Só que hoje eu procuro disputar essa refundação, essa reforma do Estado, essa mudança do Estado pela via institucional (E. 14).

Neste capítulo conhecemos as opiniões dos revolucionários brasileiros da década de 1960 sobre o processo político e, em especial, sobre o processo revolucionário e sua evolução ao longo das últimas décadas. No geral, suas opiniões estão em harmonia e corroboraram as observações que recolhemos ao longo de nosso estudo.

Seus depoimentos, no geral, mostram um arrefecimento do ânimo revolucionário, especialmente quanto ao uso de instrumentos mais contundentes como a guerrilha ou a ação armada, mas mantém um ideal revolucionário de sociedade como conteúdo e acreditam na democracia como seu instrumento.

Mostraram, em sua auto-avaliação, dois perfis claramente demarcados, de acordo com os dois grupos de idade aqui estudados.

---

<sup>17</sup> Norberto Bobbio, *Direita e esquerda*, Editora Unep, São Paulo, 1995.



O da juventude, na década de 1960, com sua militância política e revolucionária intensa, e o da maturidade, com menor intensidade e frequência, conforme o gráfico ajudou a ilustrar.

Afirmaram que reconhecem na juventude características e atributos que lhes facilitam o engajamento revolucionário.



Parte III

Caminhos de futuro



## Capítulo VII

# Atitude revolucionária no jovem brasileiro

O objetivo deste trabalho foi o de estudar a relação entre idade e atitude revolucionária, na hipótese de que a juventude teria uma atitude revolucionária mais acentuada do que os maduros. Fizemos, para isso, uma pesquisa mediante questionário e um conjunto de entrevistas com brasileiros que foram revolucionários na década de 1960. Considerávamos, no projeto, as hipóteses alternativas de que essa atitude revolucionária pudesse ser condicionada pelo *status* socioeconômico da família ou pela religião dos indivíduos. Propusemos medir a atitude revolucionária por sua frequência, intensidade e consistência.

Na revisão bibliográfica não encontramos estudos que pudessem esclarecer de forma adequada nossa proposição, embora tenhamos encontrado farto material em relação ao tema juventude, suas características, seu engajamento político e sobre revolução. Na mesma revisão, surgiu, com uma frequência e intensidade não previstas, menção à participação dos jovens no processo político associada à sua condição de estudantes, o que nos obrigou a aprofundar essa hipótese.

Nos estudos efetuados com base nos dados levantados, surgiu uma constatação surpreendente: o alto índice de atitude revolucionária presente nos entrevistados em geral, não só nos jovens.

Feitas essas observações, e tendo como base as diferentes abordagens com que o assunto em estudo foi tratado, podemos listar um conjunto de conclusões que consideramos significativas.

## Como estão os jovens brasileiros

Os jovens de nosso questionário têm mostrado, no geral, uma imagem coerente com a história da juventude brasileira. São participativos nas questões da sociedade e da vida em geral 80% deles. Quando essa participação é conduzida para o campo político, temos uma drástica redução, pois 45% têm atitude e 34% têm comportamento de participação em relação à política. Isso confirma o que é de domínio público: o profundo desgaste das instituições políticas, dos políticos e seus partidos, mas não torna a juventude apática e indiferente.

Os jovens pesquisados mostram uma atitude negativa em 89% diante da realidade existente. Estão inconformados com o *status quo*, portanto não aceitam as coisas como estão, 95%, sendo que para 71% deles, revolução significa mudança, e 90% dizem ter um bom motivo para trabalhar e lutar pela revolução, dos quais 50% indicam o “problema social” e 20% “país melhor” como principais motivos.

Quando o envolvimento político é mais *leve*, a presença dos jovens é inversamente proporcional ao tamanho das cidades, mas quando o envolvimento político é mais “pesado”, mais intenso, que contempla o enfrentamento de interesses amplos e profundos, a presença dos jovens evolui proporcionalmente ao tamanho das cidades, sendo mais forte nas capitais. Isso poderia estar relacionado ao fato de que o anonimato dos jovens das grandes cidades funcionaria como liberação para essas ações e atitudes mais “fortes”. Nas pequenas cidades, ao contrário, o envolvimento e a ação política por caminhos tradicionais, normais e institucionais, estariam favorecidos pela identificação, pela proximidade familiar ou de vizinhança. Outra explicação poderia ser a de que os jovens das grandes cidades já não acreditam nos meios tradicionais para a solução dos problemas sociais, eis que, conforme vimos anteriormente, os mais altos índices de atitudes negativas encontram-se nas grandes cidades e, destacadamente, nas regiões Sul e Sudeste onde se encontram, coincidentemente, as maiores concentrações urbanas.

Vimos também que 77% dos jovens têm atitude revolucionária e que ela está presente nos jovens indistintamente das regiões geográficas e tipos de cidade.

## Atitude revolucionária da juventude

A atitude revolucionária existe em 72% dos entrevistados em diferentes intensidades, sendo que ela inexistente em 28% deles. À constatação de sua existência percebemos que ela não só existe, como é intensa, eis que temos 63% dos entrevistados com média ou alta atitude revolucionária.

A atitude revolucionária é mais acentuada nos jovens do que nos maduros, já que 77% dos jovens contra 71% dos maduros têm essa atitude, sendo que ela não só é mais freqüente como é mais intensa e consistente nos jovens.

As regiões geográficas do Brasil não influenciam a atitude revolucionária nos jovens, que, no geral, têm essa atitude mais acentuada do que os maduros nas diferentes regiões.

O cruzamento da variável tipo de cidade com a variável atitude revolucionária mostrou que não há associação entre ambas, ou seja, a atitude revolucionária não é influenciada pelo tipo de cidade. O cruzamento das variáveis mostrou, porém, que os jovens se mantêm com uma atitude revolucionária mais acentuada também nos diferentes tipos de cidade. Os índices de atitude revolucionária evoluem proporcionalmente ao tamanho das cidades, o que mostra uma tendência já observada de que a exigência de exposição do jovem a seus *próximos* sociais na prática de atos mais intensos que contrariem interesses estabelecidos deve funcionar como uma espécie de freio a suas atitudes, jamais, porém, à eliminação delas.

As atitudes políticas dos jovens são mais intensas do que as dos maduros, já que pudemos observar um percentual menor dos jovens e maior dos maduros nas atividades menos intensas e um percentual maior dos jovens e menor dos maduros nas atividades consideradas mais intensas.

Há consistência entre atitude e comportamento, já que verificamos que 96% dos que estão a favor de uma determinada atividade (atitude) também dela participariam (comportamento). Por outro lado, 85% dos que estão contra determinada atividade (atitude) dela não participariam (comportamento). Isso confirma a consistência entre atitude e comportamento no conjunto dos respondentes, ou seja, os jovens são tão consistentes em suas atitudes e comportamentos quanto os maduros.

Há relação inversa entre a intensidade no conceito de revolução e atitude revolucionária, já que quanto mais intensidade no conceito de revolução (violência ou agressão), maior o percentual de inexistência de atitude revolucionária e quanto menos intensidade no conceito de revolução (mudança), mais alta a atitude revolucionária.<sup>18</sup>

Parece haver um conceito diferente do que seja revolução entre os dois grupos, jovens e maduros, e embora o teste qui-quadrado indique que só há associação entre idade e atitude revolucionária quando o conceito de revolução é mudança, verifica-se que a concentração de jovens com alta atitude revolucionária em relação aos maduros é sempre maior, qualquer que seja o conceito de revolução. Portanto, mesmo nos diferentes conceitos de revolução, a atitude revolucionária dos jovens é mais acentuada do que a dos maduros.

### **Religião e *status* socioeconômico**

Constatamos que as variáveis *status* socioeconômico e religião não condicionam a atitude revolucionária no geral e testamos essas mesmas hipóteses segundo os grupos de idade. Os novos testes não alteraram as constatações já feitas e a atitude revolucionária manteve-se não-condicionada por *status* socioeconômico ou religião, mesmo quando analisada comparativamente entre os dois grupos de idade. Assim, podemos afirmar que religião e *status* socioeconômico não condicionam a atitude revolucionária e que, em consequência, sua relação com juventude continuou inalterada.

### **Estudante**

No conjunto dos entrevistados, o teste qui-quadrado mostrou haver associação entre as variáveis atitude revolucionária e a condição de

---

<sup>18</sup> Quando o conceito de revolução é violência ou agressão, 39% têm inexistência de atitude revolucionária e 17% têm atitude revolucionária alta; quando o conceito é mudança, 22% têm inexistência de atitude revolucionária e 38% têm atitude revolucionária alta.



estudante. Quando separados os dois grupos, essa associação deixou de existir em cada um deles. Ora, se existia associação entre a variável atitude revolucionária e a variável estudante no conjunto dos dois grupos e deixou de existir quando separados, e se o grupo dos jovens, separados, manteve atitude revolucionária mais acentuada do que os maduros, então a associação se dava em função da idade e não em função do *status* de estudante. Assim, pudemos concluir, também aqui, que a atitude revolucionária mais acentuada na juventude é decorrente de sua própria condição e não da condição de estudante.

## Revolucionários

Entre as forças destacadas que atuavam nos movimentos sociais buscando a transformação da sociedade brasileira, na década de 1960, estavam as organizações de juventude como Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Universitária Católica (JUC), a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a Ação Popular (AP).

A contra-revolução foi comandada por forças conservadoras e, por óbvio, compostas e comandadas por adultos, como o Exército e a Tradição, Família e Propriedade (TFP), além de um movimento especificamente criado para a ação pública contra-revolucionária, chamado “Marcha da Família, com Deus, pela Liberdade”.

Da leitura das entrevistas que efetuamos com 14 revolucionários brasileiros daquela época, pode-se ver que o que os motivava era a construção de uma sociedade mais humana, mais justa e mais igual, que pudesse superar as injustiças sociais do Brasil. O que as forças contrárias queriam era a manutenção do *status quo*. Logo, o que motivava a luta social era a estrutura injusta de nossa sociedade. Era a situação social do Brasil, o eixo em torno do qual girava todo o processo de mobilização social.

A partir dessa constatação, uma reflexão impõe-se.

A situação de injustiça social no Brasil continua e está hoje mais grave do que estava naquela época. Segundo se observa em nossos entrevistados, tanto os jovens como os maduros têm em “problema social” (50% para os jovens e 43% para os maduros) e “país melhor” (20% para os jovens e 16% para os maduros) motivação para a revolução.

Os revolucionários brasileiros da década de 1960, no geral, mantêm o objetivo de construir uma sociedade mais justa, mais igual, mas mudaram sua atitude diante de revolução como forma de alcançar esse objetivo. Ora, se a situação de injustiça social no Brasil continua: se, por exemplo, em nosso questionário jovens e maduros querem mudar essa situação, o que reforça essa convicção; se os que eram jovens na década de 1960 se engajaram no processo revolucionário em função do objetivo de transformar a sociedade, mantendo hoje o objetivo, mas, no geral, mudando o instrumento – método revolucionário – do mais intenso, como a guerrilha e a luta armada, para o menos intenso, como a democracia; se, hoje, a situação de injustiça social continua, então não é a desigualdade social que faz a revolução, da qual pode ser a motivação, mas a atitude revolucionária, a qual é mais acentuada nos jovens do que nos maduros.

Retomando o que observamos nas entrevistas, podemos dizer que as opiniões dos revolucionários brasileiros da década de 1960 estão em harmonia e corroboraram as observações que recolhemos ao longo da pesquisa.

Seus depoimentos mostram um arrefecimento do ânimo revolucionário, especialmente quanto ao uso de instrumentos mais contundentes como a guerrilha ou a ação armada, mas mantêm um ideal revolucionário de sociedade como conteúdo e acreditam na democracia como seu instrumento.

Mostraram, em sua avaliação, dois perfis claramente demarcados, de acordo com os dois grupos de idade aqui estudados. O da juventude, na década de 1960, com sua militância política e revolucionária intensa, e o da maturidade, com menor intensidade e frequência, conforme o gráfico ajudou a ilustrar.

Afirmaram que reconhecem na juventude características e atributos que facilitam o engajamento revolucionário, confirmando, portanto, que sua atitude revolucionária é mais acentuada do que a dos maduros.

Há uma relação inversa entre o conceito de revolução e atitude revolucionária, ou seja, quanto mais intenso o conceito de revolução, menos intensa a atitude revolucionária. As entrevistas revelam essa mesma tendência. Enquanto na década de 1960 os revolucionários viam a revolução sendo realizada pela guerrilha, pela ação armada.

pela tomada violenta do poder, hoje a vêem podendo ser realizada pela democracia, pela via institucional. Isso apóia a explicação do alto índice de adesão à revolução como instrumento para realizar as transformações sociais.

### **A revolução: possível e provável**

A pesquisa mostra que o povo quer fazer a revolução e a quer pelas vias democráticas. Não quer delegar a tarefa de fazer a revolução. Daí o alto índice de atitude revolucionária se concentrar no conceito de revolução como mudança. O conceito de revolução aqui detectado aponta não para uma preparação, para o planejamento de um único ato para fazer a mudança, e sim para uma visão social-democrata, ou seja, a revolução é o resultado de um processo permanente de transformações profundas e de mudanças estruturais. Não é uma acumulação de forças que ao final provoca uma ruptura, uma tomada violenta do poder. A pesquisa mostra que existe atitude revolucionária, que se quer fazer profundas modificações na sociedade brasileira, já que não se aceita mais pacificamente essa sociedade que está aí, e que o processo revolucionário contempla um país melhor e mudanças sociais. O projeto revolucionário que se quer não será buscado por meio da tomada violenta do poder, mas sim por permanentes e profundas mudanças sociais.

**Tabela 84 – Percentual de conceito de revolução pelos que têm atitude revolucionária**

<b>Conceito de revolução</b>	<b>Baixa</b>	<b>Média</b>	<b>Alta</b>	<b>Total</b>
Mudanças	53	61	69	64
Tomada violenta do poder	31	27	25	26
Violência ou agressão	16	12	06	10
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

A democracia parece ser o grande instrumento eleito para realizar as transformações sociais apontadas nos questionários e nas entrevistas. Nossa percepção, no entanto, pelo que se viu no questionário, é que o anseio por mudanças estruturais e revolucionárias é muito forte e que, se não realizadas democraticamente pela via institucional, elas poderão vir por instrumentos revolucionários mais intensos.

Tanto nas entrevistas dos revolucionários como nos questionários, parece afastado o uso do instrumento das chamadas “vanguardas revolucionárias” para realizar a revolução. Ficou patente a defesa do engajamento de amplas camadas da população no processo revolucionário.

Concluimos que a atitude revolucionária existe em alto percentual no conjunto dos entrevistados e que ela é mais forte nos jovens do que nos maduros. Vimos que ela é, nos jovens, mais freqüente, mais intensa e mais consistente e que essa dimensão se mantém qualquer que seja o conceito de revolução dos entrevistados. Anotamos que ela não está condicionada pelas regiões, tipos de cidade, religião dos indivíduos, *status* socioeconômico da família dos jovens ou condição de estudante. Ela é, pois, decorrente da própria condição de juventude. Pelos depoimentos colhidos em entrevistas com revolucionários brasileiros foi possível, por meio de suas opiniões e da evolução de seu próprio testemunho de vida, corroborar essas conclusões.

A surpresa com este estudo refletiu-se na comprovação de uma alta incidência de atitude revolucionária entre os maduros.

## **A revolução no Brasil**

A história política das últimas décadas ensina-nos que o Brasil viveu um período de liberdades democráticas entre 1945 e 1964. As instituições funcionando, os partidos políticos, no geral, podendo organizar-se e atuar livremente, eleições livres e periódicas, enfim, ainda que com alguns percalços aqui e ali, a democracia podia ser identificada. Tínhamos, portanto, um regime de liberdade. Éramos, no entanto, como somos ainda, uma sociedade profundamente desigual: poucos com muito e muitos com pouco ou nada. Funcionava a democracia formal, mas não a democracia substancial. Essa desi-

gualdade fornecia o combustível para uma efervescência social que se acentuava mais e mais. O povo organizando-se e pressionando agitava a Nação, exigindo reformas.

Na esteira dessa mobilização, o presidente da República, que tinha origem em partido de base popular<sup>19</sup> e assumira com a renúncia do titular, patrocinou um ousado plano de transformação econômica e social chamado de Reformas de Base.

As classes mais abastadas, as elites e a alta burguesia nacional, sentindo seus privilégios ameaçados, e sob a alegação de ameaça comunista, também se mobilizaram em atitude contra-revolucionária. O Exército, a quem incumbiria a tarefa constitucional de defender o povo e a soberania nacional, com apoio dos Estados Unidos,<sup>20</sup> promoveu o Golpe de Estado interrompendo o processo democrático de liberdade e, em conseqüência, o processo de transformação social que ele possibilitava.

Durante longo período, os militares mantiveram o país sob seu jugo. Sentindo a pressão popular, um de seus ditadores prometeu a retomada da democracia por meio do que chamou de “abertura lenta, gradual e segura”, ou seja, sob seu controle. Na ponta desse processo, um movimento popular de grandes proporções, denominado Diretas-Já, buscava a autonomia popular no processo político. Foi abortado pelas manobras da elite conservadora que frustrou a esperança, rejeitando, por meio do Congresso Nacional, que deveria representar o povo, a emenda à Constituição que instituiria esse direito. O retorno à democracia, sob controle, deu-se por meio de um colégio eleitoral. Só em 1985, 21 anos depois do golpe, é que o Brasil pôde retomar o caminho democrático.

Se tivermos presente o que nos ensina Arendt,<sup>21</sup> saberemos que um dos principais fundamentos pelos quais se realizam as revoluções é a busca da libertação. A libertação da opressão, que visa à liberdade e à libertação das necessidades, que visa à igualdade.

---

<sup>19</sup> João Goulart era do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

<sup>20</sup> Hannah Arendt, em seu livro *Da revolução*, fala-nos da presença dos Estados Unidos em ações contra-revolucionárias, o que é, no seu entender, uma das razões pelas quais a Revolução Americana não tem o destaque e a importância que merecia, se comparada à Revolução Francesa.

<sup>21</sup> Hannah Arendt, *op. cit.*

No Brasil pré-64, a liberdade abria o caminho para a busca de mais igualdade, caminho que foi interrompido pelo Golpe de Estado e só retomado com a redemocratização, controlada, conforme vimos. No bojo dessa redemocratização, encaminhou-se uma profunda transformação institucional, tanto que foi realizada por uma Assembléia Nacional Constituinte. A Constituição que emergiu desse processo, verdadeira batalha entre as forças de esquerda, representadas pelo Movimento de Unidade Progressista (MUP), e as de direita, representadas pelo conjunto de forças conservadoras de vários partidos (Centrão), consumou nova frustração ao povo brasileiro, eis que seu texto nunca foi adequadamente regulamentado e jamais implementado no que previa uma sociedade mais participativa e igualitária.

De toda sorte, essas liberdades democráticas possibilitaram uma maior presença popular nos rumos do processo político brasileiro, tanto que até o impedimento de um presidente da República foi possível pelas vias institucionais. É preciso registrar aqui, pela importância que tem em nossos estudos, que tal feito foi possível, em grande parte, pela presença de um forte movimento de juventude conhecido como “caras-pintadas”. Quando a juventude entrou para valer, o movimento teve conseqüências.

Retomamos, portanto, as liberdades democráticas, a libertação da opressão para a liberdade, a democracia formal. Há, no entanto, o segundo estágio pendente, a libertação das necessidades. Segundo o atual presidente da República,<sup>22</sup> o “Brasil não é um país subdesenvolvido, o Brasil é um país injusto”.

O Brasil é um país injusto porque é um país socialmente desigual. “O Brasil é, de longe, o país com o mais elevado grau de desigualdade do mundo.”<sup>23</sup> Verdadeiros abismos de diferenças de renda separam uns poucos que ganham muito, e cada vez mais, e se distan-

---

<sup>22</sup> Fernando Henrique Cardoso, em seminário do Laboratório de Aprendizagem Política (LAP), Instituto Teotônio Vilela (ITV).

<sup>23</sup> *Ipea – Bem-estar, pobreza e desigualdade de renda: Uma avaliação da evolução histórica e das disparidades regionais*, Ricardo Paes de Barros, Rosane Silva Pinto de Mendonça e Renata Pacheco Nogueira Duarte, Rio de Janeiro, janeiro de 1997.

ciam cada vez mais de uma imensa maioria que ganha pouco ou nada.<sup>24</sup>

Estudos recentes da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que um em cada três brasileiros pode ser considerado pobre e que 10% da população brasileira, cerca de 16 milhões de habitantes, seria de miseráveis. Outros estudos desenvolvidos pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea) nos informam que 57 milhões de pessoas vivem com menos de meio salário mínimo no Brasil.<sup>25</sup> Segundo o mesmo Ipea, entre 1990 e 1998, a concentração de renda aumentou no Brasil, pois os 50% mais pobres reduziram de 12,75% para 11,25% sua participação na renda nacional no período citado. Já os 20% mais ricos, passaram de 62,80% para 63,80% sua participação na renda nacional no mesmo período.<sup>26</sup>

As necessidades que motivaram as reformas que o Golpe de 1964 trancou continuam, agora agravadas. É um vulcão impedido de expelir sua lava. Retomamos, é verdade, o caminho das liberdades democráticas, mas não o caminho do encurtamento das distâncias sociais, o que poderia ocorrer por meio de profundas transformações estruturais. A exigência da revolução para a libertação das necessidades continua. Os brasileiros pesquisados mostram disposição para realizar essa tarefa. A juventude tem esta atitude mais acentuada do que os maduros...

---

<sup>24</sup> Sobre o problema de distribuição de renda no Brasil ver: 1) Carlos Geraldo Langoni, em *Distribuição de renda e desenvolvimento econômico no Brasil*, Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1973, p. 55-77; 2) IBGE – *Indicadores Sociais*, Rio de Janeiro, 1995, p. 181-186. IBGE – *Série Estudos e Pesquisas*, Rio de Janeiro, 1999, p. 106-111. IBGE – *Série Estatísticas Retrospectivas*, Rio de Janeiro, 1986, p. 75. Ipea – *Distribuição de renda no Brasil: Avaliação das tendências de longo prazo e mudanças na desigualdade desde meados dos anos 70*, Regis Bonelli e Lauro Ramos, janeiro de 1993.

<sup>25</sup> *Zero Hora*. “Lula e ACM pregam união contra a miséria”, 15/10/99.

<sup>26</sup> *Correio Braziliense*. “Desemprego é o grande problema do Brasil”, 13/10/99.





## Capítulo VIII

### Podemos garantir democracia?

Se o eixo para o desencadear de um processo revolucionário é a situação social, a democracia pode estar ameaçada. E o que fazer para reverter essa situação? É ainda possível a democracia?

Chegamos a um ponto no qual os jovens, mais do que os maduros, estão inconformados com a imensa desigualdade social. Talvez a única certeza que tenhamos é a de que o futuro é deles, ou seja, inevitavelmente, são eles os principais atores do futuro. Torna-se necessário que reflitamos e busquemos as melhores opções para diminuir as desigualdades sociais.

Um terço da população mundial está excluída da sociedade. No Brasil, essa população é composta de cerca de 57 milhões de pessoas que vivem com menos de meio salário mínimo por mês. A classe média diminuiu e a concentração de renda aumentou significativamente como um fenômeno mundial.

A Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Social, de 1996, em Copenhague, evento que reuniu pela primeira vez o maior número de chefes de Estado para discutir a situação social dos países, concluiu que:

Desenvolvimento econômico só é importante quando leva ao desenvolvimento dos seres humanos. O equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento humano aparece como elemento central se contemplarmos a evolução da humanidade.

Esse equilíbrio é sinal de uma democracia estável, de uma economia saudável e de um profundo desenvolvimento social com respeito às etnias e culturas. Esses são os elementos de uma sociedade estável, mas se um desses elementos se sobrepuser a outro, cria-se o desequilíbrio do conjunto e corre-se o risco de que a lógica econômica comece a ser aplicada sobre as demais dimensões da organização social, à qual efetivamente não corresponde.<sup>27</sup>

Tudo leva a crer que a grande maioria dos chefes de Estado que participaram da Cúpula de Copenhague não foi capaz de seguir tais recomendações e colocou os Estados em situação de risco, pois mesmo os países ricos enfrentam graves problemas de segurança devido ao desemprego, à fome, à pobreza, à discriminação, à violência, às drogas, à instabilidade do sistema político, à destruição do meio ambiente.

Muitas nações tentam, em vão, seguir o modelo de desenvolvimento econômico de alguns países do Hemisfério Norte. Em alguns aspectos podem até obter sucesso, mas, quanto à questão social, não há modelo a ser seguido, pois cada realidade diferente exige um tratamento específico.

A cúpula mostrou também que nenhuma sociedade desenvolvida e estável chegou a esse ponto por meio da exclusão social de grande parte de sua população. Portanto, desenvolvimento e estabilidade pressupõem a incorporação de elementos de equidade social.

O século que termina foi marcado por lutas em favor de liberdade política. O próximo século deverá ser o das lutas por equidade, se desejarmos conservar os princípios históricos da democracia, cuja consolidação exige mais igualdade social e o equilíbrio necessário entre mercado, Estado e sociedade.

O mercado alcançou um desenvolvimento nunca visto, incorporando novas tecnologias e conquistando novos espaços, constituindo-se assim na grande força da globalização. O Estado é o elemento central de estabilidade de qualquer sociedade e deve ser desburocratizado, eficiente e ágil. A sociedade se fortalece com a existência de cidadãos organizados. Quando ela produz excluídos,

---

<sup>27</sup> Hermes Zaneti, *Democracia: a grande revolução*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1997.

revela uma falha estrutural e gera uma ameaça a si mesma. Cada um desses elementos é responsável pelo equilíbrio do outro, pois a lógica do mercado é a competição e a derrota do outro. O Estado sem controle social pode gerar o autoritarismo, o totalitarismo e a injustiça. A sociedade atuando sem limites leva à violência, como a história se encarrega de mostrar.

Diferentes teorias tentam justificar a atuação de cada um desses elementos de forma independente, mas sob elas é possível detectar um grande leque de interesses econômicos excludentes, como a do Estado mínimo, a do mercado livre ou a da sociedade dos meritocráticos. O primeiro passo para o equilíbrio é obtido quando se definem objetivos e princípios comuns e valores a serem compartilhados pela sociedade, pelo mercado e pelo Estado.

Esse equilíbrio é bem específico para cada sociedade e cabe a elas as definições desses objetivos, princípios e valores. Desenvolvimento econômico e estabilidade social e política estão diretamente relacionados com a capacidade de os Estados obterem o equilíbrio de suas contas. Não se pode gastar mais do que se arrecada, mas tanto a arrecadação quanto a sua destinação são objeto de definição política, de prioridades dos governos. A estabilidade econômica é condição necessária, mas não suficiente para o desenvolvimento. Os ajustes são necessários, mas a opção de como fazê-los é política. Fazer com que o ajuste das contas seja sustentado pelos setores mais frágeis econômica e politicamente é uma opção. E não é a única opção.

Toda sociedade deve estar atenta e participar dessa opção. Não faz mais sentido sacrificar o campo social, pois as conseqüências são difíceis de ser revertidas, como na educação, na saúde, na geração de emprego e renda. De nada adianta desenvolvimento econômico concentrado nas camadas privilegiadas da população, à custa do aumento das diferenças sociais, do desemprego e da marginalização, produzindo sistemas educacionais de má qualidade e acesso diferenciado aos benefícios sociais.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), em 50 anos a riqueza mundial foi multiplicada por sete e não pára de aumentar. O número de ricos duplicou. Por outro lado, em 50 anos o número de pobres triplicou no mundo, constituindo um quarto da população mundial. O número de indigentes cresce 25 milhões ao ano, sendo que

840 milhões de pessoas e 160 milhões de crianças estão mal alimentadas. Cerca de um bilhão de pessoas são analfabetas. Mais de um bilhão delas não possuem água potável e mais de 1,3 bilhão vive com menos de US\$ 1,00 por dia. A realidade brasileira integra esse mesmo quadro.

É política e eticamente inaceitável a existência de 57 milhões de brasileiros em estado de pobreza. A construção da democracia supõe direcionar a economia globalizada, as tecnologias de ponta, a defesa do meio ambiente, enfim, a cidadania, a serviço desse objetivo.

A questão social pode ser equacionada com a associação entre os recursos públicos e os privados. Essa é uma questão de prioridade política e não de falta de recursos. O Brasil tem recursos naturais e humanos que permitem a promoção da equidade social. É necessário mobilizar este potencial na busca coletiva de soluções.

Nossa história recente mostra o quanto é difícil obter a democracia e alerta-nos para a fragilidade das instituições democráticas que necessitamos consolidar. Ainda que seja uma democracia mais formal do que substancial, não devemos abrir mão de nenhuma das conquistas tão duramente conseguidas. Consolidar a democracia é nosso dever para com as gerações futuras. E ela está ameaçada por formas de poder oriundas do mundo dos negócios, das finanças, das comunicações, que enfraquecem a ação de atores do governo, dos partidos políticos, dos sindicatos, de organizações representativas da sociedade civil. Essas novas formas de poder possuem baixíssimo grau de responsabilidade social e quase nenhum controle. Manipulam informações e interferem de forma negativa nas relações entre os Estados. Trata-se basicamente do poder da iniciativa privada internacional, que não reconhece fronteiras nem de Estados nem de culturas.

Se há uma descrença na forma de representação política atual é preciso buscar outras alternativas. Os meios de comunicação permitem que tenhamos mais informações a respeito das decisões políticas. Esse fato permite que haja maior participação e integração, o que torna necessária uma atitude mais responsável das instituições com relação ao eleitor e suas reivindicações. Apenas o processo eleitoral não é suficiente para legitimar uma democracia. É preciso educar para a democracia. Direitos e deveres devem ser aprendidos. O avanço sucessivo do número de votos nulos, brancos e abstenções, indicados pelos tribunais eleitorais, deve servir como termômetro para a compreensão do que está ocorrendo.

## A disposição de revolucionar

Um aspecto relevante que essa pesquisa mostrou é que o jovem brasileiro, mais do que os maduros, está disposto a fazer revolução para resolver os graves e crônicos problemas sociais do Brasil. Não é verdade que o jovem brasileiro é pacato e que aceita tudo, que está conformado, submisso, indolente, alheio, dormente. Bem ao contrário, ele tem uma visão crítica dessa sociedade e uma atitude revolucionária perceptível em vários aspectos de seu comportamento.

## Que revolução?

Pela pesquisa observa-se que quanto mais intenso o instrumento revolucionário, menos presente a atitude revolucionária. Há mais disposição para fazer revolução por mudanças sociais usando instrumentos democráticos, ou seja, eles querem participar da revolução, e não apenas apoiá-la ou ficar assistindo.

O jovem não quer que uns poucos “iluminados”, ou o que se chamava ontem de “vanguarda revolucionária”, construam uma nova sociedade. Eles têm consciência de que as elites dominam a sociedade por meio de instrumentos jurídicos, econômicos e de um aparato que, pela força e violência, garante a estrutura da sociedade atual. O jovem mostra pela pesquisa que não está disposto a aceitar nem a “vanguarda revolucionária” nem a elite política dominante.

Ele quer ser ator e não espectador. Quer ser agente de transformação e não vítima. Ser o autor de seu futuro. É preciso ter claro que o jovem não aceita a sociedade atual e está disposto a transformá-la. Mas, se não lhe for permitido usar os meios democráticos de participação para fazer a mudança, é possível vislumbrar a utilização de instrumentos mais intensos do ponto de vista revolucionário para operar essa transformação, ou seja, como ficou visto anteriormente, também nos jovens a vontade de mudar é mais forte do que a vontade de mudar por meios democráticos. Portanto, se a transformação desse tipo de sociedade discriminatória, desigual, não se processar pela via democrática, poderão ser usados instrumentos revolucionários mais intensos, com o uso de armas e a tomada violenta do poder, por perturbações profundas na ordem pública.

Essa visão, que é também dos entrevistados em geral, está vinculada a uma profunda descrença nos atuais instrumentos políticos e partidários. Tais instrumentos produzem um ordenamento imposto à sociedade mediante leis emanadas do poder de uma minoria que detém o controle do Estado. Essas leis não são aceitas por ampla maioria da sociedade, que passa a ser vítima desse processo, desse ordenamento e imposição, mas que começa a reagir. Há razões para essa descrença, como a profunda corrupção na Justiça, o envolvimento de membros do Legislativo, da Polícia e de outros poderes públicos com o narcotráfico, a prática da corrupção impune e a malversação do dinheiro público. As reações mostram que essa situação chegou a um limite. A reação da Igreja ao apresentar ao Congresso Nacional uma emenda constitucional de iniciativa popular para regular o processo eleitoral e o apoio popular recebido pela CPI do Narcotráfico, em todo o país, são exemplos disso.

### Quem são os excluídos?

Há uma elite dominante que criou um modelo de sociedade que usa o sistema econômico e jurídico para oprimir a maioria por meio de todo um aparato, por coação, sem legitimidade. Sérgio Abranches<sup>28</sup> aponta causas estruturais que, se não enfrentadas, contribuem para perpetuar as desigualdades sociais no Brasil. Ensina ele que a evolução de rendimentos das pessoas no Brasil se dá segundo a seguinte ordem, de menor para maior renda: 1º – mulher negra; 2º – homem negro; 3º – mulher branca; 4º – homem branco. Essas são algumas entre muitas raízes da desigualdade social no Brasil e que as instituições, também por deficiência estrutural, não têm enfrentado.

O Congresso Nacional, por exemplo, é uma pirâmide invertida onde uma “minorias” de deputados e senadores representa uma “maioria da sociedade”, e uma maioria desses representa os interesses da minoria da sociedade. Essa pirâmide invertida propicia a construção de um sistema jurídico e legislativo que serve como instrumento legal para manter a extrema desigualdade social.

---

<sup>28</sup> Conferência em seminário do Instituto Teotonio Vilela, Rio de Janeiro, 29/11/99.

A consequência é que essa minoria que vive na opulência, graças à exploração de uma imensa maioria, acaba isolando-se do conjunto social. Esse isolamento, no sentido de se apartarem do conjunto da sociedade, acaba por caracterizar-se também no sentido físico. É cada vez maior o número de ricos que se isola em verdadeiras fortalezas, buscando sua segurança e de suas famílias. Apesar dessas fortalezas, onde vivem como verdadeiros prisioneiros do medo, a segurança não se tem mostrado suficiente. A pirâmide social no Brasil é de tal sorte acentuada que, como diz o professor Milton Santos,<sup>28</sup> a “economia informal”, o “trabalho informal”, os “marginais” e os “excluídos” constituem de fato a sociedade real, a maioria, que acaba vivendo à revelia das leis que são feitas para oprimi-la. Essas leis acabam não sendo obedecidas, gerando uma crise no modelo atual.

Uma das origens dessa crise está na falta de aporte de recursos aos orçamentos públicos decorrente, entre outros motivos, da existência dessa economia informal. Origina-se, também, em um sistema que, ao excluir a maioria, acaba por levá-la a viver à margem dele e, como consequência, o governo não governa os governados.

Nesse sentido, estaríamos vivendo em crise com um conjunto de normas estabelecidas, de fato, para a convivência entre esta sociedade minoritária e a excluída, regida pela imposição da sociedade minoritária, os poderosos isolados. Eles se isolam à medida que criam um sistema de vida social que os aparta do convívio com a maioria. Sendo a maioria a que de fato constitui a expressão maior da sociedade, a realidade, a minoria acaba isolada. Os artificios por ela elaborados para o controle da maioria, não tão desigual entre si, já que se comunica mais horizontalmente, mostram-se a cada dia mais ineficientes, por mais sofisticados que possam ser. A “maioria desigual” não reconhece legitimidade no comando da “minoria isolada”. Os jovens percebem essa situação e propõem nas músicas, nas artes, na comunicação e noutras manifestações culturais e políticas a revolução das condições sociais.

---

<sup>29</sup> Discurso pronunciado na Universidade de Brasília na ocasião da aceitação do título de Doutor *Honoris Causa*, em 11/11/99.

## A revolução interrompida

Constatamos que os pesquisados querem as mudanças sociais e as querem com os instrumentos democráticos de participação de toda a sociedade. É possível que esse desejo de participação não tenha sido percebido no período da revolução brasileira, aquela procedida pelos que lutaram contra a ditadura militar, e mesmo por aqueles que antes já buscavam as reformas de base. O fato de os revolucionários terem se isolado da sociedade, a qual não estava representada também por aqueles que tomaram o poder na contra-revolução, e que também se isolaram, determinou que a sociedade ficasse como espectadora. A sociedade não foi imantada nem pela vanguarda revolucionária nem pelos militares.

A esse propósito, percorrendo os caminhos da Coluna Prestes, em julho de 2000, na fazenda Paraíso, na Chapada dos Veadeiros, no município de Alto Paraíso (GO), ouvimos de seu proprietário, Dimas, um “intelectual orgânico”, uma sábia sentença que traduz a sabedoria popular: “Os revolucionários que formavam a coluna pensavam que a força das armas que portavam era suficiente para fazer a revolução. Estavam enganados. Nenhuma revolução terá sucesso se não contar com a participação popular”.

Talvez esteja aí a principal razão da interrupção da revolução brasileira, ou seja, as forças contra-revolucionárias e as forças da elite dominante acabaram sufocando a revolução brasileira, pois os líderes da revolução pós-64 isolaram-se das massas populares. Se eles tivessem sido capazes de detectar esse processo e criar instrumentos que pudessem catalisar a vontade da sociedade por transformação, teriam enfrentado os militares com eficácia e construído a revolução brasileira. As entrevistas mostram que a vontade que a sociedade tinha, e tem, de fazer a revolução brasileira não foi captada por aqueles que comandavam a revolução.

Muitos anos depois acabou por cair a contra-revolução e prevalecer a devolução das liberdades democráticas. Essas liberdades foram devolvidas pela democracia formal. Esse fato, no entanto, não promoveu a transformação da sociedade no conjunto das necessidades. Apesar de, desde 1985, termos reconquistado a democracia formal, não reconquistamos a democracia substancial no sentido de in-



verter o processo de concentração de renda no Brasil, conforme já vimos.

Os índices da Tabela 27 mostram que 89% dos jovens e 86% dos maduros têm uma visão negativa da atual sociedade.

Somos hoje uma sociedade mais injusta e com renda mais concentrada do que éramos em 1985, embora dados mais recentes do IBGE indiquem que esse quadro começa a se alterar.

O país continua a apresentar uma enorme concentração de renda, com metade da população ocupada recebendo, em média, menos de dois salários mínimos, enquanto apenas 2,3% ganham acima de 20 vezes o salário referência. Mas, em 1998, houve ganhos de renda de 7,7% entre os 10% da população que ganha menos. Por outro lado, entre os 10% com maiores rendimentos, a perda real foi de 1,3%.<sup>30</sup>

O povo, de toda sorte, continua com a determinação de mudar a sociedade por meio de um processo revolucionário, porque o institucional da democracia formal foi incapaz de responder a um dos estágios, definidos por Hannah Arendt, conforme já foi dito, do processo revolucionário. Ela diz que a revolução se dá em dois pilares: primeiro, da libertação da opressão para a liberdade, isso reconquistamos em 1985. O segundo, a libertação das necessidades para a construção de uma sociedade mais igual. Isso não atingimos. Portanto, a base desse alto índice de atitude revolucionária detectada na pesquisa está no segundo pilar de uma revolução.

### **Para que (ou quem) crescimento econômico?**

O Brasil é um país injusto porque é desigual. Por exemplo: com relação à renda *per capita* é como se o cidadão estivesse com a cabeça no forno e os pés no *freezer*. Sua temperatura média é razoável, mas ele vai morrer. Então, não adianta falar apenas em retomar o crescimento econômico.

---

<sup>30</sup> “Aumenta número de crianças na escola”, jornal *Zero Hora*, 1/12/99, p. 49.

# PIB - RENDA PER CAPITA

## R\$ 5.437,50



É preciso retomar o crescimento econômico com base em uma outra proposta na qual este ocorra com redistribuição de renda. É necessário enfrentar a questão que o país foi incapaz de assumir até hoje: crescer redistribuindo. Não é mais possível primeiro fazer o bolo para depois distribuí-lo. A sociedade quer tomar parte na feitura do bolo, e usufruir e desfrutar do seu aproveitamento, simultaneamente, em proporções adequadas à superação das desigualdades. A questão poderia ser traduzida, de forma simples, pelas duas operações aritméticas: + (mais) para quem tem - (menos) e - (menos) para quem tem + (mais). Dividir a renda de forma proporcional às neces-

sidades para multiplicar a velocidade no encurtamento das distâncias que possibilite uma vida mais harmônica em sociedade.

Mecanismos para isso já existem e, só para citar alguns exemplos, lembramos os programas de renda mínima e os programas da bolsa-escola como os que, com sucesso, foram desenvolvidos pelo prefeito José Magalhães Teixeira, o “Gramá”, em Campinas (SP), e pelo governador Cristovam Buarque, em Brasília, entre outros. Para reforçar a idéia de que tais programas são possíveis e só dependem de vontade política, basta lembrar os vultosos recursos destinados, por diferentes governos, a setores e empresas na forma de subsídios e outros títulos.

Como nos alertou a Cúpula de Copenhague, a eliminação da miséria é uma questão de vontade política. Então, qual é a lógica de ver arrecadados no Brasil bilhões de dólares com a venda das estatais e a miséria da população aumentando? Qual é a lógica do aumento expressivo das dívidas externa e interna e da concentração de renda e do número de miseráveis cada vez maior? Já que os recursos existem e são muitas vezes superiores aos necessários à eliminação da miséria, por que isso não ocorre? Como é possível reverter essa situação? Que mecanismos devem ser desencadeados pela sociedade para iniciar um movimento revolucionário?

A questão está posta. Quando se detecta esse alto índice de atitude revolucionária, é preciso tomá-lo como um alerta para que os poderes constituídos tomem as rédeas e façam o que a sociedade está expressando. Se não o fizerem, de alguma forma será feito. A sociedade vai fazê-lo.

## **Radicalizar a democracia**

Será possível imaginar o Brasil desenvolvido com o grau de “enfavelamento” que ele tem? Será possível imaginar o Brasil como um país desenvolvido com os problemas sociais que tem? Será possível imaginar uma sociedade sem violência, quando a violência é gerada por esse tipo de sociedade que condena pessoas a viver em estado de pobreza extrema?

A redução das desigualdades no Brasil revelou-se uma exigência dos entrevistados de nossa pesquisa. Há um elenco de medidas que podem e devem ser adotadas no sentido de obter a redução das distâncias sociais. É nossa crença que esse elenco de medidas, coordenadas num projeto nacional, o Projeto Brasil, podem constituir o elemento catalisador da atitude revolucionária constatada. Acreditamos que, por meio dele, é possível mobilizar essa mesma atitude alcançando o resultado de transformar o Brasil, construindo uma sociedade mais igual. Tais medidas nada têm de novo, mas estão esparsas, descoordenadas e colocadas de forma inadequada, ou mal comunicadas, sem apelo popular. É nossa convicção que, se formuladas num enfoque próprio, engajando a população como um todo, produzirão efeitos extraordinários. Sem dúvida nenhuma, a grande mensagem que se pode ler nas entrevistas é o desejo de participação.

Arrolamos, a seguir, algumas dessas medidas com o intuito de despertar um debate que contribua para fazer emergir esse projeto.

a) *Quem tem medo dos jovens?*

Os jovens revelaram um enorme potencial e uma forte determinação para resolver os problemas sociais e construir um país melhor. É preciso ter coragem para canalizar essa força e levar esse potencial para a realização desse objetivo. Os jovens, no geral, quando não ignorados, são chamados para sacudir bandeirinhas, bater palmas ou agitar em concentrações políticas na promoção de candidaturas e plataformas, sobre as quais nem exerceram influência nem tiveram opção.

Torna-se, pois, necessário abrir espaços à juventude. Abrir-lhes canais de participação. Estimular-lhes a organização. Apoiá-los para que essa organização ocorra nas escolas e universidades, nos locais de trabalho e moradia e em organizações não-governamentais de todo o gênero, nos partidos políticos e, especialmente, nos governos. A criação de organismos especiais de juventude torna-se imperiosa. Alguns estados e municípios já o fazem, embora de forma tímida e reticente.

O que espera o governo federal para tomar esta iniciativa?

### b) *Reforma tributária*

Sabemos que os impostos são instrumentos eficazes, quando bem manejados, para apoiar a construção de uma sociedade mais igualitária. Por exemplo, se é necessário a reforma tributária, pois o governo não consegue arrecadar o suficiente, gerando problemas de receita no Estado, problemas de previdência, etc., isso merece uma reflexão mais profunda. Essa sociedade a quem uma minoria quer impor as normas não está incluída no processo e, à medida que não se sente incluída, passa para a economia informal, uma forma de desobediência civil, inviabilizando os recursos de que o Estado precisaria para contemplá-la.

A economia informal no Brasil é gigantesca. Muitos contribuintes não se sentem incluídos nessa estrutura de sociedade. Mas que sociedade é esta na qual quase 90% está insatisfeita?

A reforma tributária deve vir acompanhada da indagação: como usar os recursos arrecadados? Como motivar a sociedade para uma reforma tributária na qual os recursos arrecadados sejam destinados a solucionar os graves e crônicos problemas sociais. Apenas quando o povo sentir que os recursos públicos serão destinados para democratizar o acesso aos conteúdos da educação, da saúde, dos avanços tecnológicos, ou mesmo para que a favela tenha acesso aos bens que a “sociedade do asfalto” tem, é que poderemos alargar a base da arrecadação de tributos.

### c) *Participação no orçamento*

É preciso produzir no Brasil mecanismo que viabilize a prevalência da vontade popular não só no Poder Legislativo, mas um profundo processo de transformação no controle do orçamento. Por exemplo: o orçamento participativo é um instrumento de extraordinária importância, pois à medida que o povo possa participar da destinação dos recursos arrecadados, ele se sentirá comprometido com o Estado no recolhimento desses recursos, já que ele passa a ser destinatário dos mesmos e não vítima de sua administração, ou seja, à medida que o povo discuta o que fazer com a totalidade dos recursos arrecadados, à medida que o povo sinta que a aplicação do dinheiro com que ele contribuiu por meio de impostos e taxas reverta em benefício da coletividade, teremos uma redução drástica nos níveis de sonegação

fiscal e da atividade informal. Devemos ter presente que isso é motivado, também, por um divórcio entre o que o governo propõe e faz e aquilo que a sociedade necessita e quer.

O orçamento participativo, de que se fala aqui, não pode ser entendido com a conotação partidária de quem pretende se apropriar de experiências ricas desenvolvidas de forma pioneira em Ijuí (RS), Campinas (SP), Lajes (SC), Pelotas (RS), entre outras. Destaque-se, pois, que esse instrumento deve ser compreendido como um mecanismo de participação da sociedade como um todo, no rumo do encaminhamento dado pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul em 1999, por exemplo. O que ele não pode ser é instrumento de um partido, mesmo que este esteja, eventualmente, no poder.

#### d) *Reforma agrária*

É urgente um projeto que leve em conta a necessidade de um novo mapa fundiário e demográfico para o Brasil. A desapropriação de 15 milhões de hectares de terra para efeitos de reforma agrária no Brasil e o assentamento de mais de 300 mil famílias, nos últimos cinco anos, indicam um formidável avanço. Os conflitos em relação ao uso da terra ainda existentes e a gigantesca tarefa da desconcentração populacional que imaginamos, no entanto, demandam mais esforços nesse sentido. Não apenas o acesso à terra, mas a programas de educação para o homem do campo. É fundamental o apoio para as necessidades de produção a fim de que a terra seja usada de forma a não só produzir, mas para ser conservada dentro da ótica do desenvolvimento sustentável com o domínio da biotecnologia e com recuperação e proteção do meio ambiente.

#### e) *A questão do Nordeste*

É imperioso buscar uma solução permanente para o problema da seca do Nordeste. Não é mais possível continuar tratando essa questão como um caso de emergência, pois já se prolonga por algumas décadas.

É uma região rica e importante para o desenvolvimento nacional. Quantos políticos se elegeram com a bandeira da seca, da discriminação do Nordeste? É uma opção política? Quantos “discursos” desapareceriam com essa solução?

f) *A educação*

Tem-se afirmado à exaustão que a educação é o alicerce para um *edifício social* mais equitativo. A experiência tem comprovado que essa afirmação é verdadeira. Parece que o Brasil ainda não apreendeu de forma adequada essa lição, já que, historicamente, a educação tem sido objeto de retórica enfática na proporção inversa dos recursos e a prioridade a ela destinados.

Numa sociedade globalizada a exigência de melhores níveis de formação tornou-se dramática e constituiu condição para o acesso ao trabalho e para a garantia de competitividade. O Brasil ainda não alcançou a posição elementar de garantir a presença de todas as crianças no ensino fundamental. É verdade que tem havido progressos importantes. Ainda segundo o IBGE:

A taxa de escolarização entre crianças de sete a 14 anos já é superior a 90% em todas as regiões do país, até mesmo no Nordeste, que registra o índice mais baixo: 92,3%. No saldo geral, 94,7% de brasileiros nesta faixa etária estudam. Entre 1993 e 1998, o percentual de pessoas acima de dez anos de idade que concluíram o segundo grau subiu de 14,4% para 18%. A taxa de analfabetismo entre dez e 14 anos caiu de 11,3% para 6,9% (...)

Outro dado importante foi a queda do número de crianças de cinco a 14 anos de idade que trabalham. Esse contingente diminuiu de quatro milhões, em 1993, para 2,9 milhões, em 1998.<sup>5</sup>

Mesmo esses avanços não são suficientes para proporcionar uma condição mínima para o país desenvolver-se. Universidades e institutos, com apoio determinado para produzir ensino, pesquisa e extensão, com tecnologia de ponta são indispensáveis para embasar um projeto de desenvolvimento. Lembremos o ensinamento do estadista africano Julius Nierere ao reconhecer na Unesco que, tendo dado prioridade à educação básica, descurando da universidade, viu-se a braços com a dificuldade de não contar com os pensadores, cientistas, enfim, com os arquitetos que lhe ajudassem a edificar a nação.

---

<sup>5</sup> "Aumenta número de crianças na escola", jornal *Zero Hora*, 1/12/99, p. 49.

*g) A reforma da política*

E o que seria uma reforma política do país?

Por exemplo, a reforma partidária? Temos, hoje, mais de 40 partidos políticos, alguns se prestando a ser instrumentos de aluguel para aventureiros.

Para criarmos partidos políticos mais consistentes, tem que haver exigências que condicionem sua existência a uma efetiva base de apoio popular amplo, combinada com instrumentos de democracia interna dos mesmos. Esse fato não pode perder de vista a manutenção de canais que possam expressar caminho de surgimento de novas propostas, de novos rumos para o processo político.

A exigência de fidelidade partidária, entendida como o partido fiel aos seus membros no cumprimento de seus programas e o candidato fiel ao seu partido enquanto vinculado a esta proposta, torna-se indispensável.

A possibilidade de os partidos políticos terem uma vinculação maior com toda a sociedade, como caminho de representação efetiva, deve ser contemplada. Deve haver critérios rígidos na escolha de candidatos. Hoje, os partidos estão fortemente comprometidos porque há envolvimento de representantes políticos com o narcotráfico, com a corrupção ou a busca de privilégios pessoais. Existe até mesmo o comprometimento dos mandatos por intermédio de quem lhes financia as campanhas, tornando os eleitos reféns de interesses pessoais ou de grupos, e não representantes do povo. Surge daí a necessidade de que o poder público financie os partidos políticos, financie as candidaturas, pois assim estará garantindo igualdade de condições para todos os partidos e candidatos. Isso facilitará o necessário equilíbrio entre os interesses de representantes e representados, eleito e eleitor. Não haverá mais a necessidade de o candidato comprar o voto no sentido de buscar recursos e comprometer o seu mandato não com quem vota, mas com quem lhe deu o recurso para comprar o voto do eleitor.

Nenhuma reforma política, no entanto, será efetiva sem o necessário controle popular. Tal controle só será possível à medida que se efetivar a implantação do parlamentarismo simultaneamente ao voto distrital misto e ao voto “destituente”. O parlamentarismo é o instrumento capaz de viabilizar uma permanente interação entre o pulsar



das ruas e o governo, entre o povo e o exercício do poder, entre representantes e representados. A implantação do voto distrital misto permite uma relação permanente entre eleitor e eleito, com a consequente cobrança e prestação de contas sobre o desempenho do mandato. Essa proximidade facilita a avaliação constante, o controle e o exercício da pressão no desempenho do mandato. O voto “destituínte” é a possibilidade de retirar a representação do parlamentar que não a esteja exercendo a contento. Somente a possibilidade dessa retirada, que poderia ser feita por meio de plebiscito, serviria como instrumento de controle e pressão para a efetiva expressão da vontade popular.

São algumas idéias que podem nos ajudar a avançar no caminho da reforma dos instrumentos políticos, partidários e mesmo institucionais.

#### *h) Outras reformas*

A aplicação de programas de “desfavelização”, de saúde, de saneamento básico, de habitação e de segurança é necessária e pode ser feita com participação popular.

### **A necessária união da esquerda**

Esse conjunto de reformas não será alcançado sem um amplo movimento social de base. Ouve-se, com freqüência, hoje, a idéia de que não faz mais sentido falar em esquerda e direita. No entanto, Norberto Bobbio, um dos mais brilhantes pensadores políticos, mostra-nos que a esquerda e a direita possuem propostas muito distintas para a sociedade. A direita é a que busca o lucro a qualquer preço, faz do mercado o “deus”, propõe a sociedade fundada no individualismo. E a esquerda é formada por todos aqueles que querem uma sociedade mais igual, com a visão de que os indivíduos precisam viver e construir a coletividade, em comunhão com os outros, na busca do bem-estar do conjunto.

A sociedade baseada no individualismo, no “deus Dinheiro”, supõe um conflito permanente entre os indivíduos, pois um tem sempre que estar em uma posição superior ao outro. Supõe a desigualdade. E, no limite, impossibilita a vida no planeta. Essa sociedade do confli-

to está comprometendo as condições de existência no futuro. Em nossa visão, essa sociedade será substituída, devido ao instinto de sobrevivência do homem, pela sociedade da cooperação. O próximo milênio será o da cooperação, pois a disputa leva à violência, já que esta é necessária para subjugar o outro, dominar e usar o outro em função do objetivo que é o lucro.



## ESQUERDA

- Social



- Sociedade Igualitária



## DIREITA

- Indivíduo



- Lucro



E essa nova sociedade que ressurge com os novos movimentos de massa será a sociedade com propostas de esquerda, da cooperação, de mais igualdade. Não há mais lugar para a sociedade do conflito, pois os homens precisam de cooperação para sobreviver no planeta.

### **A sociedade da cooperação**

A sociedade da cooperação é essencialmente democrática, pois todos definem os rumos que servirão a todos e todos ajudarão a construir o tipo de sociedade que beneficie a todos. Essa é a essência da democracia, pois concilia liberdade com igualdade, que é o resultado do trabalho e da cooperação de todos. Nesse sentido, sabemos que se buscarmos ser mais iguais e, à medida que isso aconteça, seremos mais livres e produziremos um tipo de sociedade em que decidiremos os rumos e construiremos esses rumos coletivamente. Isso possibilitará a sobrevivência do homem no planeta.

A questão que se coloca então é a seguinte: queremos uma nação para todos, com uma sociedade mais justa em que todos possamos viver melhor, ou desejamos manter esse modelo de sociedade de conflito, de violência? É uma decisão a ser tomada! Há uma obra coletiva a ser realizada com perspectiva de uma sociedade mais justa e menos violenta, menos corrupta, menos discriminatória, mais igual. A pesquisa mostrou que há disposição revolucionária para construí-la.

### **Retomando a revolução**

Assim como um razoável período de liberdades democráticas permitiu à sociedade brasileira elaborar um projeto, “As Reformas de Base”, acreditamos que as condições atuais permitem e estimulam o florescer de um Novo Projeto.

Mas precisamos definir um outro tipo de inclusão. A vontade manifesta de uma ação revolucionária revela a tomada de consciência de que queremos viver melhor. A dimensão geográfica de nosso território, os nossos solos produtivos, a nossa Amazônia, os nossos imensos recursos hídricos, a riqueza de nosso subsolo.... enfim, os

recursos que a natureza nos deu, revelam o potencial para construir uma grande nação. A vontade e os recursos mostram que podemos fazê-lo e temos as condições para tal. Muitas sociedades já esgotaram suas possibilidades. Esse não é o nosso caso. Temos potencialidades não ativadas que podem levar a sociedade brasileira a atingir melhores condições de vida.

Precisamos estabelecer para nós mesmos o nosso modelo. O modelo de desenvolvimento dos países ricos faliu. Esgotou as possibilidades de futuro para a maioria da população mundial. O resultado da disputa gerou o conflito. Conflito entre as pessoas, os países e do ser humano com a natureza. No conjunto, ameaça as condições de vida no planeta. A sociedade brasileira não seguirá esse modelo falido. Nosso modelo deve valorizar a solidariedade, a cooperação, as desigualdades regionais e culturais. Um modelo de convivência integrado e equilibrado com o meio ambiente.

Como ativar o potencial revolucionário do povo brasileiro para construir essa sociedade mais harmônica afastando o risco de uma ativação negativa? É preciso um modelo que contemple as reais necessidades e desejos da sociedade. A sociedade brasileira já amadureceu o suficiente e é capaz de elaborar o projeto de sociedade para catalisar o potencial revolucionário e realizar a Revolução para construir um país melhor e resolver os problemas sociais.

Nossa pesquisa mostra que há, na sociedade brasileira, uma força disponível com atitude revolucionária para ser ativada e realizar a transformação social. Indicamos que existem recursos suficientes para realizar esta tarefa.

O desafio é: como mobilizar esse potencial revolucionário?

## Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. e Horkheimer, Max. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor. *Personalidade autoritária*. São Paulo: Ática, 1984.
- ARENDT, Hannah. *Da violência*. Tradução Maria Cláudia Drummond Trindade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- . *Da revolução*. Tradução Fernando Dídimo Vieira. São Paulo: Ática, 1988.
- ATLE, Clement. *Bases e fundamentos do trabalhismo*. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 1998.
- BAHIA, Renato. *O estudante na história nacional*. Bahia: Progresso, 1954.
- BARBU, Zevedei. *Psicologia da ditadura e da democracia*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. 3v. V.1.
- BERNSTEIN, Eduard. *Socialismo evolucionário*. Brasília: Instituto Teotônio Vilela/Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BICUDO, M. A. V. e ESPOSITO, V. H. C. *Pesquisa qualitativa em educação*. Piracicaba (SP), 1994.
- BOBBIO, Norberto et alli. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- BRITTO, Sulamita de. (Org.) *Sociologia da juventude I*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

- *Sociologia da juventude II*. Rio de Janeiro: Zahar. 1968.
- *Sociologia da juventude III*. Rio de Janeiro: Zahar. 1968.
- *Sociologia da juventude IV*. Rio de Janeiro: Zahar. 1968.
- CARNOY, Martin. *Estado e teoria política*. São Paulo: Papirus. 1990.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 1988.
- COUTINHO, Marcelo. J.V. “Comportamento eleitoral – O jovem em perspectiva”. Brasília, 1995 (mimeografado).
- DECOUFLÉ, André. *Sociologia das revoluções*. Tradução de Heloísa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1970.
- DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1980.
- ERIKSON, Erik. *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar. 1972.
- ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Brasil. Lei nº 8.069 de 13/7/1995.
- FAGUNDES, José. “Movimento estudantil no período de abertura política – 1978-80”. In *Educação Brasileira*. Brasília, 13(26): 163-177. 1º semestre, 1991.
- FAU, René. *Les groupes d'enfants et adolescents*. Paris. 1952.
- FERNANDES, Florestan. *O que é revolução*. São Paulo: Brasiliense. 1984 (Coleção Primeiros Passos).
- FERREIRA, Simone N. “Perfil do eleitor brasiliense de 16/17 anos no Cean em 1994”. Brasília, 1997 (monografia de graduação. Departamento de Ciência Política da Universidade de Brasília).
- FREI BETO. *Batismo de sangue: dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1983.
- FREITAG, Bárbara. *Consciência e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra. 1993.
- FROMM, Erich. *Conceito marxista do homem*. Rio de Janeiro: Zahar. 1967.

- GOEENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira. Das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.
- GRISSET, A e KRAVETZ. *Les temps modernes*. Paris, 1965.
- GUIGOU, Jaques. *Revue de l'Action Populaire*, Paris, nº 189, jun./1965.
- GURR, Ted. R. *Manual do conflito político*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.
- HITE, Shery. *Relatório Hite sobre a família*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995.
- HORA, M. Dayse. "Comunicação de massa e política na percepção dos jovens de 16 e 17 anos". Rio de Janeiro, 1990 (dissertação de mestrado, Centro de Educação e Humanidades, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro).
- IANNI, Otávio. *Industrialização e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- KRECH, David et alli. *O individuo na sociedade. Um manual de psicologia social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1975. Primeiro volume.
- LAPASSADE, Georges. *L'Entrée dans la vie: Essai sur l'inachèvement de l'homme*. Paris, 1963.
- LASCH, Christopher. *A rebelião das elites e a traição da democracia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.
- LAZARSELD, Paul F. et alli. *Voting: a study of opinion formation in a presidential campaign*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.
- LIPSET, Seymour M. *University Students and politics in underdeveloped countries*. Berkeley University, 1965.
- *The political behavior of University Students in developing nations*. Berkeley University, 1964.
- LUCAS, Randolph. *Democracia e participação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- MANNHEIM, Karl. *Diagnóstico do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

- MARTINS FILHO, João R. *Movimento estudantil e ditadura militar*. São Paulo: Papirus, 1987.
- MARX, Karl. *Manuscritos de 1844 – Trabalho alienado*. Paris: Sociales, 1969.
- MATOS, Bráulio T. P. “Paidéia brasileira e cidadania animal”. Brasília, 1989 (tese de doutorado, Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília).
- MELOTTI, Umberto. *Revolución y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1971.
- MUNÓZ, Francisco. “La juventud. clave de la gobernabilidad”. In Alicia Fraerman (org). *Gobernabilidad y sociedad civil*. Madrid: Ed. Comunica, 1997. Epílogo, p. 231-235 (Colección Utopos).
- NAZZARI, Rosana K. “Socialização política e construção da cidadania no Paraná, 1993-1994”. Porto Alegre, 1995 (dissertação de mestrado em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).
- NUNES, Augusto. “1968, de erro em erro, a caminhada rumo ao Ato nº 5”. In revista *Veja*, 29/3/78.
- PIAGET. *Handbook of child development*. Mussen (ed.). New York: Willey, 1983.
- POERNER, José. *O poder jovem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- RODNEY, Arismendi et alli. *América Latina, problemas y perspectivas de la revolución*. Praga: Paz y socialismo, 1966.
- SCHMIDT, Benício. “O perfil do PSDB no contexto da social-democracia”. Brasília: DataUnB, maio/1998.
- SIGRIST, José Luiz. *A JUC no Brasil. Evolução e impasse de uma ideologia*. São Paulo: Cortez/Unimep, 1982.
- SIRKIS, Alfredo. *Os carbonários. Memórias da guerrilha perdida*. São Paulo: Global, 1980.
- SKEFF, Ana M. F. “Organização departamental e produção científica”. Brasília, 1977 (dissertação de mestrado, Universidade de Brasília).



- SOARES, Gláucio Ary Dillon e WALTER, Maria Inez M. T. "O povo e a PM: percepção da população do Distrito Federal sobre a Polícia Militar". Brasília, 1998 (pesquisa DataUnB).
- SOUZA, Connia Ayda. "Socialização política. A família e a escola na formação das atitudes e comportamentos políticos dos adolescentes de Porto Alegre". 1983 (dissertação de mestrado em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul).
- SULLOWAY, Frank. "Nascido para ser rebelde". In revista *Veja*, 23/10/96.
- TODOROV, Maria Sílvia. "Origem sócio-econômica, experiência urbana e sucesso no vestibular". Brasília, 1977 (dissertação de mestrado em Sociologia da Universidade de Brasília).
- TROTSKI, León. *La revolucion trahie*. Paris, 1936.
- UNGER, Nancy Mangabeira. *O encantamento do humano. Ecologia e espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1991.
- WASELFISZ, Júlio J. (Coord. técnica.) Unesco. *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez, 1998.
- WOLF, Eric. R. *Guerras camponesas do século XX*. São Paulo: Global, 1984.

---

---

## Anexos

### ANEXO A: QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES  
INTERNACIONAIS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

1.QUESTIONÁRIO No.[_____] DATA DA ENTREVISTA: [___/___/___]
2.CIDADE: _____[     ] ESTADO[_____] (ver tabela)
ENDEREÇO: _____ _____
_____TEL: _____
NOME DO ENTREVISTADOR: _____



6. Até que ano o Sr.(a) estudou ou estuda? (INDIQUE O NÍVEL – PRIMÁRIO, GINÁSIO, PRIMEIRO GRAU, SEGUNDO GRAU, SUPERIOR, ETC. – E A ÚLTIMA SÉRIE CURSADA)

1[ ] Primeiro grau : 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8

2[ ] Segundo grau: 1 - 2 - 3

3[ ] Superior: 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6

4[ ] Pós-graduação

9[ ] JNR

7. Qual é a sua profissão? (INDIQUE O MAIS DETALHADAMENTE POSSÍVEL, LEMBRANDO-SE DE QUE PROFISSÃO É DIFERENTE DE CARGO OU FUNÇÃO)

.....[ ] 9[ ] JNR

8. O Sr.(a) está trabalhando atualmente? (MARCAR APENAS UMA RESPOSTA)

1[ ] Sim

2[ ] Não, porque está aposentado

3[ ] Não, porque está desempregado

4[ ] Não, porque está procurando emprego pela primeira vez

5[ ] Não, porque é dona-de-casa

6[ ] Não, porque é estudante

9[ ] JNR

9. Caso não trabalhe, ou mesmo trabalhando com rendimento insuficiente para manter-se, qual a profissão da pessoa responsável pelo seu sustento?.....[ ] 9[ ] JNR

10. O Sr.(a) (ou a pessoa responsável pelo seu sustento) trabalha como: (MARCAR APENAS UMA RESPOSTA)

1[ ] Empregado de empresa privada

2[ ] Empregado do setor público (servidor público)

3[ ] Autônomo, estabelecido ou não

4[ ] Profissional liberal

5[ ] Empresário, empregador 9[ ] NS/NR

**ANOTAR SEM PERGUNTAR:**

11. Sexo: 1[ ] Masculino 2[ ] Feminino 9[ ] NR  
 12. Grupo étnico: 1[ ] Branco 2[ ] Negro 3[ ] Mestiço 4[ ] Asiático  
 9[ ] NR

Agora eu vou ler para o Sr.(a) o nome de algumas organizações ou associações. Quero que o Sr.(a) diga **SOMENTE TRÊS** das quais o Sr.(a) tem vontade de participar: **(MARCAR APENAS AS QUE ELE MENCIONAR)**

Tem vontade de participar	<u>Já participou ou participa de alguma delas?</u>
13. Movimento ecológico (preservação do meio ambiente) 1[ ]	1[ ] SIM 2[ ] NÃO
14. Movimento de defesa dos direitos da mulher 1[ ]	1[ ] SIM 2[ ] NÃO
15. Associação de ajuda a crianças de rua 1[ ]	1[ ] SIM 2[ ] NÃO
16. Associação de defesa dos direitos humanos 1[ ]	1[ ] SIM 2[ ] NÃO
17. Movimento contra a discriminação dos negros 1[ ]	1[ ] SIM 2[ ] NÃO
18. Movimento contra a fome e a miséria 1[ ]	1[ ] SIM 2[ ] NÃO

Agora vou falar um pouco sobre assuntos de crença e de fé. Diga se o Sr.(a) acredita em alguma dessas coisas:

**(LER CADA UMA E PERGUNTAR: ACREDITA OU NÃO ACREDITA?)**

19. Deus	1[ ]ACREDITA	2[ ]TEM DÚVIDAS	3[ ]NÃO	9[ ]NR
20. Reencarnação	1[ ]ACREDITA	2[ ]TEM DÚVIDAS	3[ ]NÃO	9[ ]NR
21. Diabo	1[ ]ACREDITA	2[ ]TEM DÚVIDAS	3[ ]NÃO	9[ ]NR
22. Magia	1[ ]ACREDITA	2[ ]TEM DÚVIDAS	3[ ]NÃO	9[ ]NR
23. Milagres	1[ ]ACREDITA	2[ ]TEM DÚVIDAS	3[ ]NÃO	9[ ]NR

24. Pensando bem em como as coisas vão indo, em geral, o Sr.(a) se sente:

1[ ]Muito satisfeito

2[ ]Pouco satisfeito

3[ ]Insatisfeito                      9[ ]NS/NR

25. O que é que o Sr.(a) acha que decide a vida das pessoas: (LER CADA ALTERNATIVA. MARCAR UMA RESPOSTA SÓ)

1[ ]A sorte                                      4[ ]A origem social

2[ ]A vontade de Deus                      5[ ]O governo

3[ ]O esforço pessoal                      6[ ]O estudo                      9[ ]NS/NR

Quais das imagens abaixo melhor expressam o que é a nossa sociedade hoje? (LER CADA LINHA E MARCAR APENAS UMA OPÇÃO POR LINHA)

26	1[ ]	Generosidade	2[ ]	Egoísmo
27	1[ ]	Responsabilidade	2[ ]	Irresponsabilidade
28	1[ ]	Valorização da ética	2[ ]	Valorização da riqueza

29	1[ ]	Honestidade	2[ ]	Desonestidade
30	1[ ]	Igualdade	2[ ]	Privilégios, desigualdade
31	1[ ]	Organização	2[ ]	Desorganização
32	1[ ]	Modernidade	2[ ]	Atraso
33	1[ ]	Democracia	2[ ]	Autoritarismo
34	1[ ]	Valorização do social	2[ ]	Individualismo
35	1[ ]	Paz, tranqüilidade	2[ ]	Violência

Marque, no quadro abaixo, somente as coisas pelas quais o Sr.(a) seria capaz de **LUTAR DE TODAS AS MANEIRAS**

36	Liberdade de participar, de opinar, etc.	1[ ]
37	Igualdade de direitos e de condição social	1[ ]
38	Progresso profissional e financeiro pessoal	1[ ]
39	Fim da corrupção entre os governantes	1[ ]
40	Preservação do meio ambiente	1[ ]
41	Justiça verdadeira para todos	1[ ]
42	Segurança e conforto para a sua família	1[ ]
43	Paz e tranqüilidade social	1[ ]
44	Fim da miséria	1[ ]
45	Outro:.....	1[ ]

46. Qual é a sua opinião sobre a obediência à autoridade? (**MARCAR APENAS UMA RESPOSTA**)

1[ ] A autoridade deve ser sempre obedecida, não importando se existe justiça ou não

2[ ] A autoridade só deve ser obedecida quando existe justiça

3[ ] Quando existe verdadeira injustiça as pessoas devem lutar contra a autoridade

9[ ] NS/NR



47. Sobre a política e a vida na sociedade, com qual das opiniões o Sr.(a) CONCORDA MAIS? (LER TODAS AS FRASES E MARCAR UMA SÓ RESPOSTA)

1[ ] Seria necessário acontecer uma transformação radical que mudasse tudo

2[ ] Seria necessário corrigir apenas algumas coisas sem mexer com o que está dando certo

3[ ] O melhor é que as coisas continuem como estão      9[ ] NS/NR

48. Com qual das afirmações abaixo o Sr.(a) CONCORDA MAIS? (MARCAR APENAS UMA RESPOSTA)

1[ ] A vida no Brasil é controlada pelos ricos e poderosos

2[ ] O que acaba vencendo é o interesse da maioria do povo

3[ ] A maioria do povo só pode ter chance se for capaz de lutar pelos seus direitos

9[ ] NS/NR

49. Quando existem grandes injustiças na vida em sociedade, o que o Sr.(a) acha que cada um deve fazer? (MARCAR APENAS UMA ALTERNATIVA)

1[ ] Esperar que as coisas mudem por si mesmas, com o tempo

2[ ] Cada um deve se defender da injustiça por si mesmo, o melhor que puder

3[ ] Cada um por si deve protestar contra a injustiça e esperar que a situação melhore

4[ ] As pessoas devem se organizar para se proteger juntas contra a injustiça

5[ ] As pessoas devem lutar juntas para mudar todo tipo de situação de injustiça

9[ ] NS/NR

Agora vou ler para o Sr.(a) algumas opiniões que as pessoas têm sobre a vida política. Quero que o Sr.(a) diga se concorda ou discorda.



dissesse quais as TRÊS MAIS IMPORTANTES, POR ORDEM DE IMPORTÂNCIA.

- |                       |  |
|-----------------------|--|
| 1. Dinheiro, conforto | 5. Igualdade, justiça                        |
| 2. Ordem, autoridade  | 6. Possibilidade de mudança                  |
| 3. Liberdade          | 7. Solidariedade, confiança entre as pessoas |
| 4. Segurança          | 8. Outra (dizer qual):.....                  |

A- A mais importante [ ]

B- A segunda mais importante [ ]

C- A terceira mais importante [ ]

57. Com qual das afirmativas abaixo o Sr.(a) CONCORDA MAIS?  
(MARCAR APENAS UMA RESPOSTA)

1[ ] Todas as pessoas devem viver em liberdade e levar sua vida como bem quiserem

2[ ] Todas as pessoas devem viver numa sociedade mais igualitária, em condições equivalentes

9[ ] NS/NR

58. Qual é, na sua opinião, o problema MAIS GRAVE do país hoje em dia, que precisa ser resolvido o mais urgente possível? (MARCAR APENAS UMA RESPOSTA)

1[ ] Educação

5[ ] Reforma agrária

2[ ] Saúde

6[ ] Violência

3[ ] Desemprego

7[ ] Outra (dizer qual): .....

4[ ] Desigualdade Social

59. Como é que o Sr.(a) acha que o problema mencionado na questão anterior poderia ser solucionado? (MARCAR APENAS UMA RESPOSTA)

1[ ] Por intermédio dos políticos que têm que fazer alguma coisa, encontrar alguma solução

2[ ] Por intermédio dos políticos que, porém, só vão solucionar esse problema se o povo fizer muita pressão

- 3[ ] Como os políticos não solucionam nada, é o povo que tem que encontrar a solução e lutar por ela
- 4[ ] Com uma transformação radical da sociedade
- 5[ ] Não existe solução para problemas desse tipo      9[ ] NS/NR

60. Qual a qualidade mais importante que um líder político deve ter?  
(MARCAR UMA SÓ RESPOSTA)

- 1[ ] A moral: a honestidade, a sinceridade, a força moral, etc.
- 2[ ] A competência: o conhecimento, o preparo, a experiência, a instrução, a inteligência
- 3[ ] Os ideais que ele defende: liberdade, igualdade, democracia, etc.
- 4[ ] As qualidades pessoais: simpatia, popularidade, simplicidade, etc.
- 5[ ] A capacidade de mudar o país, de revolucionar tudo
- 9[ ] NS/NR

61. Com qual das afirmativas o Sr.(a) CONCORDA MAIS?  
(MARCAR APENAS UMA RESPOSTA)

- 1[ ] Cada um deve viver dentro da realidade e considerar as coisas muito difíceis apenas sonhos que nunca vão se realizar
- 2[ ] Quando as pessoas sonham com uma coisa devem tentar transformar o sonho em realidade
- 3[ ] Quando as pessoas querem muito uma coisa, devem lutar de todas as maneiras para realizar o seu sonho      9[ ] NS/NR

62. E qual o seu maior “sonho”, a coisa que o Sr.(a) mais queria ver realizada?

.....[      ]

63. O Sr.(a) acha possível que este sonho seja realizado?

- 1[ ] Sim, porque é uma coisa fácil e simples
- 2[ ] Sim, porque é possível e só depende do seu esforço
- 3[ ] Sim, porque mesmo parecendo impossível está disposto a lutar por isso
- 4[ ] Não, porque não depende do Sr.(a), só se for a vontade de Deus

5[ ]Não, porque depende de mudar coisas impossíveis: o mundo, as pessoas, a sociedade

9[ ]NS/NR

Vou enunciar algumas atividades de participação política e gostaria de saber se o Sr.(a) é a favor ou contra e se o Sr.(a) participaria ou não:

ATIVIDADE	ATTITUDE		COMPORTAMENTO	
			<i><u>PARTICIPARIA</u></i>	
64.Votar em eleições	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO
65.Convencer outros para votar por um determinado candidato	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO
66.Contribuir com dinheiro para um partido ou candidato	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO
67.Contatar políticos pessoalmente	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO
68.Dedicar tempo a um partido	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO
69.Assistir a reuniões políticas	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO
70.Desenvolver atividades comunitárias que visam influenciar o governo, em nível local ou nacional	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO
71.Assinar petições	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO
72.Realizar passeatas	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO
73.Participar em greves	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO
74.Invadir recintos públicos	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO
75.Danificar propriedades públicas ou privadas	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO
76.Usar a violência	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO
77.Fazer revolução	1[ ]FAVOR	2[ ]CONTRA	1[ ]SIM	2[ ]NÃO

78. Na sua opinião, o que é revolução?

---



---



---



---

79. O Sr.(a) acha que, no Brasil, os pobres podem melhorar de vida?(LER CADA FRASE. MARCAR UMA RESPOSTA SÓ)

- 1[ ] Sim, quando conhecem as pessoas certas  
 2[ ] Sim, se for a vontade de Deus  
 3[ ] Sim, quando se esforçam  
 4[ ] Sim, quando conseguem estudar  
 5[ ] Sim, se houver uma revolução que mude o país  
 6[ ] Não, no Brasil não há como o pobre subir na vida    9[ ] NS/NR

80. O Sr.(a) é a favor ou contra uma profunda transformação social para diminuir as desigualdades sociais no Brasil? (MARCAR APENAS UMA RESPOSTA)

- 1[ ] A favor      2[ ] Contra      3[ ] NS/NR

81. Com qual dessas afirmações o Sr.(a) CONCORDA MAIS ?

- 1[ ] Os meios institucionais (por exemplo, partidos políticos) podem solucionar o problema da injustiça social  
 2[ ] O problema da injustiça social só pode ser resolvido pela revolução  
 9[ ] NS/NR/NSA

82. Se, para realizar a transformação social, em determinadas circunstâncias, fosse necessária a revolução, o Sr.(a) :

- a) Estaria a favor?      1[ ] Sim    2[ ] Não      9[ ] NS/NR/NSA  
 b) Participaria?      1[ ] Sim    2[ ] Não      9[ ] NS/NR/NSA

83. O Sr.(a) acredita que a revolução tem condições de ser realizada por meio de uma ampla e organizada mobilização popular que possa

tomar o poder sem resistência?

1[ ] Sim 2[ ] Não

Neste caso, o Sr.(a) participaria 1[ ] Sim 2[ ] Não

9[ ] NS/NR/NSA

84. Caso houvesse resistência e, se para realizar a revolução, fosse necessário o uso da luta armada, o Sr.(a):

a) Estaria a favor? 1[ ] Sim 2[ ] Não 9[ ] NS/NR/NSA

b) Participaria? 1[ ] Sim 2[ ] Não 9[ ] NS/NR/NSA

85. Em que circunstâncias admite o uso da violência revolucionária (ação armada)?

\_\_\_\_\_ [ ]

86. Se fosse por um bom motivo, uma boa causa, o Sr.(a) estaria disposto a trabalhar e lutar por uma revolução?

1[ ] Sim 2[ ] Não

9[ ] NS/NR/NSA

87. Que bom motivo ou boa causa poderia ser essa?

\_\_\_\_\_ [ ]

## ANEXO B: ROTEIRO DA ENTREVISTA ESTRUTURADA

1. Você adotou a via revolucionária como forma de transformar a realidade política e social?
2. Com que idade e por que razão fez esta opção?
3. Você vê alguma relação entre idade e revolução?
4. Você era estudante? Grau (...) Trabalhava?
5. Tinha crença religiosa? Qual?

6. Onde residia? (urbano ou rural)
7. Qual a classe social a que pertencia à época e a que pertence hoje? (IBGE: ABCDE)
8. Como se deu sua evolução profissional? Empregos, cargos, funções?
9. Quem eram seus líderes e inspiradores?
10. Quais eram os seus ideais ou crenças, as suas utopias?
11. Suas crenças ou ideais e utopias da época persistem? (por exemplo: Qual era sua visão à época de sua militância revolucionária e qual é ela hoje sobre:
  - a. Nacionalismo?
  - b. Propriedade dos meios de produção (pública/privada)?
  - c. Relações internacionais?
  - d. Processo de globalização?
  - e. Mercado como regulador?
  - f. Responsabilidade privada/responsabilidade pública pelo que as pessoas fazem?
  - g. Cuba?
  - h. China?
  - i. Rússia (ex-URSS)?
  - j. Albânia?
  - k. Guerrilha?
  - l. Guerrilha no Brasil (Araguaia)?
  - m. Guerrilha defensiva para combater ditadura?
  - n. Guerrilha ofensiva para instalar novo sistema?)
13. Se mudou, que razões e em que idade ocorreram essas mudanças? Você mudou ou o mundo mudou? (Por exemplo: teve algum embate com grupos extremistas de esquerda que tenha contribuído para empurrá-lo para a direita?)
14. Qual era o significado de revolução à época e qual é o significado de revolução hoje para você?
15. Conhece alguém que se tenha tornado revolucionário na maturidade, ainda que tenha sido conservador em sua juventude?
16. Num *continuum* de 10 para 0 à esquerda e de 0 para -10 à direita, onde você se situa nas décadas de: 1960, 1970, 1980 e 1990 (atual)?



Esta última pergunta serviu de base para a elaboração da Figura 1 (p.173), que mostra a média de pontos do conjunto dos entrevistados, por década, segundo sua auto-avaliação.

## **ANEXO C: TÉCNICAS DE ENTREVISTA**

### **UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA  
PESQUISA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE JUVENTUDE E REVOLUÇÃO  
TRABALHO DE MESTRADO: HERMES ZANETI**

### **TÉCNICA DE ENTREVISTA**

(Adaptado do texto da professora Maria das Graças Rua –  
REL – UnB)

#### ***Apresentação***

Esta é uma pesquisa por amostra domiciliar que tem por objetivo realizar um levantamento de opiniões. Neste documento, serão apresentadas algumas informações e instruções importantes para o trabalho do entrevistador.

#### ***Seleção***

Você receberá, juntamente com os questionários, os locais já selecionados previamente e demais informações.

#### ***Sorteio do entrevistado***

Na tabela abaixo, anote apenas as pessoas que:



### *Como sortear o entrevistado*

Na primeira coluna da **Tabela de Sorteio do entrevistado** você encontrará em cada linha um número correspondente à quantidade de moradores encontrados no momento da entrevista.

As colunas seguintes referem-se às entrevistas realizadas, por ordem crescente. Em cada linha dessas colunas você encontrará um número escolhido aleatoriamente, correspondente à pessoa relacionada na tabela de seleção. Você identificará esse número cruzando a linha correspondente à quantidade de moradores com a coluna correspondente à entrevista daquele momento.

Exemplificando: Suponhamos que, na **oitava residência**, existam **seis moradores**. Ao cruzar a **linha 6** (moradores) com a **coluna 8** (entrevista), você encontrará o nº **1**, que corresponderá, na Tabela de Seleção, à primeira pessoa relacionada. É essa a pessoa que você deverá entrevistar.

### *Início da entrevista*

Ao iniciar o contato com o entrevistado, é essencial que você dê a ele alguma explicação breve e correta sobre a finalidade da pesquisa. Lembre-se de que esta é a primeira coisa que você vai dizer a ele no momento em que solicitar a entrevista.

É possível que a maioria das pessoas concorde em conceder a entrevista sem maiores preocupações quanto à sua finalidade ou quanto a quem a patrocina. Muitas pessoas, porém, solicitarão essas informações antes de decidir se concederão a entrevista ou não. Algumas pessoas precisarão ser convencidas, e, para isso, você irá recorrer a esta informação inicial e básica. Observe, entretanto, que você não deve cometer impertinências: algumas pessoas vão se recusar pura e simplesmente. Nesse caso, agradeça a atenção, de maneira séria e cordial, e use a Amostra de Substituição.

Assim, ao solicitar a entrevista, informe que se trata de um estudo sobre as opiniões das pessoas. Diga que é um trabalho sem finalidades políticas ou comerciais. Não se trata de Ibope, DataFolha, nada do gênero. A finalidade da pesquisa é puramente científica.

Esclareça que os resultados serão apresentados na forma de dados agregados, sem identificar as pessoas entrevistadas. Dessa forma, as respostas do entrevistado serão absolutamente confidenciais. Diga que você compreende que a entrevista irá tomar algum tempo do entrevistado, mas que a colaboração dele é muito importante para que o trabalho possa ser realizado.

**OBSERVE:** Há casos em que as pessoas manifestam certo desconforto com a entrevista, não porque não queiram concedê-la, mas porque imaginam que não sabem as respostas “certas”. Nesse caso, explique que, nesta pesquisa, não existe certo e errado; o que desejamos é saber as opiniões das pessoas, o que elas pensam.

**OBSERVE:** Há pessoas que concedem rapidamente a entrevista, achando que se trata de algum sorteio do tipo Baú da Felicidade. Quando for o caso, explique também que não se trata disso.

**OBSERVE:** Caso o entrevistado tenha interesse em saber porque ele está sendo entrevistado ou caso ele sugira que a entrevista seja feita com outra pessoa, responda: “– O senhor foi escolhido por sorteio. Por isso a entrevista deve ser feita com o senhor e não com outra pessoa”.

### *Orientações básicas*

Nenhuma pesquisa pode ser boa se a coleta dos dados for inadequada ou pouco cuidadosa. Não adianta ter excelentes idéias e hipóteses se os dados são ruins. Um dos pontos mais importantes a respeito de qualquer pesquisa é o seguinte: informação incorreta é pior do que informação inexistente.

O significado disso é óbvio: não adianta tirar conclusões a partir de informações equivocadas, distorcidas ou coletadas de qualquer maneira. É preferível não dispor de qualquer informação do que chegar a conclusões erradas porque os dados estão equivocados. Por este motivo, numa pesquisa como esta que estamos fazendo, a tarefa de entrevistar é da maior importância.

Existem dois grandes tipos de erro em pesquisas por entrevista. Leia atentamente sobre esses erros para que possamos controlá-los tão completamente quanto possível.

↳ O primeiro tipo de erro surge quando o entrevistador não segue fielmente as instruções para a seleção das pessoas a serem entrevistadas. É evidente que surgem erros se o entrevistador começar a substituir os sorteados por pessoas “mais acessíveis”.

↳ O segundo tipo de erro tem origem na entrevista propriamente dita. Lembre-se de que a entrevista só é possível à medida que se estabelece uma relação especial entre o entrevistador e o entrevistado. Para que a entrevista seja realizada e tenha boa qualidade, essa relação deve basear-se em dois critérios: a confidencialidade e a objetividade.

A confidencialidade refere-se ao fato de que o entrevistado vai relatar uma série de coisas a uma pessoa que ele não conhece. É claro que ele só fará isso se estiver convencido de que está lidando com pessoas e instituições sérias, decentes e responsáveis. Por isso, é essencial que você saiba estabelecer, desde o início, uma relação baseada no respeito mútuo e na cordialidade do tratamento.

A objetividade será obtida se o entrevistador não influenciar, por quaisquer meios, as respostas do entrevistado. Você não pode comentá-las, nem para negá-las nem para confirmá-las. Não deve tentar direcioná-las. Não deve tentar “adivinhá-las”: mesmo que considere as respostas mais ou menos previsíveis, evite fazer as perguntas com displicência, “só para confirmar”, porque, na maioria das vezes, estará pré-direcionando o que o entrevistado vai dizer.

É preciso insistir em um aspecto óbvio: a pesquisa pode ser prejudicada pelo simples fato de o entrevistador não estar inteiramente familiarizado com o questionário. Quando o entrevistador não conhece suficientemente o questionário, ele fatalmente transmite ao entrevistado as suas dúvidas, incentivando respostas erradas ou ambíguas. Por esta razão, você deve estudar o questionário e treinar a sua aplicação com pessoas do seu círculo mais próximo, até ter compreendido e memorizado por completo todas as questões. Todas as dúvidas que você tiver devem ser esclarecidas antes da aplicação do questionário.

Além disso, numa pesquisa desse tipo, você frequentemente encontrará entrevistados de nível educacional modesto. Nesses casos, é comum estabelecer-se uma relação de deferência. Na presença de um entrevistador da Universidade, a tendência da pessoa menos instruída é dizer “SIM” a tudo o que lhe for perguntado ou dar aquelas respostas que ela imagina que sejam as que você quer ouvir. Se você não tiver consciência disso, toda a entrevista será prejudicada.

A influência do entrevistador sobre as respostas do entrevistado pode manifestar-se de várias outras maneiras. Por exemplo, sugerindo uma resposta que você, entrevistador, considera mais desejável. Logo, é preciso ter claro que essa influência prejudica muito a entrevista e que deve ser evitada a todo custo.

**Lembre-se:** Uma boa entrevista é aquela na qual o entrevistador consegue manter um equilíbrio adequado entre a cordialidade e a neutralidade.

### ***Como entrevistar***

Para realizar as entrevistas de forma correta, existem alguns passos a serem seguidos:

a) Estude todas as questões até que as entenda completamente e seja capaz de fazer as perguntas sem ter que lê-las completamente. Só assim você se tornará capaz de dar certa continuidade à entrevista, na qual perguntas e respostas se sucedem naturalmente, como numa conversa.

b) A simulação é uma oportunidade privilegiada para testar a sua capacidade de compreender o questionário e de lidar com ele. Por isso, tente entrevistar algumas pessoas, antes de começar o trabalho de fato, para ter desembaraço com o questionário.

c) Ao realizar a entrevista, seja atento e fiel ao registrar as respostas, procurando escrevê-las por completo e de forma legível, especialmente

no caso das perguntas abertas. Mesmo nas perguntas fechadas, freqüentemente há perdas de informação numa pesquisa, simplesmente porque o entrevistador se esquece de marcar a resposta no questionário.

d) Lembre-se de que, desde o início do contato, você deve ser capaz de inspirar confiança nas pessoas e de fazê-las se sentirem à vontade.

- ☉ Cuidado com os trajes usados na ocasião da entrevista (roupas, jóias, etc., particularmente em áreas desfavorecidas).
- ☉ Não leve amigos, parentes ou namorado(a) quando for entrevistar. Vá sozinho. Os entrevistados ficam mais inibidos na presença de terceiros.
- ☉ Não revele detalhes do seu trabalho, ou respostas de outras entrevistas. A informação obtida é confidencial e você deve respeitar isso.

e) Mantenha a neutralidade.

- ☉ Não faça comentários sobre as respostas, apenas registre as informações. Se o entrevistado perguntar se a resposta dele está boa ou está correta, responda que a opinião dele, a idéia dele, é a coisa mais importante da pesquisa e que certamente é isto o que você, entrevistador, deseja obter.
- ☉ Não indique, por palavras ou gestos, nenhum sinal de surpresa, prazer ou desaprovação diante de qualquer resposta. Mesmo um pequeno gesto pode insinuar ao entrevistado a sua reação à resposta dele. Fique atento.
- ☉ Nunca sugira uma resposta. Não dê suas opiniões. Se o entrevistado pedir, diga que a pesquisa é sobre as opiniões dele e não sobre as suas.
- ☉ Por essas razões, faça as perguntas exatamente da forma como estão escritas e sempre na ordem apresentada pelo questionário. É importante que todas as entrevistas sejam feitas do mesmo modo para assegurar a uniformidade dos resultados.

f) Mantenha o ambiente cordial e coloquial.

- ☉ Lembre-se de que você não é um espião em missão secreta.

nem a entrevista é um teste de inteligência. Se você ficar sisudo demais, o entrevistado pode ficar muito defensivo e não dizer o que pensa. Apresente a entrevista de modo agradável e deixe que o entrevistado se sinta à vontade.

☞ Use uma maneira simples, informal e natural ao falar. Se você conhecer bem as perguntas, isto será mais fácil, pois não terá que ficar lendo o questionário.

☞ Esteja preparado para perguntas “tolas” – coisas extras, de curiosidade até mesmo sobre a sua pessoa. Responda-as de forma superficial e natural e prossiga com a entrevista.

g) Evite intimidar o entrevistado.

☞ Às vezes, as pessoas acham que o entrevistador é fiscal ou agente do governo em qualquer área. Deixe claro que não se trata disso, mas apenas de um entrevistador fazendo o seu trabalho de pesquisa.

☞ Não deixe que o entrevistado se sinta envergonhado por sua falta de informação. Se o entrevistado não sabe responder a algumas questões, evite mostrar-se impaciente com ele ou displicente. Se você perceber que ele está ficando constrangido, pode comentar que “O senhor pode não ter tido oportunidade ainda de pensar sobre isto”.

☞ Faça o possível para as alternativas soarem naturais e não deixe que pareça que você está dizendo: “O senhor também não sabe essa?”

☞ Se o indivíduo ficar confuso com uma pergunta, repita, devagar e com clareza, uma vez. Após a repetição, se ele continuar confuso, registre a resposta dada, seja ela qual for. Em caso de dúvida sobre como enquadrá-la nas questões fechadas, anote a resposta por extenso.

### *Táticas de entrevista*

a) Nunca leia as alternativas “**não sei**” (NS), “**não respondeu**” (NR) e “**não se aplica**” (NSA) de qualquer pergunta.



- b) Não registre a resposta “não sei” depressa demais. Muita gente diz “não sei...” enquanto está arrumando as suas idéias e esta expressão pode ser apenas a introdução de algum comentário significativo.
- c) Não faça as perguntas depressa demais. Faça-as de forma natural e de maneira clara.
- d) Nas perguntas abertas, anote exatamente o que o entrevistado disser, mas evite registrar coisas vagas do tipo “isto é interessante”, etc.
- e) Continue falando à medida que escreve. Se você memorizou o questionário, isso será fácil. Pergunte a segunda questão enquanto registra a resposta da primeira. Assim, o entrevistado já começará a pensar nela. Se você deixar acontecer um longo silêncio porque está anotando, ele terá mais oportunidade para se aborrecer, se distrair, etc. – e o seu trabalho renderá menos.
- f) Focalize a atenção do entrevistado nas questões. Se ele quiser falar sobre coisas pessoais ou outros assuntos, conduza-o de volta às questões. Diga algo como “Isto é interessante, mas, agora, o que o senhor diria sobre esta pergunta...”
- g) A responsabilidade de registrar as respostas é sua. Nunca deixe o entrevistado fazê-lo. O questionário não é auto-aplicável.
- h) Existem, no questionário, perguntas que você não deve fazer, mas apenas observar e anotar como, por exemplo, sexo: não faz sentido você perguntar ao entrevistado qual o sexo dele.
- i) Ao final da entrevista, repasse o questionário para ver se não ficou alguma pergunta sem resposta ou sem registro.

### *Como responder a algumas perguntas do entrevistado*

a) Se ele alegar não ter tempo para ser entrevistado, pergunte qual seria a melhor hora para você voltar. Ofereça-se para marcar um horário que seja bom para ele.

b) Se ele se mostrar incomodado com algumas perguntas e indagar por que você quer saber disto, diga que o questionário foi preparado por uma equipe de pesquisadores; diga que você foi instruído para ler cada pergunta da forma como está escrita; insista que as respostas são confidenciais e que ele não vai ser identificado; finalmente, diga que outras 1.049 pessoas em 21 cidades estarão respondendo a este mesmo questionário.

c) Se ele quer saber mais sobre a finalidade de pesquisa, diga que o trabalho dos pesquisadores é colher informações e estudar essas informações, e para isso a contribuição de pessoas como ele é muito importante. Repita o nome da instituição (Universidade de Brasília) e diga quem está coordenando a pesquisa (Hermes Zaneti).

d) Se o entrevistado estiver aborrecido e se recusar a responder a uma pergunta, diga: “Claro, o senhor não é obrigado a responder a nenhuma pergunta que não queira. Estou somente tentando conseguir a sua opinião para o nosso estudo ficar mais completo”.

➡ Se ele mantiver a recusa, não insista mais. Faça a próxima pergunta e marque NR na questão recusada.

Ao finalizar a entrevista, lembre-se:

a) Não se esqueça de agradecer pela contribuição do entrevistado à nossa pesquisa.

b) Se ele solicitar, dê o telefone do coordenador: 061- 577-2648.

c) Se você tiver dúvida, não invente: consulte a coordenação da pesquisa.

**Importante:** Tente realizar a pesquisa no período da noite, quando é possível encontrar maior número de pessoas nas suas residências.





OUTROS LANÇAMENTOS  
DA EDITORA UNB

*A formação da realidade econômica*  
Rita de Cássia L. F. Santos

*A natureza, o homem e a economia*  
Helano Maia de Souza

*Lutas, jogos e debates – 2ª edição*  
Anatol Rapoport

*Poder e sociedade – 2ª edição*  
Abraham Kaplan  
Harold Lasswell

*Sindicalismo e democracia*  
Betina Schürmann

*Política e graça*  
Christian Meier

*Política de defesa no Brasil*  
Domício Proença Jr.  
Eugenio Diniz

Biblioteca Central - UnB



B0040263

Fruto de pesquisa, a presente obra pretende conhecer a relação existente entre juventude e revolução. Foi investigado se a idade influencia a atitude revolucionária e se o status socioeconômico da família do jovem, sua religião ou sua condição de estudante condicionam a influência da idade na atitude revolucionária. Demarcando como juventude o intervalo entre os 16 e os 25 anos, definiu a atitude revolucionária como a disposição de fazer revolução para atingir o objetivo de transformação social.

O autor baseou-se na aplicação de um questionário de 87 perguntas em 21 cidades de todas as regiões do país, num total de 2.082 questionários, com 100% de aproveitamento, quando foram cruzadas mais de um milhão de informações.

Código EDU: 311600

ISBN 85-230-0619-2



9 788523 006198

O autor fundamentou ainda o seu trabalho numa pesquisa qualitativa, realizando entrevistas com jovens, com líderes estudantis e políticos, com pesquisadores e estudiosos da área como, psicólogos, sociólogos e antropólogos. Realizou, igualmente, 14 entrevistas com revolucionários brasileiros da década de 1960.